Diário de Lisboa

ANO 56.º / N.º 19149 6$00

TERÇA-FEIRA 7 SETEMBRO 1976

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

OBJECTIVO: A DESESTABILIZAÇÃO E O CAOS

Falsários de dólares ligados aos bombistas

• O comandante da P.S.P. avisava os terroristas (o local e a hora) das operações "stop"

A emissão de notas falsas de cem dólares (os «dólares algarvios») visava objectivos mais vastos que o lucro imediato resultante das operações de câmbio. Daquela organização ultimamente desmantelada (sete presos e seis em fuga) fazia parte Guilherme da Silva Lopes, industrial retornado de Angola e que ali era conhecido pela sua grande fortuna. A participação deste indivíduo várias vezes milionário, conhecido por «O Rei de Malanje» num negócio deste tipo, faz supôr que os falsários pretendiam isso sim, a desestabilização económica e o caos no País.

Por outro lado, as circunstâncias fazem crer que o fabrico das notas estaria, de algum modo, «associado» à disseminação de droga (liamba) pelo País e aos atentados à bomba um pouco por toda a parte.

Recorda-se, a propósito, que por altura da detenção dos seis elementos da organização, esta tinha fabricado «apenas» um milhão e setecentos mil dólares, dos quais 300 mil se devem encontrar em plena circulação.

Conforme referimos, Guilherme da Silva Lopes, de 60 anos, natural de Canedo do Mato, Mangualde, é homem de grande fortuna, a maior parte depositada em bancos da Suiça. Foi ele quem financiou a compra das máquinas e do material necessário ao fabrico dos dólares, tendo avançado imediatamente com 800 contos. Pessoas que o conhecem dizem-nos que «ele não tinha necessidade de se meter nisto» e não acreditam, tão pouco, que a ganância o empurrasse para tão arriscada operação.

Tudo aponta para objectivos políticos, na intenção de se arruinar a débil economia nacional, com o lançamento de dólares e outras notas: já iam adiantados os preparativos para o fabrico de notas falsas de mil escudos e de cem francos franceses.

Outras informações fazem crer que a organização do «Rei de Malanje» estaria ligada a grupos de direita no objectivo comum de arruinar a economia, por um lado, permitindo-se, por outro, dar vazão ao ódio de alguns pela Revolução que permitiu a independência de Angola a 11 de Novembro.

Continua na pág. 20

IÇADA A BANDEIRA DA FLAMA NO AEROPORTO DO FUNCHAL

Pág. 20

Eduardo Prado Coelho entrevistado pelo DL

Páginas centrais

20 PÁGINAS

«1822 — Independência ou Morte. Independência formal do Brasil. 1976 — Brasil — gendarme do imperialismo para a América Latina. Colónia norte-americana. Povo escravizado. Pedro! teu gesto foi inútil. Patriotas brasileiros.» Esta a inscrição de uma coroa de flores colocada, esta manhã junto ao monumento a D. Pedro IV, no Rossio, pelo almirante Cândido de Aragão — antigo comandante nacional dos fuzileiros e hoje refugiado político, acompanhado por um grupo de patriotas brasileiros, para comemorar o 154.º aniversário do «grito do Ipiranga», ponto de partida da luta dos brasileiros pela independência.

IMPASSE NA ÁFRICA AUSTRAL

Terminou o encontro de Zurique

• Continua a cimeira de Dar Es-Salam

A Polícia sul-africana está hoje de prevenção em Soweto, «cidade» satélite de Joanesburgo reservada a negros, a fim de se opor a qualquer movimento reivindicativo que se transforme em greve. Segundo o chefe da Polícia de Choque, o general Kriel, desde há vários dias que circulam boatos sobre um novo surto grevista. A greve aliás, teria começo hoje, feriado público na África do Sul. Convém acentuar que pela primeira vez jovens mestiços parecem aliar-se aos negros, quer em Soweto, quer em outras regiões para além da Cidade do Cabo. Ainda de acordo com o general Kriel, «a nova greve seria de duas semanas e verificar-se-ia em todo o país.» Entretanto, ontem, a Polícia abriu fogo sobre negros que tentavam (segundo informações oficiais) sabotar uma linha de caminho-de-ferro precisamente no bairro africano de Soweto. Resultado: um homem morto e um outro ferido.

RODÉSIA: «OPERAÇÃO MÃO DE OURO»

Nesta tensão que se vive na África do Sul, provocada pela oposição branco-negro, uma vez que o primeiro domina o segundo minoritariamente, chegou a Joanesburgo, procedente de Zurique, o primeiro-ministro sul-africano John Vorster, que naquela cidade suiça, travou conversações com Henry Kissinger, sobre o futuro da África Austral.

Vorster afirmou a repórteres no aeroporto que o encontro obtivera êxito, mas que as questões em discussão eram «muitíssimo complicadas».

Por sua vez, Kissinger, que hoje se encontra já em Paris para conversações com Giscard d'Estaing, declarou aos jornalistas que o encontro com Vorster tinha sido «frutífero».

O secretário de Estado norte-americano consulta hoje a França (Giscard) e a Alemanha Ocidental (Helmut Schmidt), procurando apoio (segundo a Reuter) «para um fundo destinado a dar uma «mão de ouro» aos rodesianos brancos que não desejem permanecer sob um regime negro». Esse fundo ajudaria um eventual Governo maioritário na Rodésia a adquirir as propriedades dos brancos que desejassem partir.» De notar que já ontem à noite, terminado o encontro de Zurique, Kissinger consultou com o

Continua na pág. 20

Venda de jornais estatizados

BOICOTE DOS ARDINAS PODE ACABAR HOJE

Ontem, nas bancas dos ardinas de Lisboa, faltaram os jornais «Diário de Notícias», «Século», «Diário Popular», «A Capital» e «Diário de Lisboa». Para hoje, espera-se já a resolução do problema

No prosseguimento das diligências que têm vindo a ser efectuadas para resolver o problema da venda, por ardinas, dos jornais estatizados, membros da Direcção do Sindicato Português dos Vendedores de Jornais e Lotarias estiveram reunidos durante a noite com o subsecretário de Estado da Comunicação Social, dr. Soares Louro. No decorrer da reunião, acordou-se que a direcção do sindicato convocaria hoje uma Assembleia Geral Extraordinária destinada a permitir que todos os seus associados tomem conhecimento da proposta do Governo sobre a percentagem em litígio.

Apesar de não ser possível prever em que termos concretos é que o problema vai ser resolvido, tudo leva a crer que será solucionado ainda hoje, e que os leitores dos jornais da tarde já os poderão adquirir da forma habitual.

Ontem, apesar das dificuldades que alguns leitores tiveram em encontrar o nosso jornal, a venda processou-se em termos quase normais sem que se tivesse verificado a quebra que alguns previam. Muitas tabacarias duplicaram as suas vendas e recorreram várias vezes aos serviços de expediente do jornal, a fim de obterem mais exemplares para os clientes que, aqui e além, formaram «bichas» à porta.

De um modo geral, a venda dos jornais ditos estatizados processou-se normalmente em todo o País, embora se tivessem verificado incidentes sem gravidade em Coimbra.

Nesta cidade, onde a venda dos jornais da manhã se processou normalmente, grupos de ardinas reuniram-se junto à Estação Nova para impedir a distribuição dos jornais da tarde, tendo alguns deles tentado impedir que as carrinhas de distribuição os descarregassem. Convocada, a PSP conseguiu dispersar os grupos que se tinham formado sem incidentes de maior e os jornais foram postos à venda nas tabacarias, tendo alguns ardinas saído para a rua como é habitual.

Sindicato Português dos Vendedores de Jornais e Lotarias

CONVOCAÇÃO

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato para uma reunião a realizar hoje, dia 7, pelas 21 horas, na sede dos Vendedores de Jornais Futebol Clube, na Rua das Trinas, n.º 55 (Telefone 673955), próximo do Palácio de S. Bento, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Tomar conhecimento da proposta do Governo relativamente á percentagem dos jornais estatizados.

Lisboa, 7 de Setembro de 1976.

O Presidente da Mesa

Assinatura ilegível

O Sindicato dos Vendedores de Jornais convocou uma reunião extraordinária para hoje à noite, na qual deverá ser tomada uma decisão final sobre a venda dos jornais estatizados

Nacional

RAMALHO EANES NA POSSE DO M.R. NA MADEIRA:

"A regionalização é um imperativo político"

. «A regionalização do país, com a implantação das correspondentes estruturas locais, é uma nota constitucional que traduz uma vontade profunda do nosso povo. É portanto um imperativo político — afirmou Ramalho Eanes no uso da palavra durante a cerimónia de empossamento do coronel Lino Miguel, como ministro da República no arquipélago da Madeira, que se realizou ontem no Palácio de Belém. — Mas é também exigência para uma administração democrática e consistente, que terá de concretizar o difícil equilíbrio entre as necessidades de um real desenvolvimento acelerado a curto prazo e a escassez dos recursos disponíveis — prosseguiu o Presidente da República. — Só a aceitação da voz política das regiões permitirá ao Poder central uma aplicação eficaz e equilibrada dos recursos de que Portugal dispõe, encontrando na diferenciação regional os laços orgânicos que reforçam a unidade nacional. Assim ficará mais forte a nação que somos».

Presidida pelo general Ramalho Eanes, à cerimónia estiveram presentes, além do empossado, o Primeiro-Ministro Mário Soares, o presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, o indigitado chefe do futuro Governo Regional da Madeira, Ornelas Camacho e o presidente da Assembleia Regional desta região autónoma, Emanuel Rodrigues.

«As instituições regionais, cuja expressão mais evoluída se encontra nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores, expressarão, de forma directa e autêntica, as necessidades mais urgentes das populações, porque com elas têm contacto permanente — palavras ainda do P. R., no uso da palavra e a propósito da regionalização. — Mas a sua função decisiva, neste momento de reconstrução nacional, será a procura e a proposta de soluções eficazes e ajustadas». Ainda sobre o tema: «Será na articulação permanente entre estas instituições, na íntima conjugação dos projectos existentes — disse Eanes — que se conseguirá a concretização dos verdadeiros objectivos nacionais.»

. O general Ramalho Eanes começara por falar do significado da cerimónia. «Em si mesma, esta cerimónia é apenas um acto formal — disse. — Mas no seu significado profundo é também uma abertura de esperanças a que terá de ser dado um conteúdo prático. Qualquer formalismo, mesmo quando tem a dignidade de ser constitucional, exige obras e actos políticos para que se converta em participação efectiva das populações. A normalização democrática estará garantida quando a cada uma destas cerimónias corresponder o arranque efectivo para novos programas e para novas acções».

Cõmparou as cerimónias de ontem com as cerimónias de hoje: «O regime corrupto, derrubado em 25 de Abril serviu-se das cerimónias e do falso formalismo para tentar ocultar o seu vazio político, a sua incapacidade de mobilizar o Povo Português num projecto colectivo. Também no período de instabilidade que se seguiu, houve quem se quisesse servir de oportunidades idênticas para defender objectivos próprios ou interesses ideológicos que não correspondem à vontade dos portugueses» — disse.

«Hoje, com a legalidade democrática claramente definida no voto e no texto constitucional, as cerimónias são apenas o acto que inicia uma missão — a transmissão de uma responsabilidade política que se assume perante o povo que nos escolheu — acrescentou. — A normalização democrática impõe instituições democráticas; mas exige também que os responsáveis pela actuação dessas instituições assumam integralmente o dever de respeitar a vontade popular, fazendo de cada missão que se inicia resposta concreta às esperanças legítimas dos portugueses.»

. Usou depois da palavra o coronel Lino Miguel para falar dos trabalhos que o esperam como ministro da República na Região Autónoma da Madeira.

QUEM É LINO MIGUEL

Actualmente coronel-piloto-aviador, Lino Dias Miguel começou a sua carreira militar em 1955, ingressando no corpo de alunos da Escola do Exército. Em 1958 tinha concluído o curso de Aeronáutica (diz o «curriculum»deledivulgadoque com alta classificação). Tem o «AdvanceSafetyProgramManagement Course» da Força Aérea dos Estados Unidos da América. Foi promovido a alferes em 59, a tenente em 61, a capitão em 63, a major em 68, a tenente-coronel em 72 e ao actual posto em 74. Durante alguns anos foi professor na Academia Militar. Do seu «curriculum» faz parte ainda o desempenho de vários cargos de comando e direcção designadamente em missões cumpridas nas antigas colónias de Cabo Verde, Guiné e Moçambique. Até à sua nomeação como ministro da República na Madeira era professor na Escola Superior da Força Aérea em Sintra. Tem 46 anos de idade, é oficial louvado e condecorado. Natural de Almada de Ouro, freguesia de Azinhal, concelho de Castro Marim.

GOVERNO DOS AÇORES

Entretanto, realiza-se amanhã no Palácio do Governo em Ponta Delgada a tomada de posse do Governo Regional dos Açores.

O Governo Regional é chefiado por João Bosco da Mota Amaral do P. P. D. À cerimónia, a que preside ministro da República nos Açores, deverão estar presentes as diversas autoridades civis e militares do arquipélago e bem assim elementos do Secretariado Nacional do P. P. D., que para o efeito se deslocam expressamente aos Açores.

Desconhece-se ainda a data em que tomará posse o Governo Regional da Madeira. Antes disso, ainda o coronel Lino Miguel deve chegar ao Funchal e convidar oficialmente o P. P. D. (na pessoa de Ornelas Camacho nome já indigitado) a formar o elenco governamental.

AÇORES

Mota Amaral faz contactos para Governo Regional

. O dr. Mota Amaral, antigo deputado da ANP agora investido nas funções de chefe do Governo Regional dos Açores, teve contactos com grupos parlamentares da Assembleia Regional com vista à formação do futuro Governo.

No mesmo sentido Mota Amaral contactou elementos dirigentes de Sindicatos, Cooperativas e autarquias locais, na Horta, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo.

Nesta última cidade a União dos Sindicatos de Angra, através dos seus representantes, expôs ao dr. Mota Amaral algumas das suas preocupações, especialmente no que se refere ao respeito e aplicação da Constituição na defesa dos legítimos interesses dos trabalhadalhadores.

Entre as questões apresentadas apontou-se o facto de o Tribunal do Trabalho não funcionar desde 1969 e a disparidade entre o salário mínimo nacional fixado no Continente em 4000 escudos, que continua a ser de 3300 escudos nos Açores.

Entretanto reuniu a Assembleia Regional dos Açores sob a presidência do dr. Álvaro Monjardino, para se pronunciar sobre a estrutura orgânica do Governo Regional, no sentido permitir a nomeação e posse dos seus membros, concretizando portanto o pleno funcionamento da autonomia político-administrativa do território, nos termos previstos pela Constituição.

Antes da ordem do dia e depois de lido o expediente usaram da palavra os deputados Fátima de Oliveira (PPD), José Manuel Betencourt (PS), Emanuel Botequilha (PPD) e João Luís Medeiros (PS).

Procedeu-se depois à discussão e votação do projecto do diploma que foi aprovado na generalidade, iniciando-se depois a análise na especialidade.

ALTINO DE MAGALHÃES DESPEDE-SE

O general Altino de Magalhães, comandante militar dos Açores e presidente da Junta Regional apresentou ontem cumprimentos de despedida no gabinete de Imprensa de Ponta Delgada.

Altino de Magalhães chegará a Lisboa na próxima sexta-feira.

PARA FREITAS DO AMARAL:

"A extrema-direita está a ganhar força"

. «A extrema direita está a ganhar força» — afirmou o presidente do C.D.S., Diogo Freitas do Amaral, falando aos jornalistas durante uma conferência de Imprensa dada ontem em Viena. Freitas do Amaral encontra-se na capital da Áustria a convite do Partido Popular Austríaco, na oposição e presidido por Josef Tausn. Todavia — e segundo a Reuter, que veicula a informação relativa às afirmações de Diogo Freitas do Amaral, o presidente do C.D.S. crê que não há perigo imediato de um golpe de Estado — o que não o impede de acrescentar que o crescente número de extremistas da direita representa uma ameaça de golpe maipr do que o número de extremistas da esquerda.

Ainda de acordo com a mesma fonte, Freitas do Amaral pronunciou-se acerca da actual situação política, económica e social portuguesa tendo admitido que a crise económica que o País atravessa pode conduzir a dificuldades políticas. «Quando forem aplicadas restrições para resolver a crise (económica) pode ser que as pessoas estejam prontas a aceitar um Governo imposto pelos próprios militares» — declarou o dirigente centrista.

Mais tarde, noutro encontro com a Imprensa, Freitas do Amaral voltou a bater os mesmos pontos congratulando-se no entanto com o rumo que a presente evolução política no nosso País está a tomar. Para o presidente do C.D.S., segundo a mesma agência, «o povo português, na sua luta contra o comunismo, deu uma grande vitória à democracia». Congratulou-se também com o facto de não haver, em Portugal e do outro lada da fronteira, o Exército soviético. «Se Portugal tivesse tido a desventura de ter o Exército soviético do outro lado da fronteira — imaginou Diogo Freitas do Amaral —, o estabelecimento de uma ditadura comunista teria sido efectuado em poucas semanas».

Só Carneiro visita "núcleos" do P.P.D. em Londres

. Sá Carneiro, secretário-geral do PPD, partiu ontem para Londres, para uma visita de dois dias, acompanhado do dr. Francisco Balsemão, director do semanário «Expresso». Segundo um porta-voz do PPD a viagem tem como objectivo contactar com «os núcleos» queaquele partido tem na capital inglesa, além de um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Dentro de dias Sá Carneiro terá nova viagem. Trata-se do convite que a administração da TAP entendeu fazer-lhe para o voo inaugural daquela companhia entre Lisboa e Caracas.

PUB

COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA DO CCTV INDÚSTRIA QUÍMICA

MOÇÃO

Reunidos nos dias 2 e 3 respectivamente em Lisboa e no Porto para analisar a situação criada pelo boicote patronal ao CCVT INDÚSTRIAS QUÍMICAS, os Sindicatos abaixo-assinados decidiram:

1 — REPUDIAR as manobras patronais que vêm impedindo há vários meses o início das negociações;

2 — DENUNCIAR o aproveitamento que o patronato vem fazendo do D. L. 164-A/76 para estrangular a Contratação Colectiva, bem como as provocações lançadas aos Sindicatos para adopção de formas de luta que visam responsabilizar os trabalhadores pelas crises criadas pelo patronato;

3 — ALERTAR todos os trabalhadores para que se mantenham em íntimo contacto com os seus Sindicatos de forma a que seja possível obrigar o patronato a negociar o nosso Contrato.

Sindicato dos Químicos do Norte
Sindicato dos Químicos do Centro
Sindicato dos Químicos do Sul
Federação Nacional dos Metalúrgicos
Federação dos Escritórios do Sul
Sindicato dos Rodoviários de Setúbal
Sindicato dos Telefonistas de Lisboa
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Técnicos de Vendas
Federação do Comércio de Lisboa
Sindicato dos Electricistas do Centro
Sindicato dos Electricistas do Norte
Sindicato dos Metalúrgicos do Porto
Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro
Sindicato da Construção Civil de Leiria
Sindicato dos Escritórios do Porto
Sindicato dos Tanoeiros de Portugal
Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria

Pires Veloso em breve de muletas

. O brigadeiro Pires Veloso comandante da Região Militar do Norte está a recuperar em bom ritmo das múltiplas fracturas originadas pela queda do helicóptero em que seguida há cerca de três meses.

Neste momento, só a perna esquerda se encontra engessada e, se tudo correr bem, os médicos prevêem que o doente possa começar a andar de muletas a partir do final deste mês.

CONCURSO DE CANDIDATOS PARA A ACADEMIA MILITAR

. A Academia Militar vai abrir concurso para a admissão de candidatos até 21 de Setembro.

Todas as informações sobre as condições de admissão estarão disponíveis na Academia Militar (Paço da Rainha), nos Quartéis-Generais das Regiões Militares, comandos territoriais independentes dos Açores e Madeira, nos distritos de recrutamento e nos estabelecimentos de ensino secundário.

P.S. de Aveiro debate marxismo

A Secção de Aveiro do P. S. no âmbito das suas iniciativas de formação política e cultural, vai realizar nas próximas sextas-feiras de cada semana, pelas 21 e 30, na sua sede uma série de sessões de reflexão e estudo crítico sobre o Marxismo.

D. Maria do Carmo de Pinho Maia Fernandes

. Após prolongado sofrimento, faleceu esta madrugada D. Maria do Carmo de Pinho Maia Fernandes, natural de Ovar, mãe de Maria José de Pinho Fernandes das Neves de Sousa e sogra do nosso camarada de Redacção Neves de Sousa.

A extinta era avó dos meninos José Manuel, Fernando José, Maria da Conceição, Maria José, Elisabete Fátima, Carlos José, Maria João, Maria Margarida, José Pedro e Mário José das Neves de Sousa.

O corpo encontra-se na capela de Oeiras, de onde o funeral se efectuará, amanhã, pelas 10 horas, para o cemitério local.

Ao nosso camarada Neves de Sousa e à família da defunta as condolências do «Diário de Lisboa».

post-scriptum

Passeio à Ilha da Madeira

Aproveitando o período de férias, desloquei-me à Madeira.

A paisagem é maravilhosa: as águas cristalinas do Oceano de uma transparência fantástica; as encostas bordadas verde das videiras e das bananeiras, e de toda uma vegetação exuberante, salpicadas aqui e ali de casinhas de tectos vermelhos ou pequenos aglomerados populacionais com a sua escola e a igreja; as montanhas agrestes, donde se abrangem montes e vales, as estradas em curvas sinuosas e o mar imenso.

Contrastando, porém, com toda esta beleza, há o lixo. Por toda a parte. No Funchal, as ribeiras que atravessam a cidade e que nesta época se encontram secas, servem de montureiras. Apesar de propositadamente cobertas de buganvílias, é fácil adivinhar-se o que encobrem pelos odores que exalam.

E em Porto Moniz? Dos miradouros, os nossos olhos são pequenos para abranger todo o soberbo panorama.

As rochas de lava negra sobressaem do mar azul orlado de espuma branca. Mas quem pode demorar-se a admirar a paisagem se os cheiros que vêm até nós são insuportáveis? — detritos em putrefacção e excrementos humanos.

Levados pela curiosidade e atraídos também pela beleza da paisagem e o colorido dos barcos de Câmara dos Lobos aí nos deslocámos num domingo, depois do almoço.

Pequenos barcos ancorados na baía, outros em terra. Por aqui e por ali, magotes de pescadores gozando a folga de domingo. É difícil entendê-los na sua pronúncia característica.

Rodeou-nos, de mãos estendidas, um grupo de crianças entre os 5 e os 12 anos. Descalços, mal vestidos, um ar de deficiente e insuficiente alimentação Adivinha-se o nível mental daquelas crianças. Este de 10, aquele de 11 ou de 9 anos, mas todos na 1.ª ou na 2.ª classe. Apenas um, de 12 anos, tinha feito a 4.ª classe. Já anda na pesca. O pai morreu. São 9 irmãos.

A um dos do grupo perguntei: Gostas de andar na escola? — Gosto. Dão sopa! (E os seus olhitos sorriram...)

. Esta resposta tão rápida e elucidativa veio desmentir a afirmação do guia de que «na Madeira o nível de vida é bastante elevado, não há barracas, não há gente com fome».

Por ali deambulámos algum tempo e fomos surpreendidos pelo que os nossos olhos nunca tinham visto com tamanha falta de higiene: uma praça de peixe e um matadouro.

Nuvens de moscas pousavam por toda a parte: nas bancadas, no chão, nas paredes. Tudo imundo. Nos restos do edifício onde se lê «Matadouro» há janelas largas mas sem vidros, buracos que foram portas, ferragens enferrujadas donde pendem bocados de sebo da última matança (matam às 6.ªs feiras) e as paredes... é impossível descrever!

. Aquilo é um atentado à saúde pública!

. Fica-nos um nó na garganta ao pensar no atraso em que aquela gente ainda vive (e como aceitam viver em tal atraso...)

. Fica-nos um nó na garganta ao pensar nas entidades responsáveis pela saúde pública, pela administração, pelos assuntos sociais, pelo turismo, etc., etc., que parecem desconhecer tão graves problemas.

Será que os sociais-democratas irão mesmo consciencializar aquela gente, torná-los cidadãos responsáveis conhecedores dos seus direitos e deveres?

. Será que aquelas crianças poderão vir a ter uma alimentação conveniente e ser assistidas nas suas necessidades primárias, poderão ser educadas e continuar os seus estudos?

. Será que aquelas viúvas virão a receber uma pensão que lhes possibilite a sobrevivência sem que seja necessário que um menino de 12 anos vá ao mar para ganhar (?) uma parte do sustento do agregado familiar?

. Será que os guias continuam a referir apenas os hotéis de 4 e 5 estrelas e a dizer que «na Madeira o nível de vida é bastante elevado, não há barracas, não há fome»?

Maria Laura M. Ventura
— MONCHIQUE

V.Ex.ªs permitem?

Procurando racionalizar ao máximo os meus juízos, leio com frequência o «DL». Vem isto a propósito de Democracia e Liberdade (de informação). Ontem (28/Agosto/76) comprei o meu «DL» (o que nem sempre acontece, para tranquilidade de alguns!) e meti-o debaixo do braço. Pouco depois passam por mim dois sujeitos, que só fazem este comentário, em tom... divertido: «Só vejo gajos com o DL»; claro que não teria reparado, não fora o gracejo. Posso dizer que iam bem «atentos», bem aprumados bem engravatados, bem independentes e, pelos vistos, bem pluralistas. Ainda estava perto o ardina, e sempre quis ver qual era o «bom» o escolhido por sumidades tão ajuizadas... e preocupadas. Tinha de ser... o jornal pluralista, socialista e independente; era caso para dizer: V. Ex.ªs permitem que eu não compre esse jornal?

. Continuem, amigos do «DL», continuem a fazer um jornal para nós, os que temos uma escolha tão estranha para muitos «pluralistas» e «independentes»; eles cheiram-no ao longe. Que será que tanto os preocupa: a liberdade, o pluralismo... ou a 1.ª página do nosso jornal 28/8/76?

Um leitor devidamente identificado

SERÁ O CANAL DO PANAMÁ DE INTERESSE VITAL PARA OS E.U.A.?

GREGÓRIO SELSER — IPS

. CIDADE DO PANAMÁ, (IPS) — O jornal «Southern Command News» — publicação autorizada das Forças Armadas Norte-Americanas que, apesar de não-oficial, é editado na base Quarry Heights, da zona do canal — apresenta, na sua edição de 20 de Agosto, um artigo intitulado «The Panamá Canal-Still Vital to US» (O Canal do Panamá continua a ser vital para os EU).

O artigo vem acrescentar-se aos que, nos últimos anos, participam da controvérsia em torno da soberania do canal e das suas zonas adjacentes. A partir do título, coloca-se numa posição dissidente, em relação a outra que no seio das Forças Armadas americanas afirma justamente o contrário, isto é, que a «via por água» deixou de ser essencial, em termos de segurança, para a nação que hoje a detém, em virtude de um tratado, cuja legitimidade e alcance são repudiados, quer pelo povo, quer pelas autoridades da República do Panamá.

O «Southern Command News», que representa a ala dura do Pentágono, assinala na sua crónica que «os EU consideram o canal importante para a sua defesa, na medida em que permite deslocar rapidamente forças navais de um oceano ao outro». Prossegue afirmando que: «continuará a ser um bem valioso para os EU nos próximos anos e cremos que deve funcionar com eficácia. A maior preocupação dos EU nas presentes negociações de um novo tratado é assegurar que o canal seja operacional, seguro, eficaz e esteja aberto à navegação mundial, sem discriminação alguma».

Baseado nestas determinações, o governo dos EU, segundo o jornal, procurará subscrever um novo tratado mutuamente aceitável, norteado pelo conceito de associação definida entre as partes contratantes. E seria sob esta nova relação que os EU «teriam o direito de operar e defender o canal, por um período de tempo razoável».

Mas convém explicar por que razão os observadores estão a estudar a importância destes parágrafos, pois eles contrariam recentes e conhecidas posições de homens públicos americanos, tanto no campo civil, como no militar, os quais, em síntese, punham em dúvida o valor que teria em termos de defesa e segurança, o canal e suas instalações.

Assim recorda-se que, em 1975, por ocasião de uma visita ao Panamá em companhia de Willians Clemans, subsecretário da Defesa Norte-Americano, o general George S. Brown, Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos Estados Unidos, declarou que: «o Canal do Panamá não é vital para a segurança dos EU e a sua importância primordial reside na sua contribuição para o bem-estar económico de alguns países da América do Sul». Prosseguindo, disse que «qualquer tentativa de reter o Canal pela força requeriria cem mil homens, e muitos outros seriam necessários adicionar, para manter as linhas de abastecimento. Estaríamos a envolver-nos numa luta contra homens que não poderíamos identificar, e no momento e lugar que eles escolhessem. Ao meu ver, esta não é a maneira de assegurar a manutenção da operacionalidade do canal».

As declarações de Brown reflectiram posições similares tomadas por outros dirigentes de alto nível, inclusive o Presidente Ford, que em Abril passado, durante uma conferência de Imprensa em Houston, Texas, declarou que «num contexto geral, o Canal do Panamá é hoje tão importante como no passado, e por isso estou a tentar manter a sua utilidade, sem derramamentos de sangue, e sem guerra de guerrilhas. Se rompessemos as negociações existiria, então, a possibilidade de que o canal fosse inutilizado».

Por seu lado, o Contra-Almirante Gene Laroque, reformado, manifestou a sua convicção de que «o canal é de pouca importância para os EU do ponto de vista militar, dado que é muito vulnerável em tempos de paz. Por exemplo, somente dois mil barcos americanos uitlizaram o canal no ano passado e, destes, apenas treze pertenciam à Marinha de Guerra».

Chama-se a atenção para que objecções deste calibre tenham sido mencionadas no extenso artigo do «Commanders Digest» (25 de Março, volume XIX, número 7), publicação especializada do Departamento de Defesa, no qual de maneira alguma se retira o valor militar do canal, nem a sua significação bélica:

. «Historicamente, o Canal do Panamá representou uma importante contribuição militar à segurança do nosso país. Continua a ser um ponto estratégico importante, cujo uso favorece a capacidade de reforço e abastecimento oportuno para as Forças Armadas dos EUA. A sua vantagem estratégico-militar repousa na economia, e na flexibilidade, que proporciona, para acelerar a deslocação de forças militares e o apoio logístico por mar entre os oceanos Atlântico e Pacífico, para outras áreas do Ultramar».

A análise insiste em que «para um futuro previsível o canal continuará a ter valor económico e militar para os EU e, por tanto, cremos que deva continuar a funcionar eficientemente», pois o «objectivo principal» que a União persegue nas actuais negociações é o de «assegurar» que o canal «continue operante, seguro, eficiente e aberto, sem discriminação, para a navegação mundial». De acordo com este interesse básico dos EU, o governo «está a tratar de formalizar um novo tratado, mutuamente aceitável, baseado numa associação».

Aqui salienta-se que o texto do «Southern Command News» foi extraído do «Commanders» Digest», impressão que se confirma ao comparar ambos os artigos. O fundamental, em ambos os casos, é o destaque dado à necessidade de um po-

. Continua na pág. 4

MOÇAMBIQUE HOJE (VI)

A REVOLUÇÃO VERDE EM MOÇAMBIQUE

Por WILFRED BURCHETT

. A medida mais audaciosa tomada pela direcção da FRELIMO em Moçambique, é a de tentar reestruturar totalmente o campo, reagrupando o campesinato em aldeias comunais. Para os camponeses isto representa uma ruptura total, tanto com o antigo estilo de vida como com os velhos métodos de produção. Como qualquer outra das novas medidas adoptadas, esta apenas pode ser parcialmente considerada como nova, uma vez que é também consequência das experiências realizadas nas Zonas Libertadas. O presidente Samora Machel descreve estas zonas como «um laboratório político, científico e de ideias, onde ocorre não apenas a libertação física do território, mas ainda a libertação de um certo tipo de mentalidade e de sistema...»

. O êxito desta iniciativa que bruscamente modifica a vida de mais de 90 por cento da população, é um teste severo de confiança — quase um milagre — depositada na chefia da Frelimo. Mas, os encarregados dos pontos-chave que eu visitei, já tinham anteriormente conseguido milagres ainda maiores de persuasão entre o campesinato, há uma década, ao empreenderem a luta de libertação.

Na província do Niassa (que embora seja a província maior do país é a menos populosa), uma das primeiras áreas onde se iniciou a guerrilha, chefiando este programa, em Mataca, está o Comandante Laitone Dias, de 37 anos, um veterano de constituição física poderosa e de poucas palavras, mas de uma grande energia. Quando veio para a área em 1965, a sua tarefa consistiu, segundo as suas palavras, na «mobilização política do povo» para a luta armada. O que é que isso significa?, perguntamos.

«Primeiro tivemos que convencer as pessoas da nossa vontade séria de iniciar a luta armada. Muitos não acreditaram em nós. Depois, não só da nossa firme e séria vontade de lutar, mas também que iríamos ganhar. Muitos mais não acreditaram nisso. Levou-me muito tempo — mais do que um ano. Aqueles que se tinham convencido que iamos para a luta — e que ganharíamos — tinham então que ser persuadidos a abandonarem as suas aldeias e a retirarem para a floresta, longe das estradas e dos centros administrativos. Alguns estavam convencidos que a luta armada ia ser empreendida, mas não que a iamos ganhar — esses fugiram para a Tanzânia, Malawi, Zâmbia e Rodésia. Outros vieram para a floresta. A luta armada teve início quando emboscámos as patrulhas portuguesas que estavam a tentar perceber porque os habitantes das aldeias tinham subitamente desaparecido».

Nas florestas, aqueles que eram mais corajosos tiveram que modificar os próprios métodos de trabalho em favor da produção colectiva. Portanto, agora, trata-se de tentar persuadi-los a sairem das florestas e a construir uma nova aldeia comunal. É obviamente uma brincadeira de crianças comparado com a original «mobilização política». Em Mataca, dúzias de famílias voltaram do exílio e deitaram-se ao trabalho de construir uma nova aldeia e uma nova vida, demonstrado um entusiasmo considerável.

A primeira definição que ouvi do que é uma aldeia comunal foi durante uma paragem numa estrada remota da província da Zambézia, onde um grupo de pessoas estavam a construir umas casas o que, na fase em que as vi, significava que atavam vigas umas às outras com fios de casca de árvore formando esqueletos que mais tarde seriam cobertos com terra lamacenta. Na maioria eram pessoas de meia-idade, de caras enrugadas e deformadas, como se tivessem sido esculpidas no carvão: descalços, em tronco nu, as calças esfiapadas...

«O que é que vocês estão a fazer?» — perguntei quando se nos juntaram todos.

«Estamos a construir qualquer coisa de bom para o povo».

«Mas o quê, exactamente?»

. *«Uma aldeia comunal.»*

. *«O que é isso?»*

. *«É uma aldeia onde vivemos todos juntos, temos o nosso hospital, uma escola, um balneário, uma maternidade, um pequeno orfanato, uma loja do povo, uma torre de água e uma grande sala para as reuniões públicas»*, respondeu-me um velho engelhado que ia enumerando pelos dedos os vários projectos.

Ouve uma gargalhada geral quando perguntei se antes não tinham tido nenhuma destas coisas:

. *«Para qualquer destas coisas tínhamos que andar 15 km a pé até Namacurra (o centro de distrito mais próximo). Se transportávamos alguém seriamente doente esperávamos horas no hospital até todos os brancos terem sido tratados mesmo se eles só tivessem os*

Continua na pág. 9

Geral

Moçambique hoje

Continuação da pág. 3

dedos magoados».

O grupo de cinquenta pessoas actuava nessa semana como «brigada de construção», as outras brigadas estavam na colheita do arroz. Este ano ainda fizeram «machambas» individuais; só no próximo ano terão campos cooperativos. Mas mesmo assim os trabalhos das colheitas estavam já a ser realizados colectivamente.

Foi só há três meses que o Comité Central da Frelimo publicou um decreto impulsionando a formação das aldeias comunais. A ideia parece ter começado rapidamente a deitar raízes nas antigas Zonas Libertadas, como o fui confirmar quando visitei as províncias de Tete, Niassa e Zambézia que juntamente com a província de Cabo Delgado foram as áreas pioneiras da resistência. A situação agrícola anterior à independência foi-me resumida pelo Ministro da Agricultura, Joaquim de Carvalho, outro dos chefes veteranos da resistência:

. *«Quando os portugueses vieram só se instalaram em terras que consideraram férteis. Nessa época — Século XV — Portugal não se encontrava ainda completamente desenvolvido para poder colonizar grandes territórios como Angola e Moçambique. Mais tarde fizeram concessões enormes às companhias majestáticas que tinham o direito de explorar não só a terra mas as pessoas que nela habitavam, tornando-as assim em propriedade tributária da companhia. Em tempos mais recentes Salazar pretendeu colonizar pela intervenção directa do Estado, começando por reduzir o tamanho das terras arrendadas pelas companhias e enviando colonos. Quando estes chegavam, podiam procurar e escolher quais as terras que queriam e pura e simplesmente expulsar os «nativos». Esta era a situação quando nós aparecemos em cena e iniciamos a luta armada.*

«De cinco milhões de hectares de terra cultivável, 50 por cento estava nas mãos dos colonialistas, dando uma média de 20 hectares a cada — e como se sabe estes eram de longe os melhores 50 por cento. 9,2 por cento da população possuía 49,9 por cento da terra e 76,2 por cento da população possuía 23,7 por cento da terra com possessões inferiores a 2 hectares cada, os outros 23,6 por cento com possessões entre 2-20 hectares tinham 26,4 por cento da terra.

«Os camponeses moçambicanos foram desviados para as regiões estéreis e os portugueses nada fizeram para os ajudar a desenvolver novas técnicas. Deixaram-nos como os tinham encontrado 500 anos antes, privados da evolução normal das técnicas do cultivo pela sua própria presença. Actualmente o cultivo ainda é feito pelos meios tradicionais, seminómadas, em que os membros da clã se movimentam na mesma região, desbravando e queimando clareiras na floresta, mudando-se quando o solo está exausto. As aldeias comunais são o método mais correcto de resolver muitos problemas — fazendo alternar as culturas em vez dos campos, trazendo facilidades sociais à população rural e introduzindo a ciência e a técnica na agricultura.

«Temos que prever que à medida que a situação se vai desenvolvendo a mecanização será introduzida, e isto tem de se tomar em conta no planeamento das aldeias comunais, assim como o espaço de armazenamento para as colheitas, facilidades para as trocas comerciais, o fornecimento de sementes seleccionadas e adubos exactos...»

. O estado primitivo da agricultura em Moçambique tem de ser visto para se poder acreditar. Enquanto viajei milhares de quilómetros só vi duas charruas — uma puxada a cavalo, outro por gado. Era sintomático que um pedido de ajuda à ONU para ajudar o país a tornar-se auto-abastecido em alimentos, depois da imposição de sanções contra a Rodésia, não era uma lista de tractores, mas de um milhão de enxadas, 500 000 facas de mato, 200 000 foices e 100 000 pás!

. Em Matacua, uma das 3 aldeias piloto que os peritos do Ministério da Agricultura ajudaram a desenhar, tudo está planeado na base da vinda, um dia, de tractores e por isso os campos chegam a atingir os 250 hectares, nivelados e limpos de pântanos. Uma brigada de fabrico de tijolos trabalhava batendo a terra húmida dentro enquanto outros tentavam secar o solo. No local marcado para a área residencial, os tijolos secos estavam a ser utilizados na construção de casas como nenhum aldeão jamais antes sonhou vir a ter — cada casa tem 4 quartos e uma sala com capoeiras atrás para os coelhos e as galinhas, e todo o espaço livre entre cada casa. Nas construções foram previstas medidas para o dia em que a electricidade e a água canalizada fossem montados. E, de acordo com o decreto do Comité Central, em cada aldeia comunal foi também previsto o espaço para ser construída uma pista de aviões ligeiros ou pelo menos para um helicóptero pousar. Filas de mulheres jovens, cantando ao ritmo do trabalho, quase todas elas com os filhos às costas, capinavam de forma a duplicarem o tamanho de uma pequena horta de vegetais de um hectare onde as velhas regavam as alfaces, cenouras couves e feijões — os primeiros vegetais resultantes do seu trabalho colectivo. Os estudantes da Universidade do Maputo, discutiam planos com Inácio Muava, o responsável por toda a produção da nova aldeia, para represarem um riacho que corria aos pés das hortas de vegetais, de forma a que se processasse a irrigação nesta área de vegetais que cresciam rapidamente. Era evidente que a aldeia comunal da Mataca tinha tido um começo com êxito. Havia organização e entusiasmo.

De acordo com o decreto do Comité Central, a formação das aldeias comunais tem de ser voluntária, e isto significa que o sucesso das aldeias pioneiras nas antigas Zonas Libertadas será um factor crucial no estímulo da sua formação e crescimento noutros locais. É característica dos camponeses de todo o mundo a sua fraca adesão à modificação de hábitos; têm de ser convencidos pela prática ou por exemplos para decidirem a avançar mais um passo. Mas uma vez o passo dado, geralmente não há retrocesso. A ideia de libertar um país inteiro de um tipo de agricultura arcaica de desbravamento e queimadas com sementes a serem largadas dentro de buracos feitos por um pau ponteagudo, para criar um país de grandes campos estáveis que cedo serão arados por tractores e helicópteros sobre o horizonte, representa um salto tremendo para o futuro. A ideia de casas com janelas, aldeias com água corrente, creches para arrancarem os filhos das costas das mães trabalhadoras, clínicas, celeiros, lojas, nem mesmo em sonhos aparecia à maioria dos camponeses de Moçambique há menos de um ano. Mas estão-se a tornar numa realidade em cerca de meia dúzia de aldeias pioneiras que indubitavelmente se tornarão pontos essenciais para as delegações de curiosos de todo o país quando começarem a funcionar. É necessário uma chefia confiante e arrojada para projectar tais empreendimentos e para os concretizar.

«Apesar de sermos um país onde os recursos agrícolas do solo e da água são superabundantes», disse o presidente Samora Machel num discurso proferido a 25 de Outubro de 1975 «pre anunciando» o decreto sobre as aldeias comunais — *«somos forçados a importar produtos agrícolas e a maioria dos nossos camponeses vive numa miséria atroz, privados das principais conquistas da Humanidade...».* O decreto desenvolve este ponto e declara: *«Os colonialistas conheciam esta realidade, utilizaram e agravaram o isolamento do campesinato para impedir trocas de experiência e a coordenação, a unidade do campesinato mais explorado. O facto é que, se as massas campesinas exploradas se organizarem, se viverem e trabalharem em conjunto nas aldeias comunais, podem coordenar e unir os seus esforços, criando bases sólidas para o seu desenvolvimento político, social, cultural e económico — enfim, em breves palavras um melhoramento a todos os níveis nas suas condições de vida».* Se os camponeses de Moçambique se convencerem disto e actuarem nesse sentido, a Frelimo ganhará uma batalha, que ficará em segundo lugar depois da luta contra os colonialistas portugueses. Um factor vital passa pelo objectivo primordial nesta etapa de formação das aldeias comunais: melhorar a dieta diária dos aldeões, ajudando-os a produzir o suficiente para que cada família tenha três refeições diárias adequadas. A próxima etapa é a de assegurar que possam receber o justo valor pelo excedente que produzam na próxima estação ou nas outras que se seguem.

Visitei uma aldeia comunal — a uma hora de Lichianga, capital da província do Niassa — onde, objectivamente falando, o material humano era o menos prometedor. Estava inteiramente habitado por famílias que tinham fugido para o Malawi para evitarem a luta armada. A vitória convenceu-os que os organizadores da Frelimo de há uma década tinham então razão e portanto também a deviam ter agora. As suas primeiras culturas estavam a rebentar: as plantas de girassóis, eram de má qualidade de visto a estação já ir avançada quando deitaram mãos ao trabalho, mas as hortas de vegetais estavam viçosas. Uma das activistas mostrou-me orgulhosamente os molhos de couves e de alfaces excelentes de onde já outras tinham sido colhidas: *«Estas são as melhores»* disse-me ela, *«e estamos a deixá-las espigar para o próximo ano».* Nessa aldeia não havia muita comida e a tentação de comê-las deve ter sido forte. *«Trabalhamos todos juntos em grandes plantações, parecia-nos difícil de princípio»,* disse-me ela. *«Mas os resultados foram óptimos. Estamos a comer os nossos primeiros alimentos aqui produzidos. É mais divertido, trabalhar-se em conjunto. Vemos que as dificuldades são temporárias e que a vida ser-nos-á mais fácil em cada estação que vai passando».*

Este tipo de modificação de mentalidade justifica a confiança de Samora Machel e dos seus camaradas na direcção da Frelimo em que o programa das aldeias comunais iria deitar raízes.

Canal do Panamá

Continuação da pág. 3

vo tratado, atendendo a algumas reclamações e reivindicações do Panamá, como um modo mais adequado de não renunciar ao usufruto do Canal, que continuam a considerar como indispensável à segurança dos EU. Neste sentido são importantes os parágrafos, abaixo citados, da publicação do Departamento da Defesa:

. «Se julgamos necessário um novo tratado, vemos que se trata menos da natureza da nossa posição legal na zona do canal, do que da melhor maneira de assegurar a protecção contínua do nosso interesse fundamental no canal. Mais especificamente, devemos considerar o custo de perpetuar o exercício da jurisdição total dos EU sobre a zona do canal Isto permitirá que os EU continuem a proporcionar forte protecção para o canal.

«Temos de ter sempre em mente que o interesse fundamental, que temos no canal é o de mantê-lo aberto, seguro, eficiente e neutro. Qual a melhor via para o conseguir? O exercício da jurisdição geral sobre a zona do canal não tem sido um fim em si mesmo, mas sim um simples **meio** de assegurar esse interesse fundamental.

Actualmente, a nossa habilidade para proteger os nossos interesses, mediante o exercício desta ampla concessão de autoridade jurisdicional, está a ser seriamente posta em dúvida. E é por isso que cremos que um novo tratado, baseado no conceito de associação, e similar a outros convénios, com os nossos aliados em todo o mundo, oferece o melhor meio de proteger os nossos interesses básicos.

«Depender hoje do exercício perpétuo de direitos soberanos, converteu-se numa fonte de tensão desnecessária. Está claro que nenhuma relação internacional, negociada na mais de 70 anos, poderia durar para sempre sem um substancial reajuste. Aderir ao conceito de perpetuidade no mundo actual sujeito a rápidas mudanças, não só é irreal, como perigoso. Com efeito, uma relação que não oferece a possibilidade de uma revisão e de ajustes periódicos, produziria uma espécie de ambiente hostil, que colocaria em perigo o próprio interesse, que com a perpetuidade se julgava defender.

Resumindo, um novo tratado baseado numa associação, «daria aos EU os direitos de que necessita, restituiria o direito de intervir ao Panamá e fortaleceria os interesses mútuos num canal bem administrado e seguro».

A divergência, nos aspectos de política e de estratégia internacional, não são nos EU uma «simples questão de opinião». No entanto chama atenção, no caso do Canal do Panamá, para a forma tão contraditória como surgiu, uma vez que a defesa e segurança nacional exigem uma identificação de ideias, especialmente nos quadros militares. A incógnita sobre estes aspectos só se revelará a partir do resultado das próximas eleições na União. Então se saberá quem são os «duros».

SALDOS

50 %

VÉRTIGO

Av. Roma, 17-B
Edifício Castil — R. Castilho
LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

CURSO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

Avisam-se todos os interessados que pelo Despacho n.º 74/76 do Secretário de Estado do Ensino Superior passa a funcionar a partir de Outubro próximo, na Universidade Técnica de Lisboa o CURSO DE INTERVENÇÃO SOCIAL, com a duração de 4 anos, que confere o Grau de Bacharel em Intervenção Social.

As condições de acesso e frequência ao referido Curso são idênticas às processadas em outras Escolas Superiores Universitárias.

Este Bacharelato vem suceder aos antigos Cursos de Serviço Social ministrados nos Institutos Superiores de Serviço Social, que, para este efeito, cessam a sua actividade.

Quaisquer informações relativas a Matrículas, Inscrições, ou outras poderão ser obtidas na Secretaria do Curso, Largo do Mitelo, n.º 1, Lisboa-1, ou pelo telefone 57 07 10, às horas normais de expediente.

O Conselho Directivo

Delegação moçambicana na Hungria

. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique encontra-se em visita oficial à Hungria, encabeçando uma delegação do Comité de Libertação da Organização de Unidade Africana (OUA).

Chissano, presidente daquele Comité, chefia a delegação numa viagem de boa vontade à Europa Oriental.

A delegação procedia de Sofia, onde conferenciou com o ministro búlgaro dos Negócios Estrangeiros, Perar Mladenov.

Perar Mladenov declarou à delegação que a Bulgária «continuaria a dar auxílio moral político e material para ajudar os movimentos nacionais de libertação» — segundo a agência noticiosa búlgara BTA.

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES

NO DIA 12/8/76

EM PORTIMÃO

RESTAURANTE
1.ª Categoria

ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.

Cozinha Portuguesa

No BAR

Pianista privativo

Organizações FERNANDO BARATA

Nacional

Trabalhadores agrícolas de Beja reúnem-se em plenário

Delegados sindicais de concelho, freguesia e herdade, comissões de trabalhadores e comissões directivas das unidades colectivas de produção estiveram reunidos, no Estádio Municipal de Beja, em plenário promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas.

Durante a reunião foram objecto de análise os mais prementes problemas com que os trabalhadores se debatem, nomeadamente a questão da entrega de reservas aos agrários, indemnizações, estatuto da terra, crédito e previdência rural e contratação.

Quanto às reservas o texto onde se inserem as conclusões sublinha que **os representantes livremente eleitos pelos trabalhadores que se encontravam presentes, manifestam-se favoráveis à não atribuição de reservas sem que antes fossem completamente expropriadas todas as explorações agrícolas abrangidas pela Lei**. No que diz respeito às indemnizações as conclusões do plenário apontam para a crise económica vivida pelo País, que é incompatível com o pagamento de elevadas somas aos agrários. No texto afirma-se que **apesar de o Governo ter chamado várias vezes a atenção para a crise económica tem desencadeado uma política habilidosa, possibilitando, pela calada, o pagamento das indemnizações aos ex-agrários, alimentando e melhorando, em alguns casos, a situação desses parasitas.**

Sobre o estatuto da terra, os trabalhadores, reunidos em plenário, reivindicam que a terra seja património nacional **concedendo-se às unidades colectivas e cooperativas agrícolas o usufruto perpétuo dessa terra**. Os trabalhadores pronunciaram-se também sobre a questão dos créditos manifestando discordância com a atitude do ministro em fazer pagar às unidades colectivas, rápidamente, os montantes levantados através do crédito de emergência.

O problema da Previdência foi também debatido. Salienta-se nas conclusões do plenário que **pagando o juro de 6,5 por cento, é verdadeiramente escandaloso a quantia que mensalmente as unidades e herdades colectivas pagam à Previdência**. A questão da contratação não chegou a ser discutida porque não havia dados suficientes para se chegar a uma conclusão. Ficou, portanto, decidido que se iriam realizar plenários em todas as herdades e freguesias que funcionariam como plenários preparatórios de encontros a efectuar mais tarde.

As datas dos encontros já estão, porém, marcados. Assim terão lugar amanhã plenários em Beja e Castro Verde; depois de amanhã em Odemira, Vidigueira e Almodôver no dia 10 em Cuba e Mértola; no dia 11 em Ourique e Aljustrel.

Delegação do M.D.M. regressou da U.R.S.S.

A convite do Comité das Mulheres Soviéticas, organização que congrega milhões de trabalhadores da indústria, da agricultura e do sector de serviços, esteve na União Soviética uma delegação do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), composta por Maria Isaura Vieira, Luisa Ramalho, Julieta Galop, Eleonor Lourinho e Josefa Guerreiro.

As visitantes portuguesas, naturais ou residentes em diferentes terras portuguesas, estiveram em Moscovo, Kiev e Leninegrado, tendo visitado fábricas, cooperativas agrícolas, creches e jardins de infância, etc.

Comentando a viagem, Isaura Vieira diria à Novosti que «o objectivo da viagem foi tomar conhecimento da experiência soviética na organização do trabalho das mulheres soviéticas, do seu descanso, educação dos filhos, assistência médica à mulher e à criança». O «que vimos — disse — foi para nós novo e muito interessante».

Descrevendo os encontros com mulheres soviéticas das mais diversas profissões, a representante do MDM diria ainda que causou admiração à delegação portuguesa o facto de as mulheres na URSS, «quando exectam o mesmo trabalho que os homens, recebem salário igual» e concluiu que naquele país «as mulheres não são apenas o belo sexo, não são apenas mães e esposas, mas também personalidades sociais e participantes de pleno direito da vida do país».

DESASTRE DE AVIAÇÃO NAS LAJES

Última homenagem aos cantores de Caracas

ANGRA DO HEROÍSMO, 7 — Partiu esta madrugada da base das Lajes o avião «C-141» da Força Aérea dos E.U. cedido pelo Governo norte-americano ao Governo venezuelano para transportar para Caracas os corpos das vítimas do trágico acidente que, na passada sexta-feira, enlutou 68 famílias venezuelanas. Ontem à tarde, a maioria dos corpos já fora identificada, aguardando-se que uma brigada da Polícia Judiciária venezuelana chegada às Lajes por volta das 16 horas, completasse a identificação dos restantes, tarefa extremamente complicada porque apenas um dos corpos está inteiro.

HOMENAGEM EM CARACAS

Depois de três dias de luto nacional decretados pelo presidente da República, Carlos Andres Perez, Caracas prepara-se para receber o avião que transporta os corpos dos estudantes e da tripulação do avião sinistrado, com uma homenagem em que participarão milhares de estudantes e grande parte da população da capital. À hora de fecharmos o jornal previa-se que o avião fosse aguardado no aeroporto de Maiquetia por uma enorme multidão e que o cortejo fúnebre fosse um dos maiores da história da Caracas.

De acordo com declarações prestadas pelo chefe do Estado-Maior do Comando da Zona Aérea dos Açores, o controle do aeroporto fez tudo o que lhe era possível para garantir a aterragem do avião venezuelano que poderia ter-se processado em termos normais, apesar das más condições atmosféricas. O estudo da fita magnética em que ficou registada a conversa entre o piloto e a torre do comando revela que o piloto se encontrava calmo no momento da aterragem, tudo levando a crer que julgava estar sobre a pista quando o aparelho se desfez no solo, numa zona rochosa situada a dois quilómetros do aeroporto. Admite-se que o erro do piloto tenha sido causado por uma deficiência momentânea do circuito-rádio do avião, provocado pelas condições atmosféricas, já que os Açores estavam, no momento do desastre, sob a influência do furacão Emmy.

REFORMA AGRÁRIA

Festas da Colheita em Montemor-o-Novo

Estão a decorrer com grande animação as Festas da Colheita em Montemor-o-Novo, integradas na tradicional Feira da Luz, que se inaugurou no sábado passado.

As festas que terminaram no dia 12, começaram com um concerto pela banda da Sociedade Filarmónica Montemorense, e à noite o grupo de teatro da mesma colectividade, apresentou a peça «Mortos sem Sepultura» de Jean-Paul Sartre. O mais significativo do programa foi um imponente cortejo agrícola que desfilou pelas ruas da vila, ostentando mais de uma centena de máquinas agrícolas e alfaias pertencentes a 25 unidades colectivas de produção.

O «arsenal da Reforma Agrária» ao passar pelas ruas de Montemor deixou nas pessoas a impressão de que essa conquista dos trabalhadores tem de ser mantida a todo o custo.

Entretanto, os frutos da Reforma Agrária também estavam patentes ao público nos palheiros das unidades colectivas de produção. E não eram para vista. Podiam ser comprados, a preços aceitáveis, batatas, tomates, melões, feijão verde, pimentos, cebolas, grãos, alhos, frangos, alfaces, pêras, etc.

A festa das colheitas foi uma iniciativa do Secretariado das Intercomissões de Moradores e Trabalhadores, Unidades Colectivas de Produção e Sindicatos. As brigadas «Alfa» que se encontravam no concelho também contribuiram com uma ajuda para realização da festa.

ASSEMBLEIA POPULAR DE LOURES

Defendida a participação das bases nas eleições para as autarquias

Desalojamentos, eleições para as autarquias locais, e situação actual da organização popular constituiram a ordem de trabalhos do plenário das organizações de base e autarquias do concelho de Loures, o qual foi convocado pela Comissão Coordenadora da Assembleia Popular.

Estiveram presentes os conselhos de moradores de Caneças, Odivelas e Bucelas; os conselhos de trabalhadores de Odivelas e Bucelas; representantes de 42 comissões de moradores; 24 comissões de trabalhadores; 20 colectividades e associações diversas e ainda dirigentes daquela Câmara Municipal e de 13 juntas de freguesia.

Um dos documentos aprovados por maioria propõe que as organizações populares do concelho de Loures, realizem amplos debates com as populações com vista à discussão das eleições para os orgãos de poder local e que «estes debates sejam convocados e dirigidos pelas organizações populares de base e autarquias locais».

O plenário condenou ainda os saneamentos no MEIC, o terrorismo, e exigiu que sejam tomadas medidas energicas que levem à prisão de Spínola e dos «pides».

Em marcha a reestruturação da Anop

A reestruturação da Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP) terá a «colaboração íntima dos órgãos representativos dos trabalhadores», garantiu ontem o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, ao receber a Comissão de Trabalhadores daquela agência do Estado que lhe foram apresentar um relatório sobre a situação actual.

Soares Louro, anunciou, também, que será brevemente nomeada uma comissão de técnicos para proceder à reestruturação da Anop referindo espressamente, segundo o telegrama da agência noticiosa, juristas, financeiros e economistas. Não se fala no telegrama da intenção de fazer participar jornalistas nesta reestruturação.

Muito em breve vão ser nomeados dois administradores interinos para substituir os que terminaram funções um a seu pedido e o outro suspenso por determinação do Conselho de Ministros.

Armazém de cordoaria destruído pelo fogo

PORTO, 7 — As autoridades continuam a desconhecer as causas de um violento incêndio que, esta madrugada, destruiu um armazém de cordoaria em Leça de Palmeira, propriedade de uma empresa de cordoaria com sede em Matosinhos.

Dada a quantidade de produtos inflamáveis ali armazenados, o fogo tomou logo de início grandes proporções. Os prejuízos elevam-se a largas [illegible]

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 6$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE PAPEL, CARTONAGEM E AFINS ZONA SUL

Rua Silva Carvalho, 184, 1.º, Dt.º — Lisboa

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do ART. 29.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral para o próximo dia 25, pelas 15 horas, na Rua Victor Cordon, 1, 2.º, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição da Mesa da Assembleia Eleitoral, fundamentada no ART. .º, do Anexo dos mesmos Estatutos.

Lisboa, 6 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel José Cardoso Pires

PUB

INTERCAL

Companhia Nacional de Construções S.A.R.L.

ACTA DE APROVAÇÃO

Aos vinte seis dias do mês de Maio de mil novecentos e setenta e seis, reuniu-se pelas onze horas, a Comissão Administrativa nomeada para a INTERCAL — Companhia de Construções S. A. R. L. por resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1974.

A reunião teve lugar nos escritórios da TORRALTA — Club Internacional de Férias S. A. R. L., em Lisboa, na Avenida Duque de Loulé n.º 24-6.º andar e a ela compareceram todos os membros da Comissão Administrativa em exercício, dr. Carlos José de Almendra Rodrigues, dr. José Martins, dr. Francisco Pires Margarido e senhor Fernando Igrejas Ferreira Gouveia.

Foi a presente reunião convocada para apreciação das contas sociais relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1975, pelo que a Comissão Administrativa assume para tal fim, a plenitude dos poderes da Assembleia Geral da sociedade, como resulta dos n.ºs 1 e 2 do art.º 10.º do Decreto-Lei 222/B/75 de 12 de Maio, visto o teor da supra citada Resolução do Conselho de Ministros.

Tendo os presentes entrado na apreciação do relatório e contas que aqui se dão como reproduzidos e que foram aprovados por unanimidade.

E nada mais havendo a tratar, deram-se por findos os trabalhos pelas doze horas, deles se lavrando a presente acta que depois de lida e aprovada, foi assinada por todos os presentes.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Dr. José Rodrigues Martins
Dr. Carlos José Almendra Rodrigues
Dr. Francisco Pires Margarido

RELATÓRIO

1 — Por resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1974 foi determinada a intervenção do Estado para a Intercal — Companhia Nacional de Construções S. A. R. L., ao abrigo do Decreto-Lei 660/74, tendo sido nomeada para gerir a empresa a Comissão Administrativa então nomeada para o Grupo Torralta.

2 — O ano de 1975 foi um ano de recessão do sector com fortes repercussões nas actividades dele dependentes.

3 — Apesar disso, a estrutura financeira da empresa não apresenta desiquilibrios acentuados, uma vez que dispõe de um capital circulante da ordem dos 107 800 contos para fazer face a um exigível a curto e a médio prazo de 119 700 contos.

A situação financeira poderia ter expressão diferente se a venda do Imovel afecto à Secretaria de Estado do Turismo já tivesse sido concretizada, bem como o recebimento correspondente às obras do Hospital Egas Moniz e do Instituto Ricardo Jorge, cujas negociações se vêm arrastando há muito tempo.

4 — Esta situação, como é evidente, criou fortes estrangulamentos de tesouraria que nem o recurso aos circuitos bancários foram bastantes para anular as dificuldades havidas.

5 — O exercício de 1975 fechou com um resultado positivo de 149 120$32.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Dr. José Rodrigues Martins
Dr. Carlos José Almendra Rodrigues
Dr. Francisco Pires Margarido

GANHOS E PERDAS

31-12-75

DEBITO		CRÉDITO	
Despesas c/Pessoal Administrativo	3 205 657$00	Receitas Financeiras	20 409$39
Contribuições e Impostos	463 995$80	Exploração - Carpintaria	
Encargos Financeiros	741 697$01	- Lucro de exploração	164 197$60
Consultores e Auditores	23 400$00	Exploração - Construção Civil	
Despesas Gerais de Gestão	1 237 238$50	- Lucro de exploração	6 960 383$26
Exploração - Equipamento			
- Prejuízo de exploração	205 989$30		
Amortizações			
- Amortizações não imputáveis às explorações	213 351$20		
LUCRO NO EXERCÍCIO	1 053 661$44		
	7 144 990$25		7 144 990$25

O TÉCNICO DE CONTA
Alberto Sancho Relvas

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

BALANÇO EM 31/12/75

ACTIVO			PASSIVO		
DISPONÍVEL			EXIGÍVEL A CURTO PRAZO		
Caixa	197 176$30		Fornecedores	5 886 168$08	
Bancos	371 543$70	568 720$00	Organismos Oficiais	11 617 635$70	
			Clientes C/Adiantamento	10 785 375$90	
REALIZÁVEL			Credores p/ Depósitos Garantia	385 596$80	
Existências	4 231 948$40		Letras a Pagar	37 278 050$80	
Clientes	25 780 206$80		Aceites Bancários Descontados	31 420 000$00	97 372 827$28
Devedores e Credores diversos	4 710 804$90				
Letras a Receber	385 432$10		EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO		
Devedores p/ depósitos garantia	901 925$20		Mont. Geral - C/ Empréstimo hipotecár.	17 000 000$00	
Contas de Regularização - produção não facturada	71 793 233$90	107 803 551$30	Caixa Geral Depósitos - C/ Empréstimo hipotecário	5 400 000$00	22 400 000$00
IMOBILIZADO			ACCIONISTAS		20 000 000$00
Equipamento - Construção Civil e Carpintaria	11 663 344$40		PROVISÕES E AMORTIZAÇÕES		
Viaturas	768 912$30		Provisões diversas	141 683$40	
Instalações	281 792$70		Amortizações		
Móveis e Utensílios	919 829$40		- nos exercícios anteriores	7 756 020$90	
Terrenos			- neste exercício	1 412 043$80	9 309 748$10
- A. A. A. Aguiar	10 075 000$00				
- Av. do Brasil	8 957 200$00		SITUAÇÃO LÍQUIDA		
- Cruz Quebrada	9 943 662$00		Capital	5 000 000$00	
Apartamento da Penina	765 495$00		Fundo de Reserva Legal	116 273$40	
Estaleiro Fabril	3 206 058$80		Reservas Livres	700 000$00	5 816 273$40
Activo Incorpóreo	94 403$20	46 675 697$80			
		155 047 969$10	GANHOS E PERDAS		
			Lucro no exercício	1 053 661$44	
CONTAS DE ORDEM			Saldos dos exercícios anteriores	- 904 541$12	149 120$32
Devedores p/ Garantias entregues		35 171 332$60			155 047 969$10
Letras a receber - descontadas		37 085 389$20	CONTAS DE ORDEM		
Empreitadas adjudicadas		83 000 000$00	Garantias entregues		35 171 332$60
		310 304 690$90	Credores p/ letras a receber - descontadas		37 085 389$20
			Credores por empreitadas adjudicadas		83 000 000$00
					310 304 690$90

O TÉCNICO DE CONTAS
Alberto Sancho Relvas

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Nacional

PORTO

Estudantes de Economia contra o regresso do Seabra

. A reintegração do antigo director da Faculdade de Economia do Porto provocou uma forte reacção da Direcção da Associação de Estudantes da faculdade pois, segundo se afirma em comunicado ontem distribuido, o antigo director, Fernando Seabra, «desempenhava as suas funções de garante da ordem fascista com uma animosidade e zelo que não permitem colocá-lo na situação de funcionário que se limitava a cumprir ordens».

A ordem de reintegração, abruptamente comunicada pelo Poder aos estudantes, «põe em causa as mais elementares conquistas alcançadas após o 25 de Abril» na Escola de Economia do Porto, segundo o texto distribuido pela Associação. Em função disso, a AEFEP apela à população estudantil da Faculdade de Economia aos professores e funcionários para, através de posições activas de repúdio, impedirem que «todos os que tiveram papel proeminente no uso da repressão jamais consigam ministrar uma única aula ou assumir qualquer cargo nesta faculdade».

Missão cubana visita Lisnave e Setenave

. A missao cubana que se encontra em Portugal para estabelecer contratos de compra de uma doca e de unidades navais, nomeadamente rebocadores, visitou ontem, como noticiámos os estaleiros de S. Jacinto, em Aveiro, onde manteve contactos com a respectiva administração. Registe-se que os orçamentos pedidos pela delegação de Havana, chefiada pelo ministro da Marinha e dos Portos, poderão representar para o nosso país a entrada de divisas no valor de várias centenas de milha de contos.

Hoje a missão cubana visitará os estaleiros da Setenave e da Lisnave, além da Equimetal (Barreiro) especializada no fabrico de equipamentos metálicos e contentores. Na Setenave, a delegação negociará a compra de uma doca flutuante, de valor estimado em cerca de 300 mil contos, e debaterá com a respectiva administração a possibilidade de trabalhadores cubanos poderem vir a estagiar no Centro de Formação Profissional do estaleiro. Quanto à Lisnave tratar-se-á de conversações sobre a possibilidade de reparação de navios cubanos naqueles estaleiros.

A delegação regressa amanhã a Cuba, enquanto que no mesmo dia chega a Lisboa o vice-ministro cubano do Comércio Externo que deverá celebrar um convénio comercial com os representantes portugueses.

Detectadas mais plantações de liamba

. OMBAL, 7 — Foram enviados a tribunal dois plantadores de droga detidos pela GNR, respectivamente nos lugares de Usuguete e de Venda da Cruz. Na primeira destas localidades, a plantação foi apreendida numa propriedade de Carlos Luís da Silva e Sousa, que confessou ter adquirido as sementes a um amigo que não identificou. A plantação de Venda da Cruz era propriedade de António Luís Baptista das Neves, um jovem de 18 anos que afirmou não ter tido nada a ver com a plantação mas que é, ainda, acusado de ter tentado injectar um produto denominado reludium no braço de um jovem de 16 anos.

200 PÉS APREENDIDOS NAS CALDAS

CALDAS, 7 — A GNR desta cidade acaba de localizar uma plantação com 200 pés de «erva» na aldeia de Santa Catarina, numa propriedade de José Bernardino Ramalho, retornado, industrial de sapataria. O proprietário da plantação foi entregue às autoridades judiciais e reposto em liberdade depois de prestar uma caução de 80 contos.

CURSOS COMPLEMENTARES
DO ENSINO TÉCNICO
(PARA ALUNOS C/ CURSOS GERAIS TÉCNICOS)
ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93
Tel. 820221/834658

ÁLVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 706974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Imagem da abertura do Congresso da A. I. C. A., que ontem teve lugar na Fundação Gulbenkian

Congresso A.I.C.A. discute influência da arte negro-africana na arte moderna

. Os trabalhos do Congresso da Associação Internacional dos Críticos de Arte (A.I.C.A.), que este ano se realiza pela primeira vez no nosso País, iniciaram-se ontem na Fundação Gulbenkian com o apoio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Gulbenkian.

Durante cinco dias, os congressistas de vinte e dois países dissertarão sobre as relações recíprocas entre a arte moderna e a arte negro-africana a qual, segundo a A.I.C.A. «tem um papel determinante na vida período em que a África joga um papel determinante da vida mundial e se define corpo continente de esperança».

Serão discutidas cinco comunicações: «A Arte Moderna e a Descoberta da Arte Negro-Africana»; «Natureza e Função da Arte na Europa e em África: Transformação do Conceito de Arte»; «A Arte Europeia do Ponto de Vista Africano»; «Mutação da Etnologia»; e «Caminho de Uma Abertura Antropológica».

Entre as várias manifestações artísticas programadas salienta-se uma exposição dedicada às relações entre a arte moderna e a arte negro-africana para a qual já se encontram em Lisboa, vindos do «Museu do Ermitage de Leninegrado dois quadros de Picasso: «Mulher com um Leque» e «Ni numa Floresta».

Esta exposição é inaugurada, hoje no novo Museu de Etnologia, em Belém, na Av. Ilha da Madeira, que assim abre pela primeira vez, as portas ao público. Além dos quadros de Picasso já referidos, os visitantes podem ainda tomar contacto entre outras com obras de Modigliani e Nolde.

Entretanto, conforme noticiámos a Sociedade Nacional de Belas Artes decidiu acompanhar a realização do Congresso da A.I.C.A. com uma Exposição de Arte Actual Portuguesa que é inaugurada hoje à noite. A exposição no salão principal engloba um grande número de obras, representando praticamente todas as tendências de expressão seguidas entre nós.

Aeroporto de Faro vai ser ampliado

A ampliação do Aeroporto Internacional de Faro eleva-se a cerca de nove mil contos, segundo anuncia o semanário algarvio «Barlavento», que se edita na cidade de Portimão.

Segundo o mesmo jornal, o início dos trabalhos está previsto para o próximo mês de Outubro, devendo os mesmos estarem concluídos no prazo de 180 dias.

IRLANDESES NO ALGARVE

Por outro lado, um outro semanário — o «Jornal do Algarve» — afirma estar previsto de Abril a Outubro do próximo ano um considerável aumento da corrente turística irlandesa em direcção ao Algarve.

Espera-se que durante aquele período haja, com uma frequência quinzenal, vários voos fretados entre Dublin e Faro.

Festival internacional de folclore em Gouveia

. Numa iniciativa do rancho folclórico de Gouveia, e com o patrocínio Secretaria de Estado do Turismo, realiza-se no próximo dia 18, naquela vila da Beira-Alta, o primeiro grande festival internacional de folclore de Gouveia.

No festival, que compreenderá desfile etnográfico e do trajo, participarão dez agrupamentos representantivos das províncias portuguesas do Minho ao Algarve, o grupo de balet basco de Bayonne de França, e o grupo folclórico de Salamanca, de Espanha.

Congresso Havas em Albufeira

. Albufeira será, em Janeiro do próximo ano, o quadro no qual se realizará o Congresso Anual da Havas — a mais importante rede de agências de viagem da França.

O Congresso durará cinco dias, participando nele cerca de 400 pessoas entre as quais representantes de duzentos postos de vendas do grupo Havas em toda a França, principais operadores turísticos, jornalistas, representantes de turismo estranteiro em Paris e delegados das companhias de aviação.

As mulheres excluídas da Academia Brasileira de Letras

. As mulheres continuam excluídas da Academia Brasileira de Letras, uma vez que esta recusou fazer qualquer alteração nos estatutos que legalizam o sexismo. Contra a alienação dos seus pares levantou-se a voz do escritor e académico Osvaldo Orico que considerou o sucedido como «uma vergonha». Os círculos intelectuais brasileiros manifestaram também o seu protesto lembrando que recentemente a vizinha Argentina concedeu o grau de académica a Victória Ocampo, superando assim a discriminação até então existente.

A marginalização no domínio cultural é apenas um dos aspectos da repressão que se abate sobre a mulher brasileira reduzida essencialmente ao papel de dona de casa, sem estruturas de apoio nem planeamento familiar que ponha termo à clandestinidade da contracepção e à proibição do aborto.

O caso do Brasil é mais um exemplo da manipulação capitalista da mulher dado que através da subalternização desta se cimenta uma opressão geral.

Mais turistas em Macau

. O número de turistas estrangeiros exhXacau atingiu em Junho passado, o recorde de 39.118 turistas. No que se relaciona com o número global do primeiro semestre do ano, a quantidade de turistas vindos a Macau foi da ordem de 249.607.

Quanto às nacionalidades, o Japão vem em primeiro lugar depois da China e de Hong-Kong.

Recorda-se que nos primeiros semestres dos anos de 1973, 1974 e 1975, Macau recebeu respectivament4, 239.428, 230.071 e 206.062 turistas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA CIMENTOS E SIMILARES DO DISTRITO DE LEIRIA

CONVOCATÓRIA

Os sindicatos abaixo indicados convocam todos os trabalhadores do sector de cerâmica de **BARRO BRANCO E BARRO VERMELHO** para o plenário a realizar no **CINEMA DE ALCOBAÇA** no próximo dia 11-9-76 pelas 14 HORAS COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS :

1.º CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL
TABELAS SALARIAIS

— A proposta da A.P.C. é a constante na **página 11** do boletim informativo da Comissão Negociadora Sindical **n.º 5.**

— Face à decisão da A.P.C., os TRABALHADORES devem resolver se a C.N.S. deve assinar o C.C.T. Vertical ou não deve!

— O CONTRATO SÓ SERÁ ASSINADO DESDE QUE OS TRABALHADORES O DESEJEM!

—— (o) ——

— No caso de os trabalhadores decidirem não aceitar a proposta da A.P.C., cabe aos trabalhadores pronunciarem-se sobre a forma de luta a encetar para superar a situação crítica em que se encontram as negociações.

A TUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE! COMPARECE!

NOTA : As decisões tomadas neste plenário só serão consideradas desde que estejam presentes mais de 10 % dos associados dos sindicatos signatários.

Pelos sindicatos de: Cerâmicos, Metalúrgicos, Construção Civil, Químicos, Rodoviários.

Leiria, 2.3-8-1976.

Nacional

DUZENTOS CONTOS DE DESTRUIÇÃO

Marginais da Brandoa assaltam escola primária

Brandoa cresceu de súbito. É uma zona de construção clandestina, sem arruamentos, dormitório de quase 40 mil pessoas. A província que emigra está condenada a habitar nos subúrbios das grandes capitais; também os marginais e os que fazem do expediente e do biscate a sua sobrevivência.

No último fim-de-semana de Agosto (noites de 26, 27 e 28, correspondentes a sexta, sábado e domingo) a Escola Primária n.º 1 da Brandoa foi assaltada, saqueada, sobretudo destruída. Mais que o móbil do roubo o que se pretendeu foi a destruição gratuita.

Tempo de férias, a escola não tinha nenhum funcionário de serviço.

Dos assaltos foi dada ocorrência à GNR. Supôs-se que a PJ tomasse conta das investigações. O assunto não será de importância para tal — depreende-se do relatório redigido em quadriplicado pelo chefe do posto da GNR local. No entanto, os prejuízos (materiais, já que há outros, em consequências, de maior monta) elevam-se a 200 contos.

Foram 12 as salas assaltadas: os «nocturnos da Brandoa» destruiram lâmpadas, carteiras, mesas, portas, secretárias e crucifixos. Destruiram, rasgaram, inutilizaram e fizeram desaparecer documentos de matrículas, registos de transferência e ficheiros das diversas actividades da escola. As aulas não poderão abrir em Outubro — temem e afirmam preocupadas as professoras. Com é que, por exemplo, uma criança vai provar que passou da terceira para a quarta, e desta fez o exame para poder ingressar no ciclo preparatório, se a documentação comprovativa foi destruída ou desapareceu?

Para este ano está prevista uma frequência de 1400 alunos, da primeira à quarta classes. Ao todo, o corpo docente — exclusivamente feminino — é constituído por 34 professoras. As normas pedagógicas têm que pertencer necessariamente ao reino da utopia — turmas houve o ano passado com mais de 50 alunos.

VISITA GUIADA À VIOLÊNCIA GRATUITA

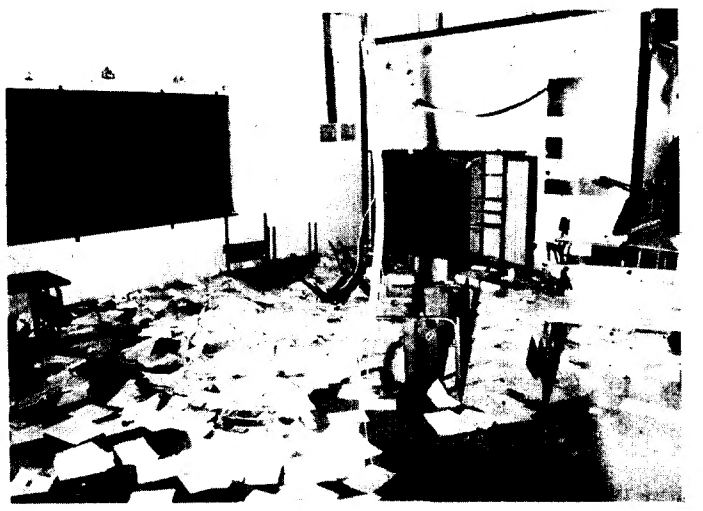
Na Brandoa há uma «boite». Fala-se que o assalto das três noites de Agosto tem atrás de si a prostituição sobretudo, e a droga também. Na visita guiada à violência gratuita — que fizemos acompanhados por parte do corpo docente e funcionárias auxiliares — as suspeitas ganharam maior credibilidade.

A sala 10 (a dos arquivos) estava completamente destruída. Pisadas e rasgadas viam-se espalhadas pelo chão guias de transferência de alunos e documentação vária.

«Como vamos começar o ano?» — Interrogava-se o presidente da comissão de gestão.

Já não era a primeira vez que assaltavam a escola — mas nunca com estas dimensões. Houvera já mesmo tentativas de assalto ao posto médico que confina com os pavilhões escolares. Daqui à suspeita de procura de droga vai um instante.

Na sala sete («esta **era** a minha sala» — diz a professora ao lado, face a uma realidade que a ultrapassa) arredaram o material (mesas e cadeiras), defecaram dentro das gavetas da secretária da professora, com algumas carteiras fizeram uma cama, servindo de lençol papel grosso de embrulho. Destruiram as lâmpadas fluorescentes, ficaram apenas à vista restos de casquilhos. De outra sala chaves nunca foram encontradas. Os assaltantes fizeram um enorme buraco na parede e transformaram o que fora espaço de crianças num amontoado de madeira e vidros estilhaçados. Na sala um, além de destruirem material didáctico fruto do longo trabalho, em conjunto, do professor aluno, acenderam uma fogueira. Pela sala quatro tinham passado as patas dos cavalos de Átila. Só a ardósia se mantinha intacta. Na sala cinco, em contrapartida, nem o menor sinal de destruição. Tudo bem arrumadinho — carteiras e cadeiras. A sala de tacos, com pontas de cigarro no chão, mais parecia o que fora um salão de baile. Ao centro: apenas duas cadeiras, alinhadas lado a lado.



A sala 10: a sala dos ficheiros da escola. Muita documentação inutilizada, muita criança sem boletim de matrícula, carteiras pelo chão. Das lâmpadas apenas os suportes suspensos e inutilizados

QUANDO CHOVE CALÇAM-SE GALOCHAS

Fizemos uma visita guiada por cicerones oscilando entre a indignação e o medo. Não houvera roubo; destruira-se a esmo.

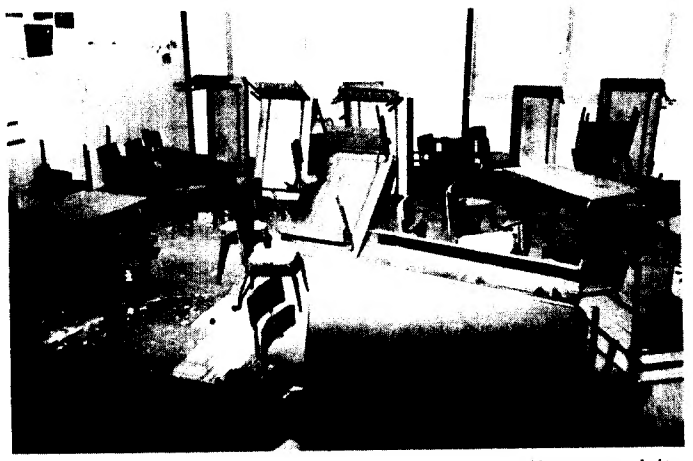
«Que segurança é que nos garantem?» — reflectiam as professoras e funcionárias.

A escola fica à entrada da Brandoa. Não se pode dizer, com propriedade, que esteja isolada. As relações do corpo docente com os pais e vice-versa têm sido exemplares. A escola, porém, não oferece condições de segurança e funcionamento cabal. Os pavilhões prefabricados estão no interior de uma cerca de arame. As terras, em declive, quando chove, transformam os pátios dos prefabricados num autêntico lamaçal. As próprias professoras para darem aulas têm de usar galochas.

As crianças patinham na lama. (Em parte lembramo-nos da história «daquele» professor de uma escola industrial que, trabalhando em condições deficientíssimas, quando chovia, mandava entrar os alunos para a sala de aulas apenas para escrever invariável (— e mandar sair depois — o sumário: Inundação).

Além da lama que as professoras atravessam em galochas, não há luz nos pátios, e quando as crianças no Inverno saem da escola já é quase noite, e a criminalidade existe neste elo «desfavorecido» da cintura de Lisboa — o ano passado uma criança foi violada, este ano elevam-se já a dois os crimes por homicídio.

As professoras e funcionárias estão compreensivelmente preocupadas. Os assaltantes destroem mais que roubam, a prática da prostituição na escola, pelos «nocturnos», ultrapassa já os domínios da hipótese. E interrogam-se: «Quem nos protege? Quem nos garante que não haverá mais nenhum assalto? Que nenhuma criança, que nenhuma de nós será atingida?» A escola é essencialmente um centro de liberdade criadora, não um espaço de formação na insegurança e no medo: na ausência de liberdade.



Sinais de destruição gratuita sucedem-se nas salas que visitamos: trabalhos escolares rasgados, mesas e cadeiras partidas, tacos levantados, armários arrombados, lâmpadas estilhaçadas. Destruição sob impunidade durante três noites de Agosto numa escola primária da Brandoa

POR UM CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PARA A UNIDADE

APELO A TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

A unidade é possível. Foi assim que no 1.º de Maio de 1976, o representante do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas Adjacentes, na linha traçada pela Carta Aberta, exprimia publicamente perante milhares de trabalhadores de diferentes opiniões sindicais, a necessidade da realização de um Congresso de todos os Sindicatos filiados ou não na Intersindical, para a Unidade.

A Unidade é possível. É assim que hoje nos exprimimos, perante o impasse que alguns teimam em perpetuar, recusando uma Comissão Nacional Organizadora do Congresso onde estejam apresentadas paritariamente as correntes de opinião com expressão no Movimento Sindical Português.

É preciso falar VERDADE, CAMARADAS.

A Verdade é uma arma ao Serviço dos explorados na luta pela sua emancipação. A mentira, a deturpação da realidade, não ajudam os trabalhadores a libertarem-se, afundam-nos mais.

Hoje os trabalhadores constatam, dolorosamente, nos seus locais de trabalho, à escala local, regional e nacional, que a **UNIDADE SINDICAL** não existe. Esta é a realidade. Afirmar o contrário é negar obstinadamente a realidade, é querer, consciente ou inconscientemente, impedir a transformação dessa mesma realidade.

Mas os trabalhadores portugueses sentem também diariamente que a **UNIDADE SINDICAL** é uma necessidade. Muitos e importantes passos foram dados depois do 25 de Abril. Nenhum trabalhador o pode contestar. O caminho da emancipação definitiva está no entanto longe de ser alcançado.

Dificuldades e obstáculos subsistem. Provam-no o dia-a-dia dos trabalhadores nas empresas e nos locais sindicais. Provam-no as tentativas por parte das forças reaccionárias de, na sociedade política portuguesa, quererem inverter a marcha iniciada com o 25 de Abril. Provam-no a libertação dos Pides e o regresso de Spínola.

As pesadas tarefas que esperam ainda os trabalhadores portugueses exigem pois a **UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL PORTUGUÊS**.

Os trabalhadores portugueses não podem conpreender, nem podem aceitar, que em nome de uma pretensa hegemonia no Movimento Sincial, em nome da Aritmética da maioria, o Secretariado da Inter seja contrário à Paridade na Comissão Organizadora, condição e garante da democracia, para ultrapassar a situação de divisão actualmente existente.

Os trabalhadores portugueses não podem compreender nem podem aceitar que o Secretariado da Inter queira discutir os problemas dos trabalhadores, que são no fundo os problemas da Sociedade, fora dela e dos meios de comunicação social com que essa sociedade conta num dado momento.

Sob que pretexto? Que os órgãos de informação não são os melhores?

Eles, representam, como outras estruturas da Sociedade, uma determinada fase da sua evolução. Não deverão os trabalhadores utilizá-los? Estranha política, camaradas!

As divergências entre os trabalhadores não devem ser discutidas publicamente? Quando elas existem? Quando toda a sociedade portuguesa sabe que elas existem? A política da avestruz de esconder a cabeça na areia nunca serviu a avestruz, nem tão pouco servirá os trabalhadores portugueses!

O exercício da democracia é o único método que os trabalhadores conhecem para ultrapassar as divisões e construir a unidade indispensável.

Não querer assegurar através da Paridade, as condições de democracia num Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade é querer perpectuar a divisão, e mais do que isso, é cavar a descrença e o descontentamento entre largas camadas de trabalhadores, abrindo a via para que a C.A.P., a C.I.P. e organizações congéneres possam vir a fomentar organizações sindicais por eles tratados.

CAMARADAS. **A UNIDADE É NECESSÁRIA!** **A UNIDADE É POSSÍVEL!**

Começámos esta batalha, e levá-la-emos até ao fim.

Estamos seguros de exprimir as aspirações profundas dos trabalhadores.

Por isso apelamos para todos os Trabalhadores, para fazer circular este apelo, em todos os locais de trabalho, nas fábricas, nos campos, nos escritórios, de Norte a Sul do País, discutindo e subscrevendo-o, individual ou colectivamente.

A vontade dos trabalhadores expressa na maneira maciça, deve poder fazer decidir aqueles que estão renitentes no Caminho da Unidade, o Secretariado da Intersindical.

Não fazemos apelo para o Estado, para o Governo ou para Lei para impor a Unidade.

Fazemos apelo para a força que reconhecemos: a vontade dos trabalhadores livremente expressa.

Por um Congresso preparado em data que garanta a sua democracia.

Pela paridade na Comissão Nacional Organizadora.

Pelo livre acesso dos órgãos de informação ao Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade.

Pela CENTRAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE.

A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Sindicato dos Trab. de Escritório de Lisboa
Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas
Sindicato dos Escritórios do Porto
Sindicato dos Motoristas do Porto
Sindicatos dos Metalúrgicos de Aveiro
Sindicato Nacional Trab. Correios e Telecomunicações.
Sindicato Livre dos Escrirórios, Caixeiros de Faro

NOTA: As subscrições deste apelo devem ser dirigidas àqueles Sindicatos.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

Trabalho

Setenave denuncia manobras

. Uma proposta aprovada, em Assembleia Geral, pelos delegados sindicais e comissão de trabalhadores da Setenave, denuncia as «manobras empreendidas pela administração da empresa e pelo Governo, com o objectivo de criarem condições sociais e salariais diferentes daquelas que são dadas aos camaradas da Lisnave».

Noutro ponto dessa proposta, aponta-se para a convocação de uma conferência de Imprensa para denúncia pública das posições assumidas «por aqueleas entidades que mais não visam senão uma tentativa de recuperação capitalista e fazer notar aos trabalhadores que as nacionalizações são contrárias aos seus interesses».

Proposta dos delegados sindicais e da C.T. da Setenave: «que sejam mandatados o grupo do leque salarial, o secretariado dos delegados sindicais e a comissão de trabalhadores para discutirem com os operários da Lisnave, meios unitários de luta contra esta tentativa de divisão no seio da classe operária».

Continua o impasse na multinacional vidreira

. A situação na fábrica de vidros Wokan, uma multinacional, de Pousos, Leiria, continua caracterizada pelo impasse, continuando parado o sector de produção de vidro, o que determina o não funcionamento de outros sectores, como o de acabamento, onde duzentos trabalhadores continuam a apresentar-se nos seus postos de trabalho.

Os motivos apontados pelos trabalhadores em greve são o não pagamento de retroactivos a partir do mês de Abril por consequência do novo Contrato Colectivo de Trabalho, parte do 13.º mês e o subsídio de férias.

No entanto, de acordo com notícias veiculadas pela Anop e recolhidas junto de um elemento da administração, a empresa estaria em dívida apenas no que respeita ao mês de Abril «porquanto em Maio estiveram em greve e a partir de Junho, inclusive, já os salários foram elaborados de acordo com a nova tabela salarial». Das mesmas declarações conclui-se que os oficiais vidreiros auferiam «há mais de um ano, vencimentos superiores à tabela salarial».

Por outro lado, o Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande informou-nos, esta manhã, que poderá ser verdade que os salários tenham sido elaborados de acordo com as novas tabelas salariais, mas o certo é que não foram pagos. Segundo o nosso informador, os trabalhadores que se encontram em greve há cerca de dois meses, pretendem receber não só os vencimentos correspondentes a este último período de greve, como o que respeita ao mês de Maio em que, igualmente, estiveram paralisados.

Outro ponto controverso: nas declarações do porta-voz da administração afirma-se que o «subsídio de férias já foi pago em 31 de Agosto», mas, contrariamente, o informador sindical afirma que tal se terá passado com os operários do sector de acabamentos que se encontram «ao serviço».

Quanto a uma carta enviada aos trabalhadores em greve, pondo-lhes a alternativa de «ou trabalho ou despedimento», o membro da administração que falou à Anop afirma que isso não aconteceu «nem acontecerá, sem a conclusão dos processos disciplinares que irão ser feitos de acordo com o preceituado na lei».

Para o representante do Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros da Marinha Grande, tal carta existiu, «só que os trabalhadores não a tiveram em consideração porque não foram cumpridos os trâmites legais».

Hoje mesmo deveriam prosseguir na delegação do Ministério do Trabalho de Leiria os contactos entre as duas partes interessadas, havendo neste momento a garantia de pagamento do subsídio de férias.

Enquanto tal, prossegue na Marinha Grande o movimento de solidariedade para com os trabalhadores da Wokan, estando praticamente assegurados novos postos de trabalho em fábricas de vidro daquela vila, para os trabalhadores em conflito na multinacional.

De acordo com as declarações do sindicalista, o industrial Wokan tem uma outra empresa na Alemanha, onde grande parte dos trabalhadores ligados à produção são naturais da Marinha Grande. De acordo com essas declarações, um processo semelhante ao que se desenrola em Portugal ter-se-á verificado naquela unidade, onde o patronato recusava o pagamento do subsídio de férias, 13.º mês e pretendia a expulsão de dirigentes sindicais. A questão teria sido julgada na última quinta-feira, tendo o industrial Wokan sido condenado ao pagamento das suas dívidas para com os trabalhadores.

Mais uma questão: a venda de produtos da fábrica de Pousos no mercado interno, o que até aqui não foi autorizado, pois a construção da fábrica, antes do 25 de Abril, foi condicionada pela exportação de toda a sua produção. A colocação no mercado nacional poderia fazer perigar os postos de seis mil vidreiros, já que se trata de uma unidade muito moderna, com grandes possibilidades num mercado de concorrência.

Afirma o porta-voz da administração: «O que a empresa pretende vender em Portugal é apenas uma pequena percentagem da sua produção, da qual grande parte dos artigos não são produzidos em outras fábricas portuguesas.

Bombeiros não cumprem portaria dos Rodoviários

. São 19 as Associações de Bombeiros Voluntários do distrito de Lisboa que não estão a cumprir a portaria de 15 de Novembro de 1975 que, de acordo com esse mesmo diploma, se deverá aplicar a todos os trabalhadores representados pelos Sindicatos dos Rodoviários e Garagens e respectivas entidades patronais, quer sejam pessoas singulares ou colectivas, de utilidade pública ou privada, com ou sem fim lucrativo, desinteressado ou altruístico, desde que não abrangidos por regulamentação específica do seu sector de actividade, bem como aos motoristas particulares e respectivas entidades patronais».

O problema foi objecto de uma entrevista com o secretário de Estado da Administração Interna em que estiveram presentes representantes da comissão de luta das Associações de Bombeiros Voluntários do distrito de Lisboa e do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários.

Bordadeiras da Madeira reivindicam segurança de emprego e regalias da Previdência

. As bordadeiras da Madeira, sector desfavorecido em relação à generalidade dos trabalhadores no que respeita à segurança de emprego, remunerações e regalias sociais, aprovaram um caderno reivindicativo consagrando as suas pretensões fundamentais.

Assim, na parte que toca às Associações dos Industriais de Bordados, as operárias exigem que se ponha fim ao pagamento das linhas; aumento do pagamento dos bordados (branco, cem por cento, tapeçaria, cinquenta por cento); e subsídio de Natal correspondente à média dos ordenados de três do ano em que houve mais trabalho.

Quanto à Previdência, reivindicam o alargamento do regime geral, com todos os benefícios, as bordadeiras, costureiras e filteiras, nomeadamente:

. — abono de família e subsídios complementares; nascimento, aleitação, funeral e subsídios vitalícios;

. — acção médico-social e subsídios de previdência; acção médica e medicamentosa, subsídio de doença, maternidade e tuberculose;

. — benefícios diferidos; subsídio de morte, pensão de sobrevivência, pensão de invalidez e velhice.

No decurso de uma recente assembleia geral do seu Sindicato, no Funchal (Sindicato Livre dos Empregados e Operárias da Indústria de Bordados e Tapeçarias da Madeira), estas trabalhadoras decidiram exigir aos governos regional e nacional não só o alargamento do regime da Previdência, mas ainda, legislação imediata que as proteja do desemprego e do subemprego.

Reafirmam, a propósito, a «firme disposição de lutar, e usar todos os meios que considerarmos legítimos e necessários para atingir os nossos objectivos, que são: direito ao pão, à protecção na velhice, na maternidade, na doença para nós e para os nossos filhos, e ao subsídio de desemprego — direitos esses que a grande maioria dos trabalhadores já possui».

ARTE FINA: JUNTA INTERVÉM

A crise no sector é exemplificada pelo caso da fábrica de bordados Arte Fina, encerrada pelos patrões em Julho, como noticiámos. Estão em risco de desemprego 83 trabalhadoras, podendo ser directamente afectadas, cerca de 850 bordadeiras (que executam o trabalho em casa, em regime de tarefa) no caso do encerramento se concretizar em definitivo.

O caso deverá ser analisado hoje, no decurso de uma reunião entre os representantes das trabalhadoras e a Junta Governativa da Madeira, por esta convocada na sequência de sucessivos pedidos de audiência feitos pelo Sindicato.

Moradores e sindicato reintegram porteira expulsa pelo senhorio

. A colaboração entre o Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares e Comissão de Moradores da Boa Hora (Ajuda) permitiu, recentemente, a reintegração de uma porteira, irregularmente expulsa do andar que habitava pelo senhorio de um prédio daquele bairro.

Noticiando o facto, o Sindicato revela os antecedentes: tentativa de espancamento da trabalhadora em causa, por esta ter exigido o ordenado legal. A porteira tentou, nessa ocasião proceder contra o senhorio, mas retirou a queixa, «pressionada por ameaças de morte do mesmo».

Desta vez, as coisas passaram-se de outro modo. Relata o Sindicato:

. «Ela, viúva, com quatro filhos, pediu-lhe um dia de licença para os ir buscar à terra. Ele prontificou-se de imediato a ir buscá-los, pois **ia para aqueles lados**.

«Durante a viagem fingiu avarias no carro, para ganhar tempo, enquanto os capangas, em Lisboa, arrombavam a porta e mandavam as mobílias pela escada abaixo, para cima de uma camioneta.

«Todas partidas, foram despejadas no meio de um monte do Alentejo, a cinco quilómetros da trabalhadora porteira, enquanto na sua habitação se instalava uma sobrinha do senhorio com as respectivas mobílias.»

. Seguiu-se a luta pela reintegração da trabalhadora expulsa, que mobilizou os moradores da zona, o Sindicato e a Comissão de Moradores. O objectivo foi atingido, e a nova locatária forçada a desocupar o andar que indevidamente decidira habitar. «De realçar que os agentes da P. S. P. intervenientes no caso (esquadra do Calvário) tiveram um procedimento correcto» — assinala o Sindicato.

A Comissão de Moradores e o Sindicato concluem que «mais uma vez se prova que a unidade e espírito combativo de trabalhadores e moradores em torno de objectivos justos e concretos conduz à vitória e ao reforço do poder popular».

"BOUTIQUE" VITÓRIA
Faltam medidas enérgicas contra o "lock-out"

. Mantendo-se em piquetes desde quinta-feira passada, as 25 trabalhadoras da «Botique Vitória», no Porto, aguardam a reabertura da firma, já que o MT prometeu, através da sua delegação naquela cidade, obrigar a entidade patronal ao cumprimento da Constituição, que proíbe o «lock-out».

Estranham, porém as trabalhadoras que ainda não tenha sido tomada uma posição enérgica contra tal ilegalidade, que ameaça lançar no desemprego mães e encarregadas de família. De algumas que não continham a sua revolta, ouvimos: «se fossemos nós que cometessemos qualquer ilegalidade estava aí a polícia toda...»

. Algumas trabalhadoras têm mais de dez anos de casa, filhos menores e familiares ao seu cuidado. Outras, mais novas, estão grávidas e têm os maridos desempregados. O que vamos fazer? Não há nada a nosso favor. Não fomos avisadas, e não há maneira de obrigarem a patroa a cumprir a Lei».

Contaram-nos ainda as trabalhadoras que, ao pedirem à PSP a presença de um polícia junto das instalações da «boutique» quando ali faziam piquete na primeira noite, lhes fora dito que para ir um polícia guardar as empregadas tinham de mandar outro para defender as costas do patrão.

TRABALHADORES DOS "CABOS ÁVILA" CONTRA MANOBRA DA ADMINISTRAÇÃO

. A Comissão de Trabalhadores da fábrica de condutores eléctricos Diogo d'Ávila acaba de denunciar aquilo que considera mais uma tentativa da administração «visando objectivamente a divisão e a desmobilização dos trabalhadores da empresa, no preciso momento em que a luta pela defesa dos seus direitos e postos de trabalho se agudiza».

Refere-se a C.T. dos «Cabos Ávila» a um documento da administração, distribuído em largas quantidades, chamando «válidos» aos trabalhadores mais antigos, qualificando de «elementos estranhos» os mais novos. Quanto a estes, acusa-os de «oportunismo», de estarem à espera de «recompensa pelo partido político em que militam», de criarem «poderes paralelos dentro da empresa». Entretanto, no mesmo documento, e em linguagem bem característica, a administração diz-se identificada «com os interesses da economia nacional», interessada na «reconstrução do país» e disposta a salvar «mais uma vez a crise, à semelhança das verificadas nos anos de 1939 e 1949».

Em resposta, a C.T. evoca os despedimentos ilegais (mòrmente pelo Natal) praticados habitualmente pela administração e as pressões exercidas sobre as organizações dos trabalhadores. «Quanto aos poderes paralelos, continua a C.T. — eles não existem. Só a gerência gere (mal) esta empresa. A C.T. apenas defende os interesses dos trabalhadores «e a sua recompensa estará em «conseguir vencer as lutas contra aqueles que nos exploram».

S.T.C.P.
Subsídios arrastam-se

. Gorada a hipótese de conciliação entre os motoristas e a gerência do S.T.C.P., o contencioso sobre os subsídios de alimentação transitou para a esfera exclusiva do M.T.

A última tentativa de conciliação realizou-se na manhã de ontem, com representantes da gerência, e delegados sindicais, na presença de 60 trabalhadores. O contencioso gera-se, como se sabe, à volta dos 75 escudos de subsídio de refeição a que, contratualmente, têm direito, embora a gerência só esteja a pagar 40 escudos.

Nacional

A cultura como reflexo daquilo que concretizamos e do que não podemos concretizar, é talvez o melhor índice para detectar o ritmo a que se vai processando a transformação das estruturas. Por isso, a contemplação da cultura deverá ser necessariamente acompanhada de criação cultural.

Mais de dois anos após o processo de transformação mais importante da política portuguesa deste século, a reflexão cultural é necessária para a orientação da acção futura. A presente entrevista com Eduardo Prado Coelho, director geral da Acção Cultural na Secretaria de Estado da Cultura é um contributo para trazer a público algumas das questões fundamentais no domínio da Cultura.

As relações da Cultura com o Poder, a Revolução Cultural a situação dos intelectuais portugueses, identidade e descentralização culturais são alguns dos temas abordados nesta entrevista.

EDUARDO PRADO COELHO:

A cultura foi viv de uma maneira

. «DL» No programa do Governo, relativamente à Cultura, fala-se em estimular as diversas formas de criatividade colectiva, através da concretização das modernas concepções de animação cultural. Como define a questão da «animação cultural»?

. Eduardo Prado Coelho — Procura-se dar uma certa animação à cultura no sentido de fazer com que ela se integre de uma forma muito mais visível na transformação do quotidiano. A animação cultural corresponde, por um lado, a uma certa dessacralização da cultura, e, por outro, a um esbater de fronteiras entre a revolução cultural e a revolução política.

Do ponto de vista da animação cultural, interessa menos a qualidade e nível estético muito elevado que as coisas possam atingir do que o grau de envolvimento, de investimento, que cada um pode ter em relação à cultura, quer recebendo-a quer distribuindo-a aos outros.

Este ano tem sido muitíssimo incerto do ponto de vista cultural

a cultura, parece-me muito importante mas prioritário. Numa sociedade classista permanece o problema do acesso à cultura...

E.P.C. — Quanto ao acesso à cultura,a questão hoje consiste fundamentalmente em criar frentes culturais que tenham relação com os vários níveis e estratos sociais existentes, com os vários tipos de preparação e sensibilização à cultura.

Neste aspecto, há duas ideias fundamentais a ter em linha de conta. Em primeiro lugar, é extremamente importante considerar a cultura desligada, no plano imediato, de relações políticas. Quer dizer, não privilegiar esta ou aquela forma de cultura, pelo facto das pessoas que a fazem estarem ligadas, por razões de ordem política, às posições com que eu possa simpatizar. É o que se chama um trabalho de isenção. Parece-me que o trabalho que nos fazemos aqui é plenamente isento. Procuramos valorizar toda a expressão cultural, desde que ela seja portadora de uma certa força de inovação e sensibilidade.

Em segundo lugar, é difícil levar as populações a descobrirem o interesse pelo bom cinema se elas não estão sensibilizadas ao cinema pura e simplesmente, e têm ainda uma leitura meramente primária de projecção de fantasmas pessoais de violência e sexo em relação ao cinema. Fazer distinguir o bom do mau cinema é inútil perante pessoas que não tenham o mínimo de alfabetização neste domínio.

Aquilo que me parece importante e nem sempre conseguido é procurar delimitar para cada iniciativa, para cada projecto cultural, o público que ele visa. Quando fazemos um plano de apoio às bandas musicais e depois pedimos aos compositores portugueses que criem reportórios organizados e preparados para a renovação das bandas, estamos de facto a actuar para um público específico, muito amplo, muito impreparado, relativamente insensível a um determinado número de outras actividades.

Quando, por outro lado, fazemos um espectáculo de envolvimento audiovisual com Jorge Peixinho e Ernesto de Sousa, estamos necessariamente a dirigir-nos a um público específico, com uma dada preparação musical, com uma capacidade de abordar um acontecimento deste tipo de uma maneira particular.

Parece-me que devemos procurar ter iniciativas que abranjam tanto quanto possível o leque de público existente e que calculem muito cuidadosamente o público que vão atingir e qual a melhor maneira de o atingir.

> Não me parece que seja possível uma dinamização cultural sem uma dinamização interna da própria cultura. Esta dinamização é relativamente inútil se ela não fôr uma transformação da cultura em contacto com outras realidades sociais, políticas e económicas. Nesse sentido, estou convencido que não houve uma revolução cultural em Portugal, nem há condições para que ela se verifique.

Nessa medida, a cultura não funciona apenas como um tesouro recebido de uma forma mais ou menos sugestiva, mas como um lugar de encontro, de contacto, de alteração subjectiva de cada um. Portanto, um lugar de transformação do quotidiano a um ritmo particularmente acelerado e inovador.

«DL» — Pôr a tónica no grau de envolvimento, de investimento, de cada um em relação está em haver escolha, opção, mas em saber se na prática essas opções são suficientemente significativas para escapar ao risco de serem acusadas de dirigismo.

DIRIGISMO EM QUESTÃO

«DL» — O que continua a estar em causa, é a necessidade de ter presente os efeitos de uma longa ocultação e repressão da cultura. Como coloca, o problema do dirigismo cultural?

. EPC — Creio que ou há orientação, ou há ausência dessa orientação. Havendo orientação, há sempre à partida o risco dela ser dirigista. Ela só não será dirigista, se pela prática que tiver o não for. Isto é, se souber ser suficientemente ampla, diversificada, rica e justificada, para que se não possa dizer que há um critério dirigista. Pode haver da parte de um responsável dirigismo se ele subordinar as suas opções de ordem estética a critérios de ordem estritamente política.

Ou poderá ainda haver dirigismo se o responsável subordina as suas opções de ordem estética aos seus gostos estritamente pessoais. O importante é que o responsável não procure uma subordinação aos seus gostos estritamente pessoais ou as suas convicções políticas mas tenha cultura suficiente para poder ser sensível a toda a produção de qualidade e reconhecer o seu interesse, mesmo que dela não goste, mesmo que ela nada lhe diga.

O risco de dirigismo é tanto menor, quanto mais as opções forem tomadas com consultas aos grupos mais significativos, mais reconhecidos do ponto de vista cultural. Por muito que se faça, quando se escolhem personalidades para uma comissão ou grupo, existe uma certa escolha. O problema não

«DL» — Referiu-se à necessidade de valorizar a expressão cultural desde que ela seja portadora de uma certa força de inovação e sensibilidade. Qual o critério adoptado para detectar estes valores?

. EPC — O critério não é propriamente a qualidade do que se produz, mas o grau de investimento daqueles que produzem, no que produzem. O que me interessa não é a qualidade estética mas a afirmação libidinal que essa criatividade tem, mesmo na criação colectiva.

Não me interessa que essa criação seja relativamente efémera, que não produza obras que fiquem. Interessa que ela seja uma afirmação muito forte e irradiante de uma certa ligação libidinal, de envolvimento, de desejo, com as coisas, com as pessoas, com a vida.

A cultura em sentido tradicional aparece extremamente dessexualizada. A escola, aliás, tende a acentuar esse aspecto acéptico e assexuado. Quanto a mim, a experiência estética tem sempre a ver com uma certa definição sexual da nossa relação com o mundo e, se não for assim, é desinteressante, menor, secundária e medíocre.

Toda a transformação das relações sexuais, libidinais entre as pessoas, tem muito que ver com a apropriação da cultura, com o assumir da cultura.

CULTURA COMO VIVÊNCIA

«DL» — Em consequência do que acaba de dizer, podemos concluir que um grupo que desenvolva uma acção cultural seja necessariamente levado a criar novas formas de relacionamento?

. EPC — É nesse sentido que o primeiro trabalho de uma Direcção-Geral de Acção Cultural deverá ser a criação das próprias relações do grupo que nela trabalha. Se essas relações forem de tipo funcional, administrativo, burocrático, nunca permitirão um trabalho a sério.

A acção cultural começa na própria transformação das relações de trabalho. Para mim, esse é um dos aspectos mais interessantes e positivos do trabalho aqui realizado. Por um lado, as relações que se estabelecem entre as pessoas, por outro, a relação que elas estabelecem com o trabalho que vamos produzindo, o modo como elas o vivem, o sentem, o defendem.

«DL» — Não raro a Cultura foi utilizada como pretexto em que o alvo era o poder que nada tinha a ver com a necessidade de facilitar o acesso das populações às questões culturais...

EPC — De facto, a cultura foi normalmente utilizada como um instrumento de acesso ao poder. Nessa medida, cometeram-se grandes equívocos e fizeram-se grandes concessões. Esses erros são nesta altura devidamente aproveitados pela direita que não poderá impor uma cultura, mas poderá, de facto impor uma versão mais ou menos domesticada de uma cultura de esquerda. Isso poderá acontecer, se a direita se tornar dominante.

> Creio que ou há orientação, ou ausência dessa orientação. Havendo orientação, há sempre à partida o risco dela ser dirigista. Ela só não será dirigista, se pela prática que tiver o não fôr. Isto é, se souber ser suficientemente ampla, diversificada, rica e justificada, para que se não possa dizer que há um critério dirigista.

REVOLUÇÃO CULTURAL

«DL» — A questão da Revolução Cultural praticamente não foi levantada ao longo destes dois anos e sempre que se fizeram alusões a ela esteve frequentemente presente o sentimento de culpa de quem não se sente à vontade no terreno da heresia. Quanto a si, quis são as principais ideias subjacentes à questão?

. EPC — Quando se fala de Revolução Cultural há três ideias que importa ter em conta. Em primeiro lugar, procura-se que as transformações realizadas a nível socioeconómico sejam acompanhadas de transformações a nível da superestrutura, isto é, no plano da consciência.

Num segundo sentido, a Revolução Cultural é uma revolução feita através da cultura, que serve de veículo de difusão de ideias, posições, etc. Trata-se de uma visão estritamente ideológica.

Numa terceira acepção, existe a noção de revolução no interior da própria cultura. Quer dizer, a Revolução Cultural é uma transformação da cultura em que esta se contesta, se põe em causa, se destrói, se reconstrói, se problematiza, se inova e se altera.

Não me parece que seja possível uma dinamização cultural sem uma dinamização interna da própria cultura.

Esta dinamização é relativamente inutil se ela não for uma transformação da cultura em contacto com outras realidades sociais, políticas e económicas. Nesse sentido, estou convencido de que não houve uma Revolução Cultural em Portugal, nem há condições para que ela se verifique.

Houve, obviamente, uma

A cultura foi utilizada como um in

vida
a culpabilizante

Entrevista de Helena Balsa

transformação de hábitos, de mentalidades, de leituras, de valores, de formas de vida e de convívio, de ritmos do quotidiano. Não sei até que ponto isto não é a própria transformação mais generalizada, mais actualizada do que se está a viver nas sociedades industrializadas com aspectos específicos quer nas sociedades socialistas, quer nas capitalistas.

Em Portugal, estes problemas sofreram uma espécie de agitação, de efervescência muito grande mas no final, porque não houve uma Revolução Cultural de facto, não se verificou uma mutação radical, não foram dadas respostas nem soluções. Neste aspecto, os partidos políticos raramente souberam desligar-se das concepções mais religiosas e tradicionais que traziam.

Havia aspectos de religiosidade e estalinismo em quase todos os partidos políticos portugueses, o que os limitou muito e por isso mesmo a questão da Revolução Cultural é-lhes relativamente inacessível. Alguns partidos de esquerda muito preocupados com a cultura tiveram apenas uma visão da cultura em termos estritamente instrumentais.

RELIGIOSIDADE POLÍTICA

«DL» — A que conclusões podemos hoje chegar sobre o modo como a política foi vivida depois do 25 de Abril?

. EPC — Quanto a mim, a política viveu-se de uma forma extremamente religiosa e esse é o ponto a que falta a capacidade de invenção, de desenvolvimento mental, de ousar pensar, de sentido de humor.

Curiosamente, essa religiosidade é mais acentuada nos sectores de esquerda que nos sectores de direita, na medida em que a direita é menos teórica é mais pragmática intervindo de uma forma mais prática no próprio plano da luta de classes e instintivamente até mais lúcida por vezes.

Essa religiosidade verificou-se em relação aos textos sagrados da doutrina revolucionária ou às figuras ou arquétipos ou situações, o que foi de facto bloqueante.

Nós hoje sentimos isso através de um sentimento de importância de que tudo aquilo que se fez, sentiu, gritou, discutiu, se revela relativamente inoperante perante um processo que tem a sua lógica e que avança com uma determinada força bastante esmagadora.

Este aspecto de religiosidade, de falta de humor, traduz-se na tendência para dramatizar de forma absolutamente absurda um certo tipo de situações ou confrontos que afinal conduzem a um determinado vazio.

Poucas vezes a reflexão política foi capaz de auscultar e sincronizar com aquilo que se estava a viver. Um determinado número de erros e equívocos a que a esquerda se foi deixando conduzir deriva dessa incapacidade, dessa frustação.

A CULPABILIDADE DO INTELECTUAL

«DL» — Penso que os intelectuais têm uma parte importante de responsabilidade na compreensão do aspecto que acaba de referir. Como explica a automarginalização a que se votaram os nossos intelectuais?

EPC — O campo da cultura foi vivido de uma maneira quase sempre culpabilizante. Quer dizer, em vez do intelectual se assumir com os aspectos negativos e positivos de ser intelectual, tende muitas vezes, numa reacção estritamente intelectual, a hiperculpabilizar-se e a fazer disso a sua única e obsessiva temática.

Revelou-se nos intelectuais, inclusivamente nos intelectuais orgânicos dos partidos políticos, uma enorme falta de preparação para a dinâmica social mais actual, uma falta de imaginação e de capacidade teórica.

Ao longo destes dois anos, a uma espantosa e ainda não inteiramente realizada transformação e agitaçao de ordem social e política, não correspondeu, a não ser por vezes em formas demasiado estereotipadas, uma capacidade de análise, de imaginação e conceptualização.

Não deixa de ser curioso que uma das individualidades que mais apaixonada e lucidamente seguiu o processo português, Eduardo Lourenço, seja considerado entre os intelectuais como um especulativo. Contudo, ele foi um dos poucos que conseguiu ter uma perspectiva pessoal, original, e fortemente actuante da compreensão do processo da evolução social portuguesa.

Que o caso de Eduardo Lourenço com mais dois ou três exemplos permaneça isolado, traduz uma espécie de fracasso da inteligência portuguesa em geral. A este fracasso, correspondem diversos tipos de reacção seja a meramente esteticista, a defesa da cultura em si, seja a reacção estritamente ideológica que é uma espécie de fuga para a frente mais ou menos histórica, um radicalismo ideológico por vezes perfeitamente desinteressante e improficuo.

Do ponto de vista cultural, estes dois anos deixaram-nos uma sensação de frustração que pode evidentemente ser recompensada pela ideia de qué aquilo que não se pensou, escreveu ou pintou, foi vivido. Mas, por outro lado, há que ter em conta que provavelmente teria sido vivido de outra maneira e com outros prolongamentos, se tivesse sido mais pensado, escrito, dito, pintado, tocado, etc.

É possível que apesar da sensação de que nada poderá voltar a ser como antes, muito da vida cultural tenda hoje, quando se chega a um processo de normalização da vida política, a recomeçar relativamente inalterado e indiferente aquilo que entretanto se passou.

Os aspectos culturais são praticamente recalcados ou esquecidos

«DL» — O interesse suscitado pela cultura não é uniforme. Ao lado de uma corrida urbana para apanhar a última moda cultural, assistimos ao conservar de valores ancestrais em muitas zonas do País...

EPC — Há de facto um desfasamento entre os vários tempos culturais. Existe um tempo cultural ultra-actualizado e outro ultra-arcaico entre os quais não se estabeleceu um discurso comunicável, pelo contrário, acentuaram-se certas incomunicabilidades e certos divórcios.

Tenho a impressão de que consegue muito mais ser a cultura de massas a estabelecer um discurso em comum do que ser uma cultura revolucionária a estabelecê-lo. Estou convencido de que a cultura de massas acabará por aparecer como vencedora e ocupar o lugar do que seria um discurso de transformação, um discurso dito revolucionário eo teroos culturais.

IDENTIDADE CULTURAL

«DL» — Parece-me que uma das graves heranças deixadas pelo fascismo se traduz num desconhecimento da nossa História e cultura. Como explica hoje o bloqueamento do acesso a uma identidade cultural?

. EPC — Quanto a mim por três tipos de movimentos. Por um lado, o movimento da cultura de massas, que é uma espécie de indiferenciação dos valores culturais, o que explica que em plena província, num festival popular, se ouça a canção «Emmanuelle» cantada em francês.

Por outro lado, pela cultura erudita que tende a ser uma cultura niveladora, colocando-se como alta cultura. Por último, embora com aspectos mais compreensivos, por uma visão estritamente ideológica da cultura que tende por vezes, com maior ou menor generosidade mas quase sempre com uma margem de erro político bastante grande, a precipitar-se, a ser demasiado impaciente em relação aos valores culturais específicos das populações.

É neste aspecto que se inserem os problemas suscitados pelas chamadas Campanhas de Dinamização Cultural. Tende-se, num esquema um pouc primário, a fazer cultura numa perspectiva ideológica, utilizando a cultura erudita como forma de legitimização e a cultura de massas como forma de aliciamento.

«DL» — Em relação a um levantamento cultural do País o que é que está a ser feito?

. EPC — O mapa cultural do País estava a ser feito de modo disperso em muitos sectores.

A Secretaria de Estado da Cultura, em colaboração com Fundação Gulbenkian, está a organizar um projecto de levantamento cultural do País através de um trabalho que passa pelo dr. Pedro Tamen, por Carlos Wallenstein e por mim e que se processa em várias fases.

Numa primeira fase, procede-se à uniformização do múltiplos ficheiros existentes quer a nível particular, quer oficial. Em segundo lugar, deverão utilizar-se os sectores culturais dos municípios para um inquérito que permita fazer, distrito por distrito, o levantamento cultural do País.

Numa terceira fase, os dados obtidos são tratado de modo a constituir um ficheiro de base. Em penúltima fase, proceder-se-á ao envio de brigadas de 3 ou 4 pessoas para as regiões, a fim de se verificar até que ponto os dados obtidos correspondem à realidade, estão actualizados, são incompletos ou são inexactos.

Por último, para além do tratamento em termos de informática de todo o material inventariado, é necessário encontrar mecanismos constantes de actualização dessas informações porque se não corre-se o risco de no fim do trabalho estarmos já desactualizados.

«DL» — Atendendo a que as populações preservaram a sua cultura por vezes de uma forma bastante original e complexa, evidenciando uma espantosa capacidade de resistência, como é que a Secretaria de Estado da Cultura pensa desenvolver o apoio que essas populações podem dar para o levantamento do património cultural?

EPC — Tenta-se obter a colaboração das próprias administrações locais e de um determinado tipo de figuras, algumas desconhecidas outras conhecidas que têm uma espécie de papel de **leader** da opinião dessas regiões que vão desde o professor de instrução primária ao médico, ao padre e que são pessoas, que, por vezes, têm uma espécie de conhecimento amoroso extraordinariamente intenso da vida cultural, das tradições, e do património das regiões.

Uma das coisas a fazer é identificar essas individualidades que nós em determinadas regiões conhecemos e noutras não conhecemos e que são quelas que nos vão servir de guias para a descoberta, numa segunda fase, de muitas outras coisas.

SENTIDO DA DESCENTRALIZAÇÃO

«DL» — Há pouco, referiu-se a ritmos culturais diferentes. Gostava agora que abordasse o problema da descentralização cultural tendo em conta os obstáculos reais que se levantam à sua efectivação.

EPC — A descentralização faz-se no INATEL, no FAOJ, na Direcção-Geral de Educação Permanente e aqui. É necessário haver uma espécie de polo centralizador destas iniciativas, de modo a conjugá-las, o que não tem acontecido.

Em segundo lugar, uma descentralização a sério implica inicialmente um investimento de fortes verbas. Parece que as condições orçamentais não são, por agora, as mais propícias nesse sentido. Num terceiro ponto, não há da nossa parte uma experiência muito grande na criação dessa individualidade específica que é o animador cultural.

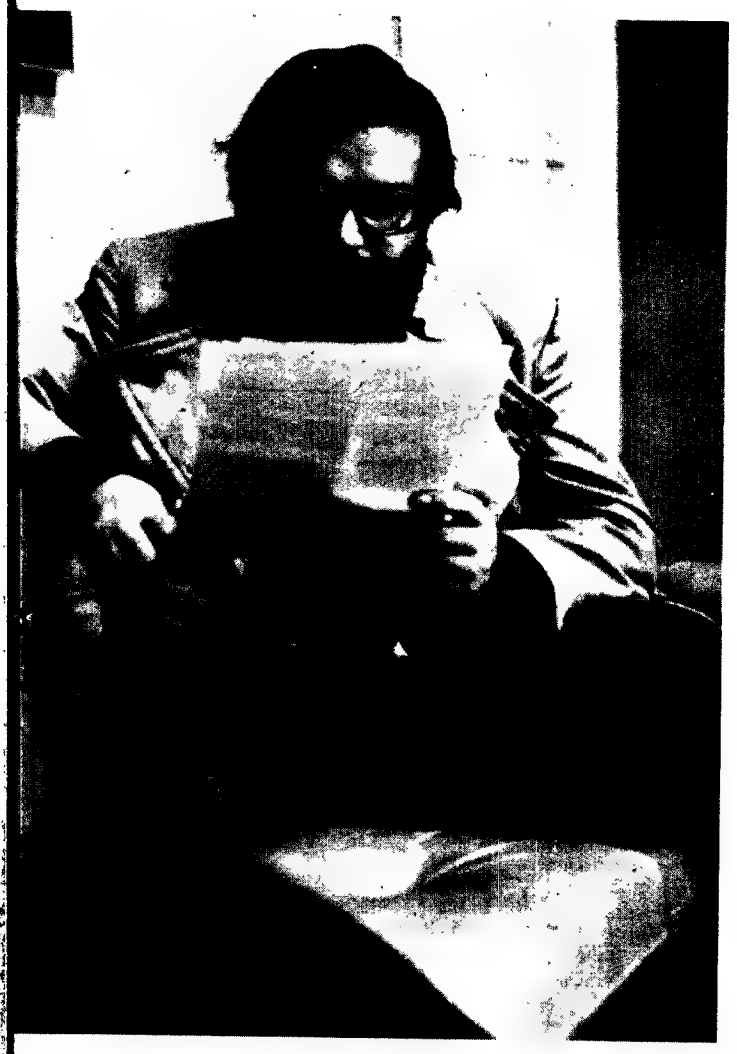
Grande parte dos animadores culturais são pessoas que gostam da cultura e po so se julgam animadores. A eriência de saber despert bilizar as capacidades e lores culturais de uma é muito complexa, exig cas de aproximação, m pecíficas e cautelosas c maior parte dos casos, n possuimos. Algumas riências neste sentido sã tas vezes desastrosas po experiência, precipitação e ciência.

A descentralização só tem sentido se houver descentralização coincidente de todo o País. Fora disso, a descentralização cultural é sempre qualquer coisa de extremamente superficial e que tende a desaparecer mal uma nova personalidade ou tendência surgem. Trata-se de uma movimentação que tem de ser de ordem global se não falha necessariamente.

«L» — O desenvolvimento cultural passa também pela intercolaboração daqueles que se interessam pela Cultura. Neste aspecto, que importância pode revestir um Conselho Nacional de Cultura preconizado no programa do Governo?

. EPC — A necessidade de conselhos parece-me extremamente importante desde que esses conselhos tenham por função definir linhas gerais, problemas de fundo. Ao pretender transformar esses conselhos consultivos, como por vezes se quis fazer, numa espécie de consultores constantes para todas as questões de nível muito diverso, verifica-se que não é possível conjugar a dinâmica de uma actuação com a relati-

(Continua na pág. 12



instrumento de acesso ao poder

> O campo da cultura foi vivido de uma maneira quase sempre culpabilizante. Quer dizer, em vez do intelectual se assumir com os aspectos negativos e pósitivos de ser intelectual, tende muitas vezes, numa reacção estritamente intelectual e hiperculpabilizar-se e a fazer disso a sua única e obsessiva temática.

Estrangeiro

O VULCÃO "LA SOUFFRIERE"

Querelas científicas e políticas em Guadalupe

DOMINIQUE POUCHIN ("Le Monde")

POINTE-A-PITRE — O La Soufrière despiu finalmente o véu. Despojado do seu halo de bruma cinzenta, ei-lo que surgiu no horizonte, na manhã de 22 de Agosto. Quem iria então recear essa plácida montanha que parecia desafiar os que dela fugiam, saudando-os com o fumo branco saído das suas entranhas? As palavras do presidente da Câmara, que nesse mesmo instante prometia **«um dia difícil depois de uma má noite»**, pareciam exageradas. Onde ia ele buscar os seus augúrios ameaçadores, quando tudo estava tão sereno?

Mas desta vez o destino parecia encarniçar-se sobre Guadalupe. E como o vulcão retinha o seu enxofre, a ilha ia afrontar o dilúvio. A tempestade, severa depressão regular, aproximava-se das Caraíbas. Na Câmara transformada em quartel-general do plano Orsec-Vulcao, tira-se dos armários o plano Orsec-Ciclone. As pessoas, mesmo sem excesso de pessimismo, estão receosas. É costume nas Antilhas que a população ameaçada pelos ventos devastadores e pelas trombas de água, abandone as suas barracas de madeira e se refugie nas igrejas e nas escolas porque estão bem construídas. Hoje, porém, o lugar já estava ocupado.

Felizmente, no fim da manhã, a depressão modifica o seu percurso e dirige-se mais para o norte. Guadalupe, anuncia-se, só deve sofrer pálidos efeitos da tempestade durante a tarde. Essa oportuna viragem tranquilizará algumas consciências inquietas.

Mas o vulcão, indiferente à concorrência, recomeça a rugir sob a vigilância obstinada dos seus guardas, alerta por detrás das muralhas medievais do forte Saint-Charles.

«NÃO SOMOS ADIVINHOS»

Nessa manhã de domingo, sábios e técnicos, últimos ocupantes da zona interdita, resolveram dar o alarme. Durante a noite, as agulhas do seu sismógrafo tinham desenhado um traço contínuo: dez minutos de trepidação incessante, três minutos de saturação.

A convicção dos cientistas, transmitida ao meio dia por Aurusseau, presidente da região, é simples: após um período de acalmia, a actividade sísmica retomou um ritmo e uma actividade constantes. A cratera lança gás e vapor de água.

Após oito dias de alertas e paragens sucessivas, todos se tornaram mais circunspectos. Afirmam simplesmente que **«a evolução continua a aumentar»** e que **«o fenómeno poderá ser de longa duração»**. Por sua vez, Aurusseau resume a situação comparando o La Soufrière a um boxeur **«que dá um soco e tem que dobrar o braço antes de dar outro»**. **«Estamos,** acrescenta, **em frente, e só podemos tentar evitar o knock-out»**.

No entanto, estes dias que passam sem que se produza nada de definitivo, começam a dar aso a algumas perguntas. Claro que ninguém pensaria em censurar às autoridades a responsabilidade que razoavelmente tomaram a 15 de Agosto, ao ordenar a evacuação das comunas ameaçadas por uma erupção eventual. Mas alguns — nem sempre os mais competentes — peguntam agora se não terá havido um engano. A vulcanologia, respondem os cientistas, não tem nada a ver com um horóscopo a que fanáticos ou ingénuos dão um crédito absoluto. «*Não somos* **adivinhos»**, respondem eles em coro, quando lhes pedem que lhes digam o dia e a hora do esperado cataclismo.

No entanto, parece que as declarações repetidas — e às vezes um pouco contraditórias — feitas desde que o vulcão acordou, nem sempre têm tido a concordância total e unânime daqueles que perscrutam as intenções do La Soufrière. As diferentes maneiras de encarar a actividade vulcânica deram por várias vezes origem a apreciações divergentes sobre a proximidade, a forma e a intensidade da erupção. O momento não é para querelas de escola, mas parece, em todo o caso, que os princípios de análise adoptados pela equipa de Haroun Tazieff e os métodos de investigação de outros, principalmente do professor Brousse, puderam chegar ao enunciado de conclusões por vezes não concordantes. Uns dão a prioridade à análise dos gases, considerada essencial para toda e qualquer tentativa de previsão, os outros apoiam-se sobretudo na evolução do magna e das cinzas.

Na ausência de Tazieff, o professor Brousse aceitou responder — com certa coragem — às perguntas que lhe foram feitas, e deu uma espécie de diagnóstico quotidiano do vulcão.

MOVIMENTO E AGITAÇÃO

Em quem acreditar? Os especialistas, conscientes dos limites dos conhecimentos adquiridos, são prudentes e admitem a sua impotência em prever quando e como se dará a catástrofe. A única certeza é que ela sucederá um dia.

Os «partidários» de Haroun Tazieff recordam o prognóstico do vulcanólogo que, chegado a Guadalupe no mês de Julho, se foi imediatamente embora assegurando que não havia perigo imediato. Os mesmos dizem hoje que as autoridades não parecem ter pressa de o chamar ao forte Saint-Charles. Acusação injusta quando se sabe que muito se fez para chamar de novo Tazieff que participava numa expedição no Equador.

Mas o célebre especialista não parece, na verdade, gozar de grandes simpatias na Câmara de Guadalupe, onde há quem lhe censure o facto de **«ter partido atrás dos três britânicos perdidos na Cordilheira dos Andes, quando estava em jogo a vida de setenta e dois mil franceses»**. Palavras imprudentes mas não totalmente gratuitas. Tazieff terá mais uma vez falado de mais ou demasiado alto?

Nem todos esqueceram em Guadalupe as palavras incisivas que ele pronunciou no passado mês de Abril, por altura de uma visita ao «La Soufrière». **«Pedem-me um trabalho de adivinho»**, disse ele então. **«Mas o que é preciso é exigir ao governo os meios necessários para vigiar com eficácia a actividade vulcânica. E quem deve exigir esses meios é a gente de Guadalupe, que vive sob uma ameaça latente. Escrevi ao Ministro do Interior de França, Poniatowski, para lhe expôr a situação e dizer-lhe, com a maior clareza, o porquê da imperiosa necessidade de criar lugares de investigadores e técnicos, para conseguir saber o que vai aqui passar-se. Fizeram-me promessas, mas nenhuma foi cumprida»**. Terão achado, em certos meios, que há verdades que não se devem dizer em público?

Os cientistas, talvez aborrecidos com as más interpretações dadas às suas opiniões, recusam-se agora a dar o flanco a controvérsias a que seriam estranhos. Mas a política retoma hoje os seus direitos. Ninguém se aventura a criticar abertamente as medidas administrativas impostas pela situação, as órdens e as contra-ordens tornadas inevitáveis pela incerteza no amanhã. Todos estão de acordo com Stirn para pensar que **«mais vale viver o dia a dia do que morrer de noite»**.

Os «satisfecit» governamentais, a vaidade ostensiva de um secretário de Estado que foi ao local delicitar-se pelo êxito de uma **«grande estreia mundial»** (a evacuação de 72 000 pessoas antes de um sismo que se esperava), as incessantes menções feitas à solidariedade nacional, provocam agora alguma agitação e uma irritação perceptível nas fileiras dos partidos de oposição, sobretudo da parte do partido comunista de Cuadalupe, que as considera uma **«autêntica campanha de intoxicação»**. O presidente da Câmara, porém, continua a referir o **«extraordinário consenso dos deputados de todas as tendências, ligados pela solidariedade do destino»** e guarda preciosamente no bolso o telegrama que lhe enviou um deputado do P. C. G. da ilha, que presta homenagem à sua acção. Num longo comunicado que contesta em primeiro lugar a importância do auxílio que o Governo pretende ter dado aos refugiados, ataca violentamente a **«propaganda mistificadora que se desenvolve»**.

E o partido comunista acrescenta:

«A desgraça do país é literalmente explorada pela propaganda colonialista. Chega a ser indecente».

De momento, porém, nada disso tem grande influência numa população que tem o olhar fixo nas volutas do vulcão.

C) **Le Monde**

O ministro e uma das convidadas apreciam o sabor dos alimentos do futuro

Um banquete do futuro num restaurante de Bona

Um restaurante de Bona foi recentemente cenário dum banquete, que nos nossos dias é novidade, mas que será moeda corrente no futuro. Os alimentos em si não eram do domínio da ficção científica, mas a forma como eles foram produzidos estaria muito certa nos romances que falam imaginativamente do futuro.

O banquete, promovido pelo ministro da Investigação e Tecnologia da República Federal Alemã, Hans Matthöfer, obedecia ao seguinte lema: «A investigação científica prepara o menu de amanhã».

O «hors d'oeuvre» era composto de iguarias relativamente vulgares (mexilhão, enguia, salmão, trutas) e outras pouco conhecidas para o leitor português (krill e peixe *tilapia*). Mas esses alimentos foram todos produzidos em aquacultura, que possibilita um crescimento muito mais rápido. Os peixes são criados independentemente do seu meio natural, graças ao aproveitamento da água utilizada para arrefecer as instalações nucleares.

O krill é um crustáceo da Antártida, que pode ser aproveitado como sopa ou como pasta e cujo teor proteico o converte num alimento de eleição. Os investigadores estudam presentemente as mil e uma aplicações que o krill poderá vir a ter na alimentação humana.

O prato seguinte foi um peixe da Antártida — «dissostichus» — acompanhado de uma salada de feijão de soja e batatas. Ambos os legumes foram produzidos pelo processo de «agrotherm», que é um aproveitamento do calor das instalações nucleares. O «calor excedente» dessas instalações é aproveitado para aquecer o solo, que assim se torna utilizável para novas culturas. Num solo assim mantido podem ser criadas plantas tropicais e plantas de zonas frias, independentemente da estação do ano.

Mas, voltando ao banquete de Bona: o café servido no fim do repasto foi absolutamente normal. Os biscoitos que o acompanharam eram, porém, produto de investigações: a farinha e os ovos foram parcialmente substituídos por proteína bio-sintética.

Entrevista com Eduardo Prado Coelho

Continuação da pág. 11

va inoperância do funcionamento desses conselhos consultivos que tendem a ter os vícios das assembleias de tipo parlamentar.

Portanto, vejo grande vantagem nos conselhos consultivos para uma definição de linhas gerais, achá-los-ia inúteis e até prejudiciais, se pretendessem transformar-se em órgãos de controlo constante sobre a actividade desenvolvida, porque esta acaba sempre ou por os ultrapassar ou por ser paralisada.

São estes conselhos sectoriais que deverão futuramente constituir um Conselho Nacional de Cultura, juntamente com outros organismos e personalidades. Este conselho nacional deverá reunir, pelo menos duas vezes por ano.

«DL» — Quais são as principais dificuldades que a Secretaria de Estado da Cultura enfrenta neste momento ao prosseguir os trabalhos planeados?

EPC — Nós funcionamos com uma equipa extremamente reduzida em instalações extremamente precárias. A planificação e o mínimo de fôlego que estas coisas exigem não pode ser feita sem espaço, luz, convívio, e convicção.

Portanto, necessitamos de instalações e do mínimo de pessoal técnico habilitado para podermos planificar e organizar todas as actividades. Por outro lado, temos imensas dificuldades de ordem administrativa, na medida em que a Administração do Estado não está preparada para uma acção cultural que implica respostas e decisões a curto prazo. Neste ponto, as perspectivas são desanimadoras. Não sabemos quem acabará por vencer: se o administrativo, e o que nele se encobre, se o cultural, e o que nele emerge.

Este ano tem sido muitíssimo incerto do ponto de vista cultural e os nossos problemas neste domínio raramente estiveram na preocupação imediata das forças políticas. Quando se trata da discussão pública de programas de Governo, os aspectos culturais são praticamente ou esquecidos ou esquecidos.

Apelo à vigilância na capital etíope

ADIS ABEBA, 7 — (F.P.) — Um apelo à vigilância foi lançado à população de Adis Abeba pelo Conselho Militar Administrativo Provisório (D.E.R.G.) a poucos dias das cerimónias que devem comemorar, em 12 de Setembro, o segundo aniversário da revolução etíope, anuncia na terça-feira o diário em língua inglesa «Ethiopian Herald».

Durante um comício das Associações Urbanas da Adis Abeba, membros do D. E. R. G. convidaram as Associações a estar prontas a enfrentar «elementos anti-revolucionários, alguns dos quais chegados recentemente à capital para desencadear acções subversivas» e duvidas a «assegurar a segurança e o bem estar dos habitantes».

As Associações foram também avisadas contra a infiltração nas suas fileiras de «anarquistas e reaccionários» que procuram «sabotar a economia do país», e foram convidados a prosseguir o combate contra estes «elementos destruidores».

O segundo aniversário da revolução etíope deve ser assinalado no domingo em Adis Abeba por uma importante manifestação pública na Praça da Revolução e por um discurso do general Teferi Bante, presidente do D. E. R. G.

Desde há vários dias que as medidas de segurança foram reforçadas na capital, e, logo que anoitece, Jipes armados percorrem as ruas de Adis Abeba.

A C. P. INFORMA

SERVIÇO INTERNACIONAL

Para transporte de trabalhadores destinados ao estrangeiro, é estabelecido entre Porto (Campanhã) e Paris-Austerlitz a seguinte circulação, até 19 de Setembro de 1976:

20302/21201

2a. classe

		H M	
Porto (Campanhã	P.	14-10	
Gaia	P.	14-18	
Espinho	P.	14-34	
Ovar	P.	14-48	
Estarreja	P.	14-59	
Aveiro	P.	15-11	
Pampilhosa	C.	15-45	
Pampilhosa	P.	16-10	
Mortágua	P.	16-36	
Santa Comba Dão	P.	16-51	
Nelas	P.	17-26	
Mangualde	P.	17-37	
Gouveia	P.	17-53	
Celorico da Beira	P.	18-15	
Vila Franca das Naves	P.	18-43	
Guarda	(C.	19-12	
	(P.	19-22	
Cerdeira	P.	19-42	
Vilar Formoso	(C.	20-09	
	(P.	20-27	
Fuentes de Oñoro	(C.	20-30	
	(P.	22-05	(H.E.)
Irun	(C.	8-35	
	(P.	8-40	
Hendaye	(C.	8-45	
	(P.	9-40	(H.F.)
Paris-Austerlitz	C.	17-29	

Estrangeiro

Asilo político nos E.U.A. para o piloto do Mig-25

TOQUIO, 7 — (FP e R) — Os Estados Unidos concederam asilo político ao piloto soviético do «Mig-25» que aterrou no Japão, segundo anunciou o ministro nipónico dos Negócios Estrangeiros, Kiichi Miyzawa.

O piloto do caça soviético que aterrou ontem no aeroporto de Hakodate tinha sido autorizado pelo Governo japonês a iniciar os contactos com os Estados Unidos para solicitar o asilo politico.

O Mig-25 soviético — o avião mais rápido e que atinge maior altitude no mundo — esteve durante a noite debaixo de uma cobertura de lona, enquanto a policia se manteve de guarda ao aeroporto de Hakodate, no Norte do Japão.

O Ministério japonès dos Negócios Estrangeiros informou, entretanto, a Embaixada soviética em Tóquio que o tenente Viktor Ivanovich Belenko, que pilotou ontem o avião da Sibéria até ao Japão, desejava fixar-se nos Estados Unidos.

O piloto, de 29 anos, afirmou que não queria encontrar-se com funcionários da Embaixada Soviética — revelou o Ministério.

A Embaixada soviética solicitara uma entrevista com o oficial e acesso ao avião, assim como pedira que o Mig fosse devolvido à U. R. S. S. — disse um informador do Ministério.

O ig-25 é chamado de «Morcego» por peritos militares ocidentais por causa do seu focinho aguçado e asas quase quadradas.

Detém o recorde mundial de velocidade para aviões de combate com 2981,5 quilómetros por hora. Em 1973, o entao secretário da Força Aérea dos Estados Unidos dr. Robert Seamans, descreveu-o «como provavelmente o melhor caça interceptor que se fabrica hoje no mundo».

Técnicos militares ocidentais disseram que a fuga do piloto soviético ofereceria uma oportunidade única para avaliar, em primeira mão, tal avião.

Contudo a polícia no aeroporto civil de Hakodate comunicou que não permitiria que autoridades militares japonesas ou norte-americanas se aproximassem do avião.

Um informador da GÊNCIA DE Defesa disse que alguns peritos se tinham deslocado ao aeroporto de Hakodate prontos para cooperar com a polícia.

Jornais publicam também notícias de que dois outros Migs poderiam ter perseguido o avião do tenente Belenko quando fugiu para o Japão. Contudo, não se conseguiu obter qualquer comentário de funcionários da agência da Defesa.

O incidente com o «Morcego» suscitou também questões acerca das defesas aéreas japonesas.

O director-geral da Agência de Defesa do Japão, Michita Sakara, declarou que a aproximação do Mig, sem ser detectado, até ao aeroporto revelara que o país não estaria seguro na hipótese de um ataque a baixa altitude.

Dois caças Phantom F-4 japoneses descolaram quando o Mig-25 foi localizado pelo radar, a cerca de 300 quilómetros a noroeste de Hakodate. Contudo, os caças e os sistemas de radar em terra perderam o rasto do «Morcego» que se aproximava.

Um aspecto da cimeira da oposição espanhola, cujos dirigentes se reuniram no sábado em Madrid, pela primeira vez em 40 anos. Por outro lado, durante o fim-de-semana, o primeiro-ministro Adolfo Suárez avistou-se com Tierno Galvan, dirigente do Partido Socialista Popular, que participou na cimeira de sábado. Suárez mostrou-se disposto a continuar as conversações com a oposição sobre uma fórmula aceitável para restabelecer a democracia em Espanha. (Foto F.P.).

O "New York Times" volta à antiga

NOVA IORQUE, 7 — (R) — O «New York Times», cuja apresentação de oito colunas na primeira página lhe grangeou o epíteto de «a velha senhora grisalha», voltou hoje ao arranjo original, que tinha em 1851, de seis colunas por página.

O jornal tinha uma primeira página de oito colunas desde 1913, um arranjo considerado por críticos como uma salgalhada e por admiradores do periódico como um compêndio das principais notícias do dia.

As páginas interiores do diário têm frequentemente apenas uma só coluna de noticiário, sendo as restantes destinadas a publicidade. Isso significa que, com seis colunas, um pouco mais de espaço será agora dedicado a notícias.

O editor Arthur Ochs Sulzberger observou que a mudança fora feita para «dar ao leitor um arranjo mais aberto e mais fácil de ler e para poupar papel, a fim de baixar as despesas e minimizar futuros aumentos nas taxas de publicidade».

Possível aliança no Atlântico Sul

. BUENOS AIRES, 7 (FP) — A fase final das operações navais «Unitas XVII», que se desenrolam actualmente ao largo das costas da Argentina, com a participação de Unidades dos Estados Unidos, e da maioria dos países da América do Sul, começa hoje e terminará no sábado — soube-se em Buenos Aires.

A operação «Unitas», segundo a agência oficial Telam, consiste em manobras de treino, nas quais participam desde 1960 tropas, barcos e aviões das marinhas de guerra da Argentina, Brasil, Chile, Peru, Uruguai, Venezuela e Estados Unidos da América do Norte.

Este ano a Trindade e o Tobago juntaram-se aos outros países. Nota-se também, entre as unidades norte-americanas, a presença de um submarino atómico. As unidades navais dos Estados Unidos seguirão no fim destas manobras para o Chile, e depois para o Peru e a Venezuela, a fim de efectuarem exercícios semelhantes, antes de regressarem à sua base em Porto Rico, em 19 de Novembro próximo.

Os observadores notaram, na segunda-feira, a chegada do chefe da marinha de guerra sul-africana, o vice-almirante James Johnson, à base naval de Puerto Belgrado, situada a uns 700 quilómetros a sul de Buenos Aires.

Esta visita, feita a convite do chefe da marinha de guerra argentina, reactivou os rumores duma possível aliança intercontinental do Atlântico Sul. Segundo estes boatos, retransmitidos pela Imprensa e nunca desmentidos oficialmente, tratar-se-ia de um acordo defensivo entre os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai, o Brasil e a África do Sul para fazer frente à presença soviética no Atlântico Sul.

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

Completam-se hoje 154 anos de independência do Brasil

. Completam-se hoje 154 anos de independência do Brasil. O novo Estado nasceu com o célebre «grito do Ipiranga», de 7 de Setembro de 1822. Aquele que viria a ser D. Pedro IV de Portugal foi proclamado o primeiro imperador do Brasil pouco mais de um mês depois da proclamação do novo Estado.

Depois da independência dos EUA no século anterior, a América do Sul e Central passava então pela época revolucionária da libertação do jugo colonial hispano-português. O sentimento nacionalista brasileiro, patente desde o século anterior, e que tivera em Tiradentes e na conspiração mineira uma das suas heróicas manifestações, cristalizara-se em torno da estadia da Família Real Portuguesa no Rio. Tendo Portugal sido invadido e ocupado pelas tropas napoleónicas, a família real tomara o calinho da fuga para o Brasil. Os grandes proprietários locais encontraram em D. Pedro a solução para a libertação do país sem arriscar os tumultos demasiado revolucionários de uma guerra de independência. O regime criado em 1822 manteve-se até 15 de Nobembro de 1899. Com a proclamação da República, o Brasil enceta nova fase da sua história. A economia brasileira gira em torno do cacau, borracha e café. Numa extensa área de 8.514.000 quilómetros quadrados, com uma população em aumento constante (80 milhões nos nossos dias), com um contante afluxo de emigrantes das mais diversas origens geográficas e raciais, o Brasil surge por altura da primeira guerra como a grande potência económica do continente. O seu desenvolvimento foi sempre marcado, porém, pela dependência. A princípio e já desde os tempos de Pombal, a dependência em relação à Grã-Bretanha. Depois, dócil instrumento da «doutrina Monroe», o Brasil, como os restantes países da sua área, vai sendo neocolonizado pelos EUA.

As suas instituições republicanas puderam no entanto manter-se sem alterações. Mas o encerramento dos mercados europeus, o afundamento da cotação da borracha e, sobretudo, do café precipitam o país numa crise a todos os níveis. O regime republicano afunda-se. O primeiro mandato de Getúlio Vargas marca a ruptura com as instituições herdadas do século XIX. A década de 60 foi de grande agitaçao no Brasil. Depois do período desenvolvimentista de Kubitschek de Oliveira, recentemente falecido, surgem os graves conflitos nascidos da força crescente do movimento de massas «Jango» (João Goulart) consubstancia as esperanças de progresso e justiça social, que serão inteiramente esmagas com o golpe militar, que enceta uma ditadura ainda hoje no poder.

O petróleo vem criar novas possibilidades ao desenvolvimento económico do país. Mas, apesar do «milagre brasileiro», tão propalado, a economia da antiga colónia portuguesa, muito embora tenha registado até 1975 indices de desenvolvimento, caiu agora no impasse. Aliás o desenvolvimento tão propagandeado nada adiantou para a esmagadora maioria da população. Mais de 60 por cento das famílias brasileiras não chegam a receber sequer o salário mínimo legal, que se situa no miserável quantitativo de dois mil escudos mensais.

Cinquenta por cento dos rendimentos são distribuidos por 5 por cento da população. Quarenta milhões de analfabetos. 23 biliões de dólares de dívida externa, uma crise sem precedentes nas exportações, entrega do petróleo às grnades companhias estrangeiras, aliança com as forças mais reaccionárias do subcontinente — eis um pequeno balanço da situação brasileira no fim de 154 anos de independência.

Contudo, a oposição ao regime vai crescendo. Em Novembro de 1974, apesar de todas as restrições, o único movimento tolerado de oposição — o MDB — conseguiu averbar uma vitória eleitoral de 62 por cento dos sutrágios expressos. Mais recentemente o funeral de Kubitschek de Olibeira, o último presidente eleito, deu azo a uma gigantesca manifestação pela liberdade. Os nomes hoje proibidos no Brasil, Luís Carlos Prestes, Francisco Julião (verdadeiras lendas vivas de luta pela justica social) não estão esquecidos pelos seus compatriotas. A 154 anos do «grito do Ipiranga», novos Ipirangas se perfilam no horizonte, por mais sombria e imutável que a realidade possa parecer.

M.S.

ÁFRICA DO SUL

Desastre com um comboio transportando moçambicanos

. JOANESBURGO, 7 — (R.) — Morreram ontem pelo menos 29 pessoas e ficaram feridas 70 quando um comboio suburbano foi esmagar-se contra a retaguarda de um Expresso em Benoni, a cerca de 24 quilómetros a sul de Joanesburgo.

Um informador dos caminhos-de-ferro sul-africanos disse que o Expresso transportava trabalhadores moçambicanos das minas de ouro de Joanesburgo para a cidade de Maputo, capital de Moçambique.

Notícias não confirmadas diziam que tinham morrido 35 pessoas.

Os bombeiros utilizaram equipamento de corte de oxi-acetileno para libertar os mortos e feridos dos destroços retorcidos dos comboios. O informador dos caminhos-de-ferro disse que investigadores estavam a examinar os destroços, mas que havia sido posta de parte a hipótese de sabotagem.

Testemunhas declararam que o Expresso estava parado num sinal vermelho quando se deu o desastre.

Um sobrevivente do comboio que se dirigia para o bairro negro de Benoni declarou aos jornalistas que a força do impacto o projectou a vários metros de distância.

Matthews Mashabane disse: «A única coisa que me lembro depois do desastre foi estar ao lado do comboio observando um braço cortado, a meus pés, na poeira.

«As pessoas saiam por portas e janelas de ambos os comboios e todos gritavam ou gemiam acrescentou.

Caleidoscópio

■ BEIRUTE, 7 — (ANOP) — Os esforços de paz do presidente eleito Elias Sarkis voltaram a complicar-se e a luta entre as duas facções continua acesa.

Os combates, os mais duros das últimas semanas, nas várias frentes incluindo Beirute, causaram ontem pelo menos 100 mortos, embora as tropas da Liga Árabe mantenham uma pequena zona-tampão entre cristãos e muçulmanos.

Tanques , morteiros e outras armas sofisticadas flagelaram o sector comercial e os subúrbios de Beirute.

■ WASHINGTON, 7 — (ANOP) — O candidato à vice-presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano, o senador Robert Dole, desmentiu categoricamente que tivesse recebido qualquer contribuição ilegal do antigo agente da Gulf, Claude Wild.

Dole respondia assim a acusações publicadas na Imprensa de ontem segundo as quais Dole teria recebido da Gulf um cheque de dois mil dólares, e um dos seus colaboradores directos mais cinco ou seis mil dólares em 1973.

■ LONDRES, 7 — (R.) — O Paquistão pediu à Grã-Bretanha a devolução do famoso diamante Koh-I-Noor que é a pedra central na coroa da rainha consorte e se acha na posse dos britânicos desde 1849.

Um informador governamental revelou hoje que o pedido fora feito numa carta pessoal ao primeiro-ministro James Callaghan do seu homólogo paquistanês Zulfikar Ali Bhutto: «Estava a ser estudado» disse.

A pedra preciosa, de 109 carates, agora guardada na Torre de Londres, é considerada como o diamante mais fino do Mundo

Espectáculos

"SEMANA DO ESPECTÁCULO"

A grande maratona dos artistas portugueses

MANUEL GERALDO (texto) **RUI PACHECO (fotos)**

. «Esta nossa iniciativa, para além de pretender ser, acima de tudo, uma festa de chamada à unidade da gente do espectáculo, visa a obtenção de um fundo de maneio que permita minorar de futuro as dificuldades dos nossos camaradas reformados, a maioria a viver com pensões muito abaixo do salário mínimo nacional, e ainda para fazer face às despesas de construção da nossa sede, num terreno cedido pela Câmara Municipal de Lisboa», afirmou-nos Maria Dulce, referindo-se à realização em todo o País, de 13 a 27 de Setembro, da «Semana do Espectáculo».

Segundo Maria Dulce «o problema dos artistas reformados é verdadeiramente dramático, pois por falta de esclarecimento ou porque foram joguetes nas mãos de empresários sem escrúpulos, assinaram ao longo de anos contratos muito abaixo do seu real valor, prejudicando deste modo as suas pensões de aposentação e vivendo hoje em péssimas condições, quando não na mais aviltante miséria». «Daí — disse-nos — a obrigação moral que este Sindicato sente em pôr termo, através de todos os meios ao seu alcance, a tão injusta situação, fruto de um passado recente. Quanto à necessidade de uma nova sede, fixa-se, sobretudo, em possuirmos, de futuro, instalações que integrem uma ou duas salas com condições para a efectivação de plenários ou assembleias gerais de associados, sem o recurso a salas emprestadas como ora acontece, com a existência de uma creche onde as artistas, costureiras e auxiliares de cena possam deixar os seus filhos durante as horas de trabalho, e ainda um salão para espectáculos, que não precisa de ser muito grande, destinado aos artistas de variedades, os mais sacrificados ao longo dos últimos anos, de forma a que ali possam actuar periodicamente, fugindo a espectro angustiante do desemprego».

CARÊNCIA DE VALORES REAIS

O problema do desemprego no sector dos espectáculos concita, como é natural, viva polémica. Para António Machado, actor inactivo por falta de colocação, assiste-se ao aparecimento de numerosos desconhecidos, não sindicalizados e com outras profissões, enquanto artistas profissionais com provas dadas são preteridos, numa marginalização selectiva e necessariamente premeditada. Isto devido a uma manobra oportunista de alguns empresários, à qual vem juntar-se o encerramento de alguns teatros, como o S. Luís, o Trindade , a ser utilizado apenas em meio tempo e o Villaret que, em breve irá funcionar como estúdio privativo da Radiotelevisão Portuguesa. «O que não entendo — frisa António Machado — uma vez que a TV abandonou o Maria Matos sob a alegação de não possuir verba suficiente para a sua manutenção».

Quanto ao coreógrafo Carlos Alberto, o desemprego que ora atinge as bailarinas portuguesas deve-se «a uma invasão maciça de bailarinas inglesas, na sequência do que já vinha acontecendo com profissionais de origem espanhola e francesa».

Já para José Viana o problema é um facto a que estão ligadas causas bem mais profundas. E especifica o seu pensamento: «A falta de ajudas concretas do Estado, a falta de estruturas motivaram carências de tal ordem que, hoje em dia, não se poderá falar concretamente numa crise de trabalho, mas sim numa crise de valores. É impossível, por exemplo, levantar aqui em Portugal peças com 30 ou 40 figurantes, pagando a cada um deles ordenados justos e suficientes. Isso só será viável quando o Estado cumprir a sua obrigação, criando elementos como deve ser, neste panorama de tremenda confusão em que actualmente vivemos. Se pensassem em formar agora uma companhia para o Teatro Nacional, com o «naipe» de artistas necessários, todo o restante teatro em Portugal ficaria paralisado. A qualidade dos actores é confusa. A qualidade é má, porque as pessoas não têm (são as tais sequelas do fascismo) técnica suficiente para formar uma companhia Nacional. Por isso, falar de desemprego é uma coisa muito complicada, porque penso que as pessoas se podem organizar perfeitamente em cooperativas, e algumas experiências positivas já foram feitas neste capítulo».

Depois de referir que, no sector dos espectáculos, vivemos ainda com estruturas iguais às do passado, não se recordando até de que antes do 25 de Abril, à semelhança do que está a acontecer, o Estado tenha subsidiado companhias profissionais de empresários, José Viana advoga a necessidade dos trabalhadores ultrapassarem certos condicionalismos, certos individualismos, certas formas erradas, viciadas de convivência. «Além disso focou os trabalhadores têm de ser ouvidos sempre que se trate de legislar. Depois, a atribuição de subsídios constitui outra matéria em que temos de ter participação activa. E a Lei de Teatro? O que é feito da Lei de Teatro, em que andámos meses e meses a trabalhar, a discutir? Lei que podendo não ser perfeita, representava, contudo, o consenso da maioria dos trabalhadores ligados ao Teatro. Que é feito dela? Que é que neste momento o Governo, as pessoas que legislam, estão a pensar acerca da Cultura em Portugal, ao serviço de quem deve estar essa cultura no nosso país. Não se poderá falar no sector teatral, desligando-o de toda uma panorâmica cultural, de um projecto futuro. E nós, como povo, como cidadãos, como profissionais do espectáculo, teremos sempre uma palavra a dizer, e, se isto está a acontecer, ainda não demos por isso».

Maria Dulce: «Lutamos por uma nova sede, mas acima de tudo pela unidade da nossa classe, e por uma melhoria na situação dramática da grande maioria dos artistas reformados»

ULTRAPASSAR DIVERGÊNCIAS

Ao abordar o tema relacionado com a «semana de Espectáculo», que terá como momento fulcral a «Grande Maratona», a realizar no Coliseu dos Recreios, Maria Dulce voltou a integrá-la na tarefa prioritária que presentemente mobiliza os artistas de todas as tendências, em busca da unidade necessária e urgente. Nesta luta que estamos a travar — realçou Maria Dulce, temos encontrado a solidariedade de todos os trabalhadores, através da União dos Sindicatos, bem como da Direcção-Geral dos Espectáculos e do Governo Militar de Lisboa».

Carlos Coelho que, nas últimas eleições sindicais integrava uma das listas vencidas, aparece na organização desta Semana como um dos elementos mais activos, porque, de acordo com as suas palavras «os trabalhadores dos espectáculos precisam, acima de tudo, de se encontrarem, de unirem as mãos, de ultrapassarem divergências, pois só assim poderão formar uma grande força, uma força indestrutível, dando assim solução aos seus problemas mais prementes».

Durante a Semana, para além dos espectáculos já programados, haverá manifestações, incluindo bancas de venda de autocolantes e outro material, em todas as casas de espectáculo em actividade.

José Viana, pergunta: «O que é feito da Lei do Teatro, em que andámos meses e meses a trabalhar?»

«ALAVANCA»

A TODOS OS TRABALHADORES :

O «Alavanca», semanário da Intesindical Nacional é um órgão de informação político-sindical que tem como principais objectivos contribuir para a organização dos trabalhadores, **elevar a sua consciência de classe e armá-los ideo**lógicamente contra os seus inimigos.

Pretende também dar melhor cobertura informativa das lutas dos trabalhadores.

Atendendo às características próprias do «Alavanca», torna-se necessário que os trabalhadores enviem cada vez mais notícias das lutas que no dia-a-dia travam nos locais de trabalho.

A leitura do «Alavanca» pode contribuir para o reforço da unidade dos trabalhadores. Todos os activistas sindicais, todos os trabalhadores devem de estudar o seu jornal, fazer críticas e enviar sugestões para que ele melhore o seu conteudo, aspecto gráfico, etc.

O «Alavanca» passa a sair às terças-feiras. E distribuido pela CDL-Central Distribuidora Livreira. Hoje dia 7 de Setembro, encontra-se já à venda nas bancas comerciais.

Os trabalhadores podem encontrá-lo nos seus sindicatos, às terças-feiras e quartas-feiras de cada semana.

Trabalhador lê e divulga o teu Jornal o «Alavanca», na tua mão defende a Revolução.

PUB

SINDICATO DA INDUSTRIA METALURGICA DO DISTRITO DO PORTO

Convidam-se os delegados sindicais para um plenário a realizar no dia 8/9/76, pelas 16 horas no Círculo Católico à Rua Duque de Loulé, 202 — Porto, sobre o CONGRESSO DOS SINDICATOS.

Mais se convidam os delegados da zona da Trofa para um plenário a realizar no mesmo dia e hora na Delegação da Trofa, com o mesmo fim.

A DIRECÇÃO

MADEIRA

VIAGENS ESPECIAIS em AVIÃO FRETADO

desde 3 040$ 4 noites

1 a 5 OUT 3 noites

29 OUT a 1 NOV 3 noites

30 NOV a 8 DEZ 8 noites

(feriados de OUT·NOV·DEZ)

Europeia

a experiência ao serviço do turismo

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

Cinema amador

. CANNES, 7 — Uma candidatura austríaca, «Gott in Togo» conquistou o grande prémio este ano no Festival Internacional de Cinema Amador em Cannes.

O filme foi dirigido por Kurt e Inka Keil.

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO SOL

Quarta-feira, 8 de Setembro de 1976 às 21.30 horas

PAVILHÃO DE CONGRESSOS-ESTORIL

RECITAL BACH

PAUL TORTELIER * Violoncelo

PROGRAMA : J. S. BACH — Suites n.os 1, 5 e 6, para violoncelo

PREÇO ÚNICO: 30$00

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

MAS O QUE É QUE A GENTE TEM A VER COM AQUILO?

. Mandava o regulamento consultudinário que uma rubrica passasse do primeiro programa para o segundo. Para o segundo programa iam as repetições, o «foi o êxito na TV», as rubricas da televisão à hora do almoço, na sua quase totalidade. UHF não possuía (como não possui) qualquer espécie de autonomia face ao seu irmão VHF.

Nos últimos tempos temos assistido a algumas estreias no segundo programa. Como exemplos mais perto de nós, recordarei a *Mandrágora,* e uma emissão de *Cantigamente.*

. Espera-se que pelo interesse, a vários títulos, de ambas as rubricas a grande maioria dos telespectadores que são os do primeiro programa não se vejam privados delas. Lembro sem excessivos alarmismos, que a peça *Mandrágora,* grande êxito artístico de actores portugueses, já chegou a estar anunciada para o primeiro programa — tendo sido, à última hora, substituída por uma destas sessões de teatro francês — *Au Théâtre ce soir,* uma das emissões mais populares em França.

Nesta rubrica tivemos ontem uma peça de André Roussin *Os ovos da avestruz.* É uma amostra típica de cultura «ocidental» em regime de social-democracia: o beco sem saída da falsificação das relações humanas e a resignação generalizada, de acordo com a inércia das plateias burguesas; a degradação da vida familiar ao mesmo tempo que a árvore podre se mantém de pé; a degenerescência da juventude burguesa, filha da ausência de um sentido para a vida, aceite como uma coisa natural, com a qual se mercadeja em plena paz da consciência...

Peças deste calibre não contribuem nada para a formação cultural do nosso povo. Face ao interesse que o teatro está a merecer por esse país fora, através do trabalho de novos grupos de amadores, não me parece que «os ovos de avestruz» possam constituir um incentivo, uma resposta adequada, uma simples sugestão de repertório. Haver, por um lado, a democracia a construir e a defender; adiantar para seu consumo ideológico elementos que não participam nessa luta — antes distraem dela — eis como, no processo se enquadra hoje a Televisão Portuguesa.

Muito «original», concorde-se. Mas muito perigoso.

Bom. O rapazinho mais novo continua chulo, o mais velho continua maricas, e alto costureiro, a mulher continua com um amante à espera, o marido continua, pacificimente, com a testa disponível para os cornos — e perante tão grande confusão, o Povo Português ameaçado de tantos lados, que não é informado pela Televisão dos grandes perigos e da arte e da urgência em vencê-los...

O EXEMPLO VEM DO SEIXAL

Os verdadeiros problemas nacionais como os trata a Televisão? Relega-os para as horas escandalosas, boas para morcego ver, nada indicadas para o público a que mais interessariam. O Telejornal agarra neles e transforma-os em manta de retalhos cerzida à pressa.

Está neste caso, por exemplo, o sucedido em Vale de Milhaço, no concelho do Seixal. Lá proliferam as construções clandestinas, o que levanta sérios problemas à organização dos múltiplos serviços. Muitas situações foram já resolvidas **sem repressão**...

Aqui está a lição, aqui está a grande novidade para o Portugal de hoje e sem a qual não haverá Portugal de amanhã. A Comissão Administrativa do Seixal pôs de lado a repressão e utilizou o diálogo. Posição correcta. Não pode ser doutra maneira. Se o que se tem em vista se dirige no sentido do interesse das populações, estas compreenderão, haverá sempre formas de as levar a compreender sem o recurso à força; a repressão é o recurso de quem opta pela imposição contra os interesses do povo.

Neste sentido falou Eufrásio Filipe, ao sublinhar a necessidade de serem as próprias populações a interferir na elaboração dos planos; Rafael Cardoso, da comissão de moradores, lembrou que os moradores compreenderão a necessidade de ajustamentos que em nada feremos seus direitos, e no mesmo sentido se pronunciou Brioso Gala, coordenador do plano, que enumerou os vários melhoramentos que transformarão um bairro de clandestinos, num bairro de gente consciente dos seus direitos, com zonas verdes, escolas, jardins infantis, posto de assistência médica, centros de convívio — enfim, tudo o que representa qualidade de vida, que representa o mesmo é dizer a palavra socialismo...

António Matos, membro como Eufrásio Filipe, da Comissão Administrativa ia contar-nos a raiz daquela decisão. Lembrou que, durante o fascismo, 25 por cento do solo do concelho fora vendido clandestinamente; que éstava em jogo o interesse de dezenas de milhares de pessoas; que uma posição realista mandava considerar, ponderar este problema.

Evidente que sim. Enveredar por especulações legalistas corresponderia a amontoar dificuldades de ordem social e humana que nada aproveitariam à colectividade. Assim se abre caminho ao diálogo; assim se condena a repressão.

Infelizmente, a intervenção de António Matos foi abruptamente cortada. A experiência do elemento da Comissão Administrativa seria de grande utilidade para a educação do nosso povo através da Televisão.

Mas a Televisão não joga a fundo nessas preocupações...

ANIMAÇÃO NO ALGARVE

Exposição de cartazes polacos inaugurada em Silves

. Com espectáculos de música e teatro prosseguiu neste fim-de-semana, simultaneamente em Silves e Tavira, o Calendário de Animação do Algarve.

Cerca das 19 horas de anteontem foi inaugurada na Câmara Municipal de Silves uma exposição de cartazes da Polónia, à qual estiveram presentes o embaixador da Polónia e sua esposa, o almirante Pinheiro de Azevedo e Esposa, vários presidentes de câmaras municipais do Algarve, o representante do turismo sueco e um representante da Cooperação com a República Federal da Alemanha. Seguiu-se um jantar oferecido aos convidados e finalmente às 21,30 horas no Castelo de Silves decorreu um espectáculo pelo agrupamento coral «Vértice» e um espectáculo de teatro pela «Casa da Comédia», que estreou no Algarve «As Lendas Portuguesas».

Esteve ainda presente o presidente da Comissão de Turismo do Algarve, que representou o director-geral do Turismo.

No castelo de Tavira também às 21.30 horas decorreu um recital de música instrumental pelo Agrupamento de Metais de Lisboa.

Cinema japonês de combate será apresentado em Leipzig

. «O documentário japonês — suas tradições democráticas e de combate» — é o tema de uma retrospectiva do cinema japonês que será apresentada no XIX Festival de Leipzig, de 20 a 27 de Novembro deste ano. Até agora já foram escolhidas 40 películas para a retrospectiva: 12 anteriores a 1945, 16 que abrangem o período de 1945 a 1960, e as restantes que tratam de acontecimentos recentes.

As películas são dedicadas, acima de tudo, às lutas da classe operária japonesa pelos seus direitos sociais e políticos, ao movimento contra a guerra atómica e à luta dos trabalhadores japoneses contra a contaminação do ambiente pelos monopólios.

Esta retrospectiva, organizada pelo Arquivo Cinematográfico Estatal da República Democrática Alemã, dará à opinião pública a oportunidade de conhecer, pela primeira vez, uma linha cinematográfica japonesa praticamente desconhecida no estrangeiro.

Morreu o pai de Sophia Loren

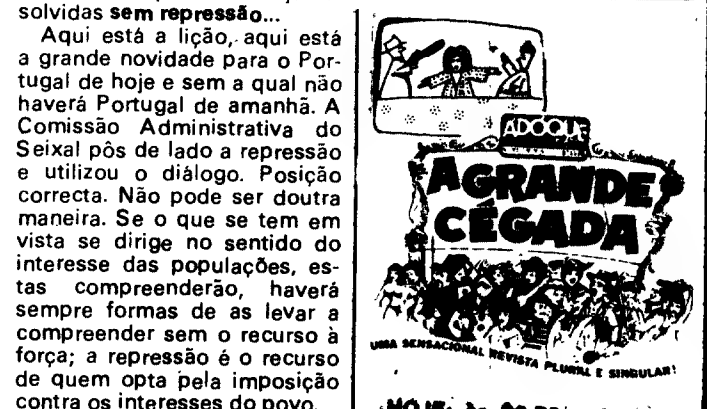
. ROMA, 6 — (R.) — O pai da actriz cinematográfica Sophia Loren morreu anteontem à noite, uma semana depois de um encontro, no leito da morte, com sua filha.

Sophia Loren havia jurado há muitos anos que não voltaria a ver seu pai, Riccardo Scicolone, porque este a abandonou quando ela tinha seis anos de idade.

No domingo passado, quando aquele já se encontrava moribundo, Sophia foi visitá-lo. Com ela foram seus dois irmãos e sua irmã Maria, que está divorciada de Romano Mussolini, pianista de jazz, filho do falecido ditador italiano.

Ricardo Scicolone contava 64 anos de idade. Morreu de uma doença de fígado num hospital de Roma.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS



Hoje

Joaquim Letria em Terça-Feira à Noite

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Pedra Branca»**
19.25 **Corpo Musical**
19.55 **Com Todas as Letras**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **«O Grande Amor de Balzac»**
22.05 **Terça-Feira à Noite** — programa de Joaquim Letria.
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 **«Wickie, o Viking»**
20.25 **Relax, Relax**
21.50 **Telejornal** — em diferido
22.20 **Concerto Polaco**
22.40 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias»; **19.25**: **Guerra Junqueiro**; **19.55**: Educação Permanente; **20.10**: Vamos Jogar no Totobola; **20.30**: **Telejornal** — 1.ª edição; **21.05**: «O Anjo»; **22.50**: Telejornal — 2.ª edição; **23.10**; Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura; **20.20**: Fronteiras do Amanhã; **20.40**: **Da Saúde e da Vida**; **21.00**: «Sweeney»; **21.15**: Telejornal — em diferido; **22.25**: **Sabe** que há um Museu dos Fósforos?; **23.10**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus 12-B - Rua Macau 9

Nacional

TRIBUNA LIVRE

Carta de luta ao meu país

. «Povo português, nosso e meu povo:

. Escrevo-te como quem te procura. Como quem se quer reencontrar e reconhecer, reaprendendo os teus problemas, o caminho da tua força, da tua acção necessária.

Ontem, na ditadura, no terror, no fascismo, na exploração sem freio dos grandes, foi fácil encontarmo-nos. É que na tragédia foi mais simples que todos nos unissemos. A vida era, claramente, a opressão e a liberdade por conquistar. A vida era o povo que recriava a liberdade e um país.

Nós, homens, mulheres, jovens — que em ti, melhor ou pior, repetindo e recomeçando a história do nosso país, nos tínhamos formado instruíamos, sabíamos, aprendíamos dolorosamente, hora a hora e ano a ano, que tudo afinal se reconduzia à liberdade de quem tudo fizeram, isto é, à tua liberdade trabalhadora. E nela nos reconhecíamos como destino democrático de bem-estar, de progresso e de paz.

Em ti e contigo entendemos, sob a ditadura monopolista e estrangeira, o sentido e o futuro infinito da palavra liberdade: em ti era contigo sabíamos que vencermos, que termos um poder do povo, que termos democracia, era não termos mais guerras, contra nós e contra outros povos, era desde logo, imediatamente, varrermos, derrotarmos e banirmos as guerras coloniais, reconhecendo, a nós tal como a outros povos e homens, do direito à independência e ao bem-estar; era não termos mais, contra as nossas cabeças e as nossas vidas, a lei da opressão, que é a lei da nossa condenação a uma existência limitada e absurda; era a real independência da Pátria e de cada português, emigrado que não fosse, nem mais devesse continuar a ser; era vivermos melhor as nossas vidas, descobrindo o destino ainda mais livre e pleno dos nossos filhos — alargando-as, florescendo-as, desbravando-as, sendo-as desde hoje. Afinal, tudo visto, era, na nossa história, nos nossos dias, o caminho, de, até onde pudéssemos, não deixarmos de pé a exploração de alguns contra todos. Contra a Pátria. Contra o Povo. Contra a vida.

Isso era. Isso começou a ser. Isso foi e é a nossa luta. Isso foi e é a nossa vitória. E de que maneira... Com cravos e massas populares... Tal era e é a força do povo.

E hoje, que vemos? Oh! Em primeiro lugar, por vezes em dominante lugar, o que é notório é que nestes nossos dias, mais do que a linguagem do nosso movimento, dos nossos problemas reais, do nosso destino, o que é certo é que muitos, em Portugal e sem povo, falam «política». Vitória do povo, da liberdade e do progresso? Certo. Mas vitória que os opressores derrotados procuram utilizar em seu proveito. De facto, de que política falam? Por que acção política agem? A política que traduz e realiza a vida, o país e o mundo que queremos? Ou a política da ilusão das nossas reais conquistas, a tradução nos nossos dias da política burguesa e imperialista, que ignora e combate a liberdade e o povo? Que afinal é o reverso do gume da liberdade que rasga o nosso futuro? E que assim nos ameaça atingir e fazer perder?

. Em tempos passados, acumulados, sofridos e, assim, criadores, cada um de nós aprendera, até em dias sem parente amanhã, que o bê-á-bá da democracia e do socialismo era o reino do povo que trabalha e que luta. E dos seus interesses. O domínio do homem sobre a Natureza, sobre o Estado e não contra si mesmo; um domínio que, tudo transformando em seu proveito, por isso mesmo serve o mundo material e vivo: a nova lei da Humanidade incarnada principalmente pelos seus sectores mais trabalhadores, explorados e progressivos, que pode, deve e consegue abolir a lei histórica da exploração e os seus odiosos ditames e regulamentos. E que, desse modo e infinitamente, semeia e cultiva a lei da sua nova, libertadora e libertada unidade popular.

E hoje? E hoje? Em que obstáculos tropeçamos, alheando-nos do nosso caudal revolucionário?

. omens, companheiros, amigos e irmãos de temp e de destino: a verdade é que muitas vezes cada um de nós vacila na herança vivida, pensada e mental que aprisiona os nossos passos de liberdade. A verdade é que, na nossa divisão, ainda pesa a lei de quem, explorando-nos no nosso trabalho, nos soube sobretudo, secularmente, *dividir. Isolar. Reduzir.* Roubar-nos o sentido popular da nossa marcha para a liberdade. A verdade, doa-nos pouco ou muito, é que muitos de nós, trabalhadores, não querendo a opressão nem querendo servi-la, acabámos por nos deixar corromper contra a nossa liberdade, contra o nosso progresso e a nossa felicidade. A verdade é que o teu confinamento a qualquer partido, seja ele qual for, seja ele o teu — fora de uma acção social, à margem de uma acção diária, deliberada e persistente, contra a exploração e a opressão — nunca poderá ser a tua história toda, toda a tua luta, a tua liberdade e a tua felicidade. Toda. E futura. E certa. A verdade é que quem assim, sendo vivo, está, apenas assiste; não participa na liberdade; não é democracia. Porque não as faz. Porque contra elas naufraga e se atraiçoa.

A verdade, homem, mulher, jovem, companheiro, é que a lei da hora da vitória, do futuro, do progresso, da liberdade, é a lei de quem trabalha, ou quer fazer, ou age em favor de quem o faz.

Essa e a tua lei. Essa é a lei da liberdade. Essa é a lei popular e patriótica dos nossos dias. Essa é a lei que luta e que vence. Não a deixes confundir. Não a percas. Usa-a. A fundo. Como lei da tua acção. Da tua consciência. Da tua verdade. Do teu triunfo. Do povo que és tu.

Essa é a lei que comanda a tua luta, a tua unidade e a vitória actual da revolução antomonopolista e anti-imperialista, que é o prefácio da revolução socialista, da revolução da liberdade, do triunfo para sempre de quem não explora nem oprime, e gera o progresso do homem. Usa-a. Vence. Avança. Sê em ti, na tua vida e no que fazes, a vida e o caminho da liberdade. Clarividentemente. E assim na acção. E na união popular.

Pedro Ramos de Almeida»

Água a pulso e balde no prédio 43 do Bairro da Liberdade...

. Os 23 inquilinos deste prédio de ar sombrio e frontaria destroçada, sito no Bairro da Liberdade, continuam sem possuir água canalizada, apesar dos constantes apelos dirigidos à Câmara Municipal de Lisboa, entidade proprietária. Daí o recurso a um chafariz das imediações, localizado numa curva apertada e sinuosa, o que coloca os seus moradores, a maioria de idade já avançada, em perigo constante de serem atropelados pelos autocarros da Carris.

Mas outras carências atingem os inquilinos do prédio 43: os telhados repletos de goteiras, as janelas apodrecidas e desmanteladas, as casas de banho, exteriores e em madeira, reduzidas a uma pia para os despejos. — **Se não fosse aproveitar todos os minutos que tenho livres para tapar os buracos, colocando telha aqui reboco acolá, já me tinha caído a casa em cima**, afirmou-nos apreensivo um dos moradores. E entre outros desabafos, o de uma septuagenária, ali residente há cerca de 50 anos: — **Para me arranjarem as janelas, o mês passado, tive de fazer dezenas de exposições à Câmara, ao longo de dez anos ou mais. Quanto à água já esteve cá um canalizador a tirar medidas, mas como conteceu noutras deve ter sido só fogo de vista.**

Perguntamos: será que sobre os inquilinos do prédio 43 do Bairro da Liberdade paira a ameaça de carregarem eternamente a água a pulso e balde e a suportarem a chuva dentro de casa no Interno e os cheiros pestilentos no Verão? O novo Portugal em construção exige à Câmara de Lisboa que assim não seja...

Em Sever do Vouga

Toda a noite na "bicha" para consulta médica

. Aveiro, 7 — Começam por volta das duas horas da madrugada as «bichas» para as consultas médicas no posto da Caixa de Previdência de Sever do Vouga. Inúmeras pessoas tomam vez a partir daquela hora porque é a única possibilidade de se avistarem com o médico. Ainda assim, o número de pessoas admitidas à consulta é em regra inferior aos doentes que tomam lugar na «bicha» pelo que novas noites de espera os aguardam. O referido posto médico depende da Caixa de Previdência de Aveiro e não dispõe de meios para resolver este caso estranho em que os próprios doentes têm de passar a noite na rua para serem observados.

PUB

AOS SINDICATOS AOS TRABALHADORES PORTUGUESES:

A reunião geral de sindicatos, realizada no passado dia 4 com a participação de 170 sindicatos, decidiu por unanimidade:

1 — Ser dado à Comissão Nacional Organizadora Provisória um prazo de 8 dias, a partir de ontem, segunda-feira, dia 6, para — em face dos vários projectos de regulamento já apresentados ou a apresentar — elaborar o projecto de regulamento do congresso.

2 — Que durante o período de um mês se leve à discussão dos trabalhadores o referido projecto de regulamento.

3 — Que findo esse prazo, seja convocada uma reunião geral de sindicatos para aprovação definitiva do regulamento e para marcação da data de realização do congresso.

No cumprimento do ponto 1 desta decisão, convida-se todos os trabalhadores a apresentarem sugestões ou projectos de regulamento, enviando-os para os seus sindicatos que os remeterão, até à próxima segunda-feira, dia 13 para a Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso Rua Victor Cordon, n.º 1 - 3.º em Lisboa.

Lisboa, 6 de Setembro de 1976

A Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso

A TELEVISÃO AMERICANA no CASINO ESTORIL

8 e 9/SETEMBRO * SALÃO RESTAURANTE, 23h.

TONY MARTIN & CYD CHARISSE SHOW VEDETAS MUNDIAIS DO CINEMA E DA TV

NICHOLLS & HONEY BLACKWITS "BLUEBELL GIRLS"

500$00 (I.S.C.) p. pessoa c. direito a 100$00 de consumo (bebidas) **JANTARES AOS PREÇOS NORMAIS**

TODAS AS NOITES

ATÉ 7/SETEMBRO

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.

LOVE TOGETHER (Não acons. a m. 13)

LIDIA RIBEIRO BLACKWITS

"BLUEBELL GIRLS' SHOW"

NO WONDER BAR A 1.0 H.

LES KAYATS além das restantes atracções

(Interdito a m. 18 anos)

BALLET — PROFESSOR/A

Que esteja interessado em leccionar no Porto (PARNASO) procure F. C. Oliveira na Estalagem do Cavalo Branco (Lisboa) hoje, dia 7.

Desporto

COM VISTA AO "MUNDIAL"

Preparação no Jamor mete bola e alegria

Esta manhã o relvado do Jamor sentiu o peso e o empenho dos convocados portugueses com vista aos jogos preliminares, na fase do apuramento, das equipas que se poderão qualificar para o «Mundial» de 1978, a realizar na Argentina. À hora a que o nosso jornal sai das máquinas, co o fundo desejo de uma recepção, por parte dos seus vendedores, diferente da de ontem, os vinte e seis convocados para esta primeira fase de trabalhos da selecção nacional evoluem no Estádio Nacional, completando, assim, o esforço e as normas da sessão de desentorpecimento esta manhã processada.

No horizonte desenham-se, como é do conhecimento dos amantes do couro, encontros reputados como decisivos e, portanto, transcendentes, centralizados em torno da vivacidade dinamarquesa e do peso e categoria, além de prestígio, dos polacos. A Polónia e a Dinamarca, simplificando as expressões e o momento, são os próximos e mais perigosos adversários da nossa equipa, que muito humanamente aspira a estar presente na Argentina de Videla, do retorno ao fascismo, da repressão sobre os trabalhadores, e que, com a decisão de manter o «Mundial» marcado para o seu território, procura mascarar toda a espécie de exageros cometidos sobre os seus explorados.

Os jogadores do Benfica, faltosos na sessão marcada para a semana finda, estiveram esta manhã no Jamor, onde dos vinte e seis as únicas ausências se limitaram a Isidro (Belenenses), ao «leonino» Fraguito e a Vítor Baptista (os quais não foram chamados) e aos futebolistas do F.C. do Porto, que amanhã, como noutro local se refere, terão árdua tarefa, a nível «uefeiro», com os germâncicos do Schalk 04.

Hoje ainda, os jogadores convocados retornam aos seus clubes, aguardando a convocação prevista para 20 do corrente, que levará ao Porto, de acordo com o programa anteriormente estabelecido, os presentes para a segunda sessão de trabalhos.

Entretanto, foram estes os jogadores convocados para a sessão de hoje: Costa (Académico de Coimbra); Melo, Cardoso, Sambinha, Isidro e Amaral (Belenenses); Botelho, Artur, Carolino e Francisco Mário (Boavista); José Mendes, Laranjeira e Manuel Fernandes (Sporting); Bento Pietra, Artur, Barros, Vítor Martins, Toni,, Shéu, Nené e Moinhos (Benfica): Marinho e Chico Faria (Sporting de Braga); Rebelo (Vitória de Setúbal) e Pedroto e Rui Lopes (Vitória de Guimarães).

PORTUGAL

CARDIA COM HOQUISTAS

O dr. Sottomayor Cardia, ministro da Educação e Investigação Científica, recebeu, ao princípio da tarde de ontem, no seu gabinete de trabalho, a embaixada de Hóquei em Patins que dentro de dias parte para Oviedo, onde vai defender o título de Campeão do Mundo

A embaixada hoquista cefiada pelo presidente da Federação Portuguesa de Patinagem, dr. José Castel Branco, e dos jogadores que fazem parte da representação portuguesa, que poucos momentos antes tinham ido apresentar cumprimentos de despedida ao secretário da Juventude e Desportos, foram acompanhados por este ao ministro Sottomayor Cardia.

PONTEVEL

Florentino Monteiro, do Bombarralense, venceu o Circuito de Pontével perto do Cartaxo, destinado ao escalão de amadores-populares e disputado num traçado que compreendia 10 voltas àquela localidade ribatejana e passagem por Vale da Pinta e Cartaxo. Na penúltima volta, já com alguns dos 66 participantes fora da corrida, Florentino Monteiro arrancou, deixando os seus adversários àtrasados, os quais se classificariam por esta ordem (depois do vencedor): Lima Fernandes (Bombarralense), Arsénio Paixim (idem) e Benedito Ferreira, ainda do (Bombarrelense).

F.C. DO PORTO NA LUZ

Homens do Schalke (04) aguentarão o "choque"?

O F. C. do Porto despoleta amanhã, no Estádio da Luz, por interdição do seu campo a nível uefeiro, a participação portuguesa nas provas europeias, defrontando o Schalk 04, uma das mais poderosas equipas germânicas, justamente classificada na 6.ª posição do campeonato daquele país na temporada passada. Equipa que é, relativamente, uma incógnita para este «Porto-de-Pedroto» que não esteve presente, sábado, nas Antas, ante o Portimonense, mas que é, sem qualquer espécie de dúvida, uma das equipas com que o público português conta para alcançar a eliminatória que se segue na Taça UEFA.

Os portistas descerão, amanhã, ao relvado da Luz sem quatro dos seus melhores elementos (Dinis, Gabriel, Tibi e Oliveira), punidos pela Comissão de Disciplina da UEFA após os execráveis incidentes verificados, para a mesma prova, com o Hamburg, significativamente uma das equipas do «campeonato» do Schalk 04. Apesar dessas ausências, e até porque, no fundo, o encontro de amanhã poderá ser, no bom sentido, uma espécie de «ajuste de contas», os portuenses são favoritos, mesmo tendo em conta a incógnita acerca do verdadeiro valor da equipa germânica, e, também, a forma como os pupilos de Pedroto evoluirão fora do seu ambiente, sem o típico calor das Antas.

A caravana portista já se encontra em Lisboa e, à procura de «vingança», não esquecerá (Pedroto, claro) que o «association» germânico pertence ao tipo de futebol no qual não nos encaixamos com proveito, além do Schalk ter nas suas fileiras um terrível rematador de nome Klaus Fischer, além de outras que se situam ao mesmo nível do «enfant gaté» que é nas hostes «schalkianas» Fischer.

LÁ FORA

CLAY SEM MULHER

A mulher de Mohamed Ali, Halila, está prestes a divorciar-se do campeão mundial de pesados, acusando-o de crueldade mental e de abandono do domicílio conjugal. Casados desde 1967, Mohamed e a mulher separaram-se recentemente, tendo o advogado de Halila revelado que esta solicitara o divórcio, em tribunal, a semana passada. O boxeur foi informado do pedido de divórcio quando se encontrava em Shoxlow, no Arizona, treinando-se para o seu combate de 28 de Setembro, contra Ken Nogtom.

PALOMO

O espanhol Victor Palomo, em Yamaha, ganhou o Grande Prémio da Holanda de Motociclismo, na classe de 750 centímetros cúbicos, penúltima prova do Campeonato do Mundo da categoria, disputada no circuito de Assen.

Com esta vitória, Victor Palomo passou para o segundo lugar na classificação mundial. No primeiro lugar continua o norte-americano Gary Nixon, com 47 pontos, contra 42 de Palomo.

O francês Michel Rougerie está na terceira posição com 40 pontos.

RECORDES

Alexander Grebenyuk, da União Soviética, foi o vencedor do Decatlo Internacional de Talence, conseguindo 8468 pontos, marca que constitui novo recorde europeu.

O anterior recorde europeu pertencia ao seu compatriota Nikolay Avilov, com 8454 pontos.

Neste decatlo participou pela primeira vez o francês Guy Drut que estava em segundo lugar depois de nove provas. Nos 1500 metros, última prova do decatlo, Drut caiu esgotado quando faltavam cerca de 800 etros para o final. O atleta francês levantou-se e auxiliado por alguns espectadores desistiu da prova.

TOTOBOLA

Jogue connosco

Setúbal - Varzim	1
Boavista - Académico	1
Belenenses - Estoril	X
Benfica - Braga	1
Guimarães - Sporting	X
Portimonense - Atlético	1
Leixões - Porto	X
Beira-Mar - Montijo	1
União Lamas - Chaves	X
U. Coimbra - Peniche	X
Olivais - CUF	2
Olhanense - Juventude	X
Almada - Marítimo	X

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

CASO LILLY — FARMOQUÍMICA INDIANA, LDA.

COMUNICADO

1. A poderosa multinacional Eli Lilly Co., através da sua associada em Portugal Farmoquímica Indiana, Ld.ª, continua a sua ofensiva no sentido de levar à prática o despedimento colectivo de quinze trabalhadores.

Esta acção é a última de toda uma série de chantagens, provocações, aliciamentos e coacção psicológica feitas a trabalhadores desde Março de 1975 do que resultou a saída da empresa de trabalhadores dos mais antigos, a quebra da tão necessária unidade dos trabalhadores e a extinção de alguns sectores de actividade da empresa.

Tal procedimento faz parte de todo um plano de sabotagem económica cientificamente elaborado que visa à desestabilização da vida socio política portuguesa como forma de melhor permitir à recuperação capitalista, a anulação das conquistas dos trabalhadores e ao retrocesso do processo político português iniciado em 25 de Abril de 1974.

2. A pseudo-argumentação patronal para fundamentar este depedimento colectivo foi facilmente destruída pelos trabalhadores em relatório apresentado às entidades competentes, do que resultou a proibição do despedimento colectivo por despacho emitido pela Secretaria de Estado da População e Emprego em 20 de Agosto.

3. A administração da empresa em demonstração de evidente ingerência política, que, de resto, tem caracterizado a actividade das multinacionais em Portugal, não cumpre o despacho governamental, viola a legislação em vigor e considera o despedimento como facto consumado.

4. A violação dos interesses dos trabalhadores e o total menosprezo pelos governos são posições habituais e constantes do imperialismo, do capital monopolista, das multinacionais. Os trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos não permitirão que a Lilly continue a sua escalada em Portugal.

5. O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico repudia esta provocação da multinacional Lilly aos trabalhadores e ao Governo Português e exige o total cumprimento da legislação em vigor como forma de defesa dos interesses dos trabalhadores e como processo elementar de fazer respeitar a independência nacional.

O governo terá que, de forma enérgica, obrigar ao cumprimento das suas deliberações.

O Governo terá que defender o cumprimento da legislação em vigor.

O Governo deverá defender os trabalhadores.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Lisboa, 2 de Setembro de 1976

Pela Comissão Sindical

Pela Direcção do STICF

MOÇÃO

Em Assembleia de Delegados Sindicais (aberta às Comissões de Trabalhadores) especificamente convocada para analisar o caso Lilly-Farmoquímica Indiana, Ld.ª nomeadamente a tentativa de despedimento colectivo de 15 trabalhadores por parte desta multinacional em provocante violação da legislação em vigor e do despacho emitido pela Secretaria de Estado da População e Emprego que proibiu tal despedimento, os delegados sindicais e comissões de trabalhadores reunidos em 3 de Setembro deliberam:

1 — Não reconhecer o despedimento colectivo que é arbitrário e ilegal.
2 — Exigir o cumprimento do despacho da S.E.P.E. e o pagamento dos salários em atraso.
3 — Repudiar a manobra da entida patronal que, para além do despedimento. pretende criar condições de desestabilização e facilitar a recuperação capitalista.
4 — Manifestar toda a sua solidariedade para com os trabalhadores vítimas desta prepotência e ilegalidade.
5 — Apelar à solidariedade e unidade activa dos trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos em torno da defesa do direito ao trabalho.
6 — Alertar os camaradas da Lilly não atingidos pelo despedimento para a inecessantemente ilegal actuação da Administração da Empresa a qual poderá tentar provocar novos despedimentos.
7 — Apoiar as iniciativas da Direcção do Sindicato tendo em vista a defesa dos interesses dos trabalhadores da Lilly.

Esta moção deve ser enviada aos associados e publicada nos órgãos de Informação.
Aprovada por Aclamação.

Lisboa, 3 de Setembro de 1976

Geral

Portos vão ser melhorados

A primeira fase das obras de desenvolvimento do porto de Viana do Castelo, cuja adjudicação foi já aprovada em Conselho de Ministros, orçará em cerca de 440 mil contos e durará quatro anos.

Consistindo na construção de um molhe exterior de 2.100 metros, esta obra irá permitir não só um desenvolvimento das instalações como um consequente aumento da capacidade comercial e pesqueira do porto, possibilitando ainda uma expansão dos estaleiros navais de Viana do Castelo.

Por outro lado espera-se que num prazo de 10 anos o porto daquela cidade possa atingir cerca de um milhão de toneladas anuais, em vez das 100.000 toneladas realizadas no ano passado.

Entretanto também já estão adjudicadas as obras do porto interior de Portimão, o prolongamento do cais comercial n.º 5 de Setúbal e melhoramentos no porto do Funchal, num montante de 350 mil contos, enquanto que, em concurso ou em vias de adjudicação e num total de 550 mil contos, se encontram os portos da ilha do Pico, cais de abrigo da Baleeira (Sagres), e as instalações portuárias interiores de Peniche, estas últimas já em estudo pelo Governo.

Por outro lado, em resultado de obras de anos anteriores prosseguem os trabalhos da primeira fase de construção do porto interior da Póvoa do Varzim e o alargamento da desembocadura do Guadiana, esta feita em colaboração com as autoridades espanholas. Em bias de conclusão encontram-se ainda a construção da doca seca no porto de Aveiro e a primeira fase do porto de recreio de Caminha.

O P.P.M. e as autarquias locais

Culminando uma série de reuniões que tem promovido com os órgãos de Informação, o PPM deu ontem uma conferência de Imprensa em que tornou públicas as posições que defende no que respeita às eleições para as autarquias locais.

Segundo afirmou o eng.º Gonçalo Ribeiro Teles, ex-secretário de Estado do Ambiente, o PPM defende como estratégia política que as eleições para as autarquias são de cariz diferente das restantes, pelo que não devem incidir sobre a escolha de um partido, mas sim de cidadãos que se mostrem competentes para defender os interesses locais. Por essa razão, o PPM apoiará listas de cidadãos independentes «que sejam alheios às manobras antidemocráticas das frentes ou dos movimentos políticos que se dizem suprapartidários», as listas de partidos coligados em que participem membros do PPM, ou, ainda, listas de coligação em que o PPM não participe.

No que se refere à legislação eleitoral, o PPM pensa que a capacidade eleitoral deve pertencer a todos os cidadãos que vivam ou trabalhem numa determinada freguesia, devemdo por isso existir um recenseamento autónomo para as eleições das autarquias. Ainda segundo foi divulgado, o PPM pensa que devaá bastar a assinatura dos candidatos para a aceitação de listas, restringindo-se assim o número de proponentes exigido na lei.

A terminar a reunião, os dirigentes do PPM reafirmaram que não concordam com a possibilidade de assembleias distritais serem eleitas no próximo mês de Dezembro.

SEIS MESES DEPOIS...
Ligações aéreas Portugal-Venezuela inauguradas este mês

Cerca de seis meses depois de se terem iniciado as carreiras da TAP para a Venezuela, efectua-se no próximo dia dezoito a viagem inaugural, que decorrerá até ao dia 22, figurando como convidados, entre outros, três membros do Conselho de Revolução, o ministro dos Transportes e Comunicações, dr. Rui Vilar, e o secretário de Estado da Emigração, dr. João Lima.

Segundo o embaixador da Venezuela em Portugal, Alfredo Baldó, na viagem inaugural Caracas-Lisboa a efectuar pela companhia aérea venezuelana, de 25 a 28 do corrente mês, viajarão como convidados o governador de Caracas, dr. Diego Arria, o presidente da Corporação Venezuelana de Turismo e o presidente da Corporação Venezuelana de Desenvolvimento.

Recorda-se que também a companhia aérea venezuelana se encontra a efectuar carreiras para Lisboa há vários meses.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava pouco nublado. O vento era fraco e havia neblina junto à costa a norte do Cabo Espichel.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima..... 29,5º
RÉGUA
Mínima 7,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, podendo apresentar-se muito nublado durante a madrugada e a manhã junto ao litoral a norte do Cabo Mondego. Vento fraco, neblinas ou nevoeiros matinais junto à costa a norte do cabo Espichel

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	19º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	21º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	20º
FARO	25º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.13	4,0 m	8.50	1,1 m
15.28	4,2 m	21.14	0,9 m
Dia 8			
3.41	4,1 m	9.25	1,0 m
16.06	4,3 m	21.46	0,9 m
Dia 9			
4.27	4,1 m	9.58	0,9 m
16.42	4,3 m	22.17	0,9 m

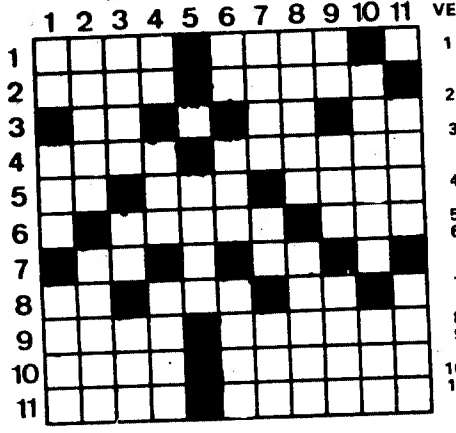
AMANHÃ

NASCER ÁS 7.12
OCASO ÁS 19.56

DIA 8 DIA 16 DIA 23 DIA 30

Palavras cruzadas
COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11464



HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Cousa nenhuma.
2 Tecido forte de linho ou algodão. Pães de milho.
3 Brisa. Erbio (s.q). Artigo definido.
4 Anual. Versejava.
5 Laço. Agarrei. Prender com elos.
6 Caracol de cabelo. Cólera.
7 Moderato. Apelido.
8 Pronome pessoal. Executa. Letra grega.
9 Cidade do Perú. Venerar.
10 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Município.
11 Bebida do Perú. Aves repadoras.

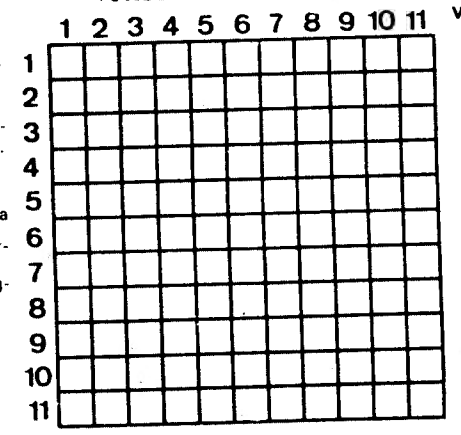
VERTICAIS:

1 Quanto baste. Espaço de doze meses. Pronome pessoal.
2 Nome de planeta. Em excesso.
3 Espécie de gato bravo. Medida japonesa igual a dois decilitros. Maior.
4 Milímetro. Pátria. Exprime por palavras.
5 O mesmo que xiva.
6 Note bem. Sistema montanhoso de Marrocos. O mesmo que zaco.
7 Lavrei. Artigo definido. Oferecer.
8 Descansa. Perfume.
9 Autores. Naquele lugar. Rezar.
10 Batera. Pedra de altar.
11 Nome de mulher. Sulcas a terra.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7624



HORIZONTAIS:

1 Ave galinácea de África. Leitos.
2 Cidade da Argélia. Ócio.
3 Em as. Amimar
4 Estrépito de desmoramento. Serra de Portugal. Miriare.
5 Estacionar. Viração.
6 Rompe. Retoca.
7 Terceiro. Que goza de boa saúde.
8 Artigo definido. Rio de Portugal. Erbio (s.q).
9 Redimis. Prefixo que designa três.
10 Branda. Irmão de Abel.
11 Vencem (fig). Tépida.

VERTICAIS:

1 Distinções.
2 O mesmo que airo. Suspiros. Pronome pessoal.
3 Em as. Letra grega. Chefe etíope.
4 Medida japonesa igual a dois decilitros. Página. Erra.
5 Encaras. Pronome pessoal.
6 Casa de campo. Transfere para outro dia.
7 Colegas.
8 Escrava egípcia de Abraão. Coisa muito ténue. Cobalto (s.q.).
9 Oceano. Dá mios. Espécie de pandeiro usado no N. de África.
10 Aparência. Ilha inglesa no mar da Irlanda. A Irlanda.
11 Falha. Montão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11463

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 NÃO. Nuca. HÁ.	1 Nas. BONITA.
2 Animo. Anual.	2 Amares. Ripa.
3 Saro. Arma.	3 Oire. Citar.
4 Rera. Mora.	4 Mor. Arai.
5 Bem. Use. Ada.	5 Nó. Autos. Be.
6 Os. Atela. Am.	6 SEM. Pag.
7 Cromais.	7 Cá. Melão. Ua.
8 Irias. Orear.	8 Anão. Airó.
9 Titi. Onda.	9 Urra. SENÃO.
10 Apa. Baú. Ais.	10 Hamadã. Adiu.
11 Arregalou.	11 Ala. Amaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7623

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Tróia. Maçam.	1 Talão. Asado.
2 Aotos. Abate.	2 Roía. Cravos.
3 Lia. Nós.	3 Otária. Lias.
4 Aarão. Metes.	4 Io. Ami. Aaro.
5 Imitira.	5 As. Oiro. Ras.
6 Cair. Gama.	6 VA.
7 Ar. Ova. Dá.	7 Ma. Miga. Bar.
8 Sala. Pior.	8 Ab. Era. Porá.
9 Aviar. Borre.	9 Cantam. Irem.
10 Doara. Arena.	10 Atoe. Adorna.
11 Ossos. Ramal.	11 Messe. Areal.

PROVERBIO: Não há bonita sem senão

PUB

COMUNICADO

O QUE FAZ CORRER A COMISSÃO DE GESTÃO DA SANIMAR?

Numa altura em que os trabalhadores começavam a ultrapassar muitas das suas dificuldades e divergências, a Comissão de Gestão da SANIMAR, resolve iniciar a repressão e a ameaçar os trabalhadores e os seus representantes.

Sem qualquer motivo dá ordem de suspensão a um membro da CT.

Para se intrometerem nos assuntos que apenas aos trabalhadores dizem respeito mandam vir cerca de 100 soldados da GNR para «proteger» pouco mais de 30 dos cerca de 300 trabalhadores da empresa.

Coagem os trabalhadores, ameaçando-os com a intervenção da GNR ali presente, a declarar que não farão greve ou por qualquer outra forma deixarão de lutar pelos seus direitos.

Em todos os locais onde se encontrem, os senhores da Comissão de Gestão despeiam ameaças de suspensão.

Seria interminável o rol de provocações e desrespeito pela Lei e os mais elementares direitos dos trabalhadores, cometidos pela Comissão de Gestão nas pessoas de CMDT Marrecas Ferreira, Major Mariz Fernandes e Jansen Verdades. A nós trabalhadores, mais do que inventariar provocações, interessa-nos ver o que está por trás de tudo isto.

Será preparar o caminho ao regresso do «patrão» Virgílio Claudino Esteves?

Será que pretendem eliminar todos os trabalhadores que mais se destacaram na luta em defesa dos direitos dos mesmos?

Será preparar o caminho à suspensão dos trabalhadores que compuseram a anterior Comissão de Gestão?

Qual a próxima suspensão?

Os trabalhadores da Sanimar não toleram tais provocações. Há no entanto que reforçar a nossa unidade e ultrapassar mais esta crise provocada pelo Virgílio Claudino Esteves ou por quem está interessado no regresso deste sabotador.

Lisboa, 6 de Setembro de 1976

Pel'A COMISSÃO DE TRABALHADORES
Arnaldo Garcia Oliveira Canelas

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197).**

CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telf. 630944).
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (Telf. 728277).
AMOREIRAS
Britânica, Travessa Légua da Póvoa 5-B (Telf. 689250).
AREEIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Telf. 726860).
AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (Telf. 44995).
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telf. 344361)
BAIXA
Oliviera, R. da Prata, 240 (Telf. 321415).
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telf. 703393).
LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72 (Telf. 661010).
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Telf. 790332).
OLIVAIS SUL
Nova dos Olivais, Rua Manhica, lote 469 (Telf. 316402).

TURNO D-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (à Praça Paiva Couceiro) (Telf.843571).
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Telf. 725140);
Cartaxo, Avenida da Igreja 21-C (Telf. 717958).
ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A (Telf. 821973).
AREEIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Avenida Sacadura Cabral) (Telf. 770776).
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José 187 (Telf. 326476).
AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Telf. 44158).
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telf. 638132).
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Telf. 780511).
CAMPOLIDE
Rualto Lda., Alto do Carvalhão, 5-A (junto ao Aqueduto das Águas Livres) (Telf. 651721).
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Telf. 688857).
MARVILA
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telf. 385264).
MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107 (Telf. 860450).
S. BENTO
S. Bento, Rua Poiais de S. Bento, 73 (Telf. 679673).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.932485); **Lama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B
S.PEDRO DE SINTRA
Valnetim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T.2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.2113161)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052)
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391)
CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170/281419); **Nova**, E.de Alvide, Fontaínhas (T281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Algarve, R.Fernão Lopes, 1 (T.2750271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes (T.2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.22334711)
SETÚBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cruz (T.22408); **Portugal**, R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 19

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R.d Azevedo, 136; **Gomes Ferreira**, R.Faria Guimarães, 449; **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, R.de Santo Ildefonso, 61; **Lousada**, L.do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE

Ferreira, P.D.Afonso V, 55-B; **Ordem da Trindade**, R.Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, R.de Santa Catarina, 960; **Nau Vitória**, R.Nau Vitoria, 723

COIMBRA

Nazaré, Rua Ferreira Borges, 135 (Telf. 22605);
Santa Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (Telf. 24916);
Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Telf. 72120).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»

MARIA MATOS 21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre faz»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
«EramosDeusesAstronautas?»

CINEBOLSO
19.00 e 21.30 (18 anos)
«Salão Elizabeth»

PRAIS
21.00 (18 anos)
«As francesas e as gaivotas»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«S.P.Y.S. Espiões»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Curandeiro de Alcova»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Massacre em Roma»

EUROPA
21.30 (13 anos)
«Os canhões de Navarone»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os homens nascem iguais»

RESTELO
21.00 (13 anos)
«Pato com laranja»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (13 anos)
«E Tudo o vento levou»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«As Insaciáveis»

RESTELO
21.00 (13 anos)
«Pato Com Laranja»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle, a Anti-Virgem»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«A Espada Invencível»

OUTRA BANDA

Incrível
21.15 (18 anos)
«Disto é que eu Gosto»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Camille»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Caça Grossa»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«História d'O»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»

BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Restos de um Pecado»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Inocentes de Mãos Sujas»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«História de um Pecado»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mr. Hércules Contra Karate»

JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Os Malucos Vão à Guerra»

COIMBRA

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Um Toque de Classe»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Caça ao Canudo»

cinemas

CASTIL
Tel.630194 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Se gostou da Helga não perca

MICHAEL E HELGA

c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi

Não acons. menores 13 anos

IMPÉRIO
Tele. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15

O filme imortal que lançou Barbra Streisand!
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

com Omar Shariff

Um filme de William Wyler
Óscar melhor actriz — 70 mm écran gigante

Grupo C 14 anos

POLITEAMA
Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores 18 anos
3.ª semana — lotaçao esgotada
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos
HITOIRE D'O
2.ª semana

com Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 21.15

Grupo B M. 10 anos
O PISTOLEIRO DESIGNADO POR DEUS

PALACIO FOZ
Cinema de animação
Filmes da
Pantera-Cor-de-Rosa
Sessões: 15.00, 18.00 e 21.00
Bilhetes: Esc.: 5$00
Iniciativa da Direcção-Geral de Acção Cultural

1.º Programa
16.00: Música variada; **17.00**: Canções da Europa; **17.30**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa **18.30**: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**: Pemas e poetas, por Hermínia Tojal — música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: Contraponto — editorial; **24.00**: Fecho.
2.º Programa
15.45: Música coral sinfónica; **17.15**: Intercâmbio musical; **17.50**: Música sinfónica; **18.50**: Músicos célebres; **20.00**: Orquestras de câmara; **21.00**: Música sinfónica; **22.00**: Música de piano; **22.30**: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**: «Missa de Requiem», em ré menor, K. 626, de Mozart; **23.58**: Música de órgão; **00.12**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.
3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)
16.00: Emissão nacional — variante; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Disco... rendo, por Bnernardo Brito e Cunha; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **23.06**: Novas de alegria; **00.00**: Emissão nacional; **01.00**: Emissão nacional; **02.00**: Fecho.
3.º Programa
Local (187,5 m)
16.00: Emissão nacional; **18.00**: Entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade; **20.00**: Cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.
4.º Programama
16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma: **02.00**: Fecho.
RÁDIO RENASCENÇA
16.05: Sequência da tarde; **18.05**: Trechos seleccionados; **18.15**: Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **21.30**: Ao encontro da grande música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Conheça e defenda a arte da sua terra; **00.00**: Meditando; **02.00**: Fecho.

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 15.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história imortal!
um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard

14.ª semana

EDEN
Tel. 320768 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O primeiro grande filme de artes marciais e terror!

KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO

um filme de Roy Ward Baker

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

Um filme que revive o drama das mães solteiras

O DIREITO DE NASCER

com Aurora Bautista e Julio Aleman

5.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70
Tel. 763311 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. menores 18 anos

YAKUZA

4.ª semana

Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)

O TRUNFO É PERDER

CASINO ESTORIL
Tel. 264521/264996 17.00, 21.15

Não acons. menores de 13 anos

DELÍCIAS FRANCESAS

S. JORGE
Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. menores de 13 anos
George C. Scott
E TUVO O BANCO LEVOU
(Bank Shot) Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. 610376 21.00

Interdito a menores de 13 anos

PATO COM LARANJA

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
17.ª semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE A ANTIVIRGEM

16.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930304 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

ABUTRES NA CIDADE

UNIV[illegible]L
Tel. 774402 [illegible]30, 20.30

CICLO EISENS[illegible] de Setembro a 8 d[illegible] inclusive)
14.30 (não [illegible] anos)
16.30, 22.30 [illegible] anos)
O[illegible]
20.30
A LIN[illegible]
Dia [illegible]
Interdito [illegible]
IREI COMO U[illegible]**OUCO**

[illegible]
Tel. 32252314 [illegible] 21.15

Não acons [illegible]

A MULHE[illegible]
CA[illegible]

Com Ma[illegible]

BE[illegible]
Tel. 776098 15 [illegible], 21.15

Não acons. a [illegible] 13 anos

Treine-os! [illegible]ne-os!
... Largue-os [illegible] nazi!

DOZE INDOM[illegible]**ATIFES**

um filme de [illegible] Aldrich

LON[illegible]
Tel. 801313 14.00, 16[illegible] 18.45, 21.15

Não acons. a [illegible] de 18 anos

O filme de I[illegible] Bergman

O AMANTE
(The [illegible])
com Bibi Anderson e Eliott Goul

ROXY
Tel. 48550 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Edwige Senech em

A ESPOSA VIRGEM

com Carol Baker

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

2.ª Semana

HISTOIRE D'O

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel. 897480 15.00, 18.00, 21.15

Para todos

O ESTRAVAGANTE DR. DOLITLE

O super espectáculo das férias em 70 mm

PATHÉ
Tel. 821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24.00

Interdito a menores de 18 anos

O amor para além dos corpos

HISTOIRE D'O

2.ª semana

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel. 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores 18 anos

8.ª Semana de lotações esgotadas

CHOVE EM SANTIAGO

O Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

COINCIDINDO COM A POSSE DE LINO MIGUEL

Içada a bandeira da Flama no aeroporto do Funchal

. FUNCHAL, 7 — A bandeira azul e amarela da organização separatista FLAMA, estava esta manhã içada na placa de estacionamento do aeroporto de Santa Catarina, no Funchal.

Cerca das 9 horas (locais) a bandeira dos independistas ainda ali se encontrava, «hasteada» no alto poste de uma armação normalmente usada no trabalho de substituição de lâmpadas de iluminação da zona.

Trata-se de uma bandeira de grandes proporções, semelhante àquela que foi içada, há tempos, no Palácio de S. Lourenço.

Supõe-se que a nova proeza dos separatistas da Flama tenha sido levada a cabo ontem à noite. Foi aliás notada a presença de três indivíduos suspeitos a rondar o local. Porém, nada fazia prever a sua intenção de ali colocarem a bandeira da «Frente de Libertação do Arquipélago da Madeira».

Tudo indica que os separatistas pretendem «marcar posição» justamente no dia em que o Presidente da República conferiu posse ao primeiro Ministro da República desta região autónoma.

AÇORES

Ciclone mais forte em Ponta Delgada

. PONTA DELGADA, 7 — Milhares de contos de prejuízo é o balanço da passagem do ciclone «Frances» pelo arquipélago açoriano. Os estragos centraram-se sobretudo em Ponta Delgada, mas podem notar-se noutras ilhas dos Grupos Ocidental (Flores e Corvo) e Central (Faial, Pico, S. Jorge, Terceira e Graciosa), igualmente situadas na zona de influência do ciclone.

Nesta cidade de Ponta Delgada o «Frances» provocou vagas alterosas que galgaram o cais, danificaram a estrutura da doca destruiram guindastes, cargas e veículos e ainda arrastaram dois homens para o mar e que só a muito custo conseguiram salvar-se, sendo recolhidos por um navio. As vagas chegaram a atingir, na região, a altura de seis metros.

Segundo as últimas informações meteorológicas o ciclone já se encontra longe dos Açores, para norte, e com tendência a perder actividade.

EXPLOSÃO DE UM AUTOTANQUE

Chamas e pânico em Estarreja

● 27 feridos

. ESTARREJA, 7 — Um autotanque carregado com 38 mil litros de gasolina, que ontem explodiu perto desta vila, causou ferimentos em 27 pessoas, e prejuízos calculados em cerca de oito mil contos. O acidente deu-se na sequência de um despiste, devido a ter falhado o sistema de direcção do autotanque, que foi embater num poste de electricidade.

Eram cerca das 15 horas de ontem quando o autotanque, conduzido por Carlos Oliveira Rebelo, de 44 anos, residente da Povoa de Baixo, embateu no poste, derrubando-o. O curto circuito verificado nessa altura provocou de imediato um incêndio gigantesco que em pouco tempo destruiu o autotanque e um outro veículo pertencente a um médico que se encontrava a prestar assistência a um doente de um prédio das proximidades.

O incêndio do autotanque não se limitou à estrada, pois as casas vizinhas foram atingidas pelas chamas gigantescas que eram alimentadas por 38.000 mil litros de gasolina. Em poucos momentos e segundo as testemunhas, o local transformou-se num mar de chamas difícil de combater. Com efeito as mais variadas corporações de bombeiros que acorreram ao local, tiveram seis horas de angústia e de luta para dominar um incêndio que lhes causou 25 feridos dos quais alguns em estado grave.

Na luta contra o fogo participaram, para além dos bombeiros, dois aviões e um elicóptero da Base Aérea de S. Jacinto, bem como alguns populares preocupados com um incêndio que ameaçava de hora a hora as suas casas. Só às 21 horas é que o fogo conseguiu ser dominado não sem que às 17 e 40, e às 20 horas se tivessem registado duas explosões causadas pelo rebentamento das válvulas de segurança do camião cisterna.

Dos dólares às bombas

Continuação da pág. 1

Entretanto, e para além do Guilherme da Silva Lopes, cujo paradeiro poderá ser um país da América do Sul, donde lhe será mais fácil fazer saques sobre bancos suiços, há outros seis falsários a monte: Manuel da Silva Lopes (irmão do Guilherme) de 45 anos, natural de Canedo do Mato, Mangualde, e e também retornado de Angola; Mário Jorge Mendes Jacinto, 34 anos, natural de Lisboa, S. Sebastião da Pedreira; Filinto José Pereira Anastácio, 38 anos, natural de Azinhal, Castro Marim; João António Gonçalves Pacheco, de 40 anos, natural de Vila Real de Santo António, e Maria Henriqueta Argas Garcia Trigo Moura Belo, 36, natural de Lisboa, S. Sebastião da Pedreira.

Os pedidos de captura foram difundidos através da Interpol, com pedido de extradição.

MOTA FREITAS ALERTAVA OS BOMBISTAS

Enquanto o povo continua esperançado no prosseguimento das investigações sobre a rede terrorista, «até às últimas consequências» — apesar dos vários mandados de captura por cumprir, por terem chegado «atrasados» — novos pormenores chegam ao nosso conhecimento. É o caso dos avisos prévios das operações «stop» mandados pelo comandante da P.S.P. do Porto, major Mota Freitas, ao principal executante-bombista, Ramiro Correia.

Mota Freitas prevenia o seu «súbdito» não só dos locais como até das horas em que iriam decorrer as operações, não fosse algum imprevisto virar o balde... Tudo isto, não obstante as palavras do comandante manifestando empenho em dar caça aos terroristas.

Os factos revelam que a engrenagem estava bem montada. Como nos disseram nos meios próximos dos investigadores, «o major Mota Freitas devia estar bem apoiado». Esperemos que tais apoios não continuem no «segredo dos deuses».

Guilherme da Silva Lopes: de «Rei de Malange» a falsário

Sabe-se também que de entre as bombas imputadas aos detidos, algumas delas terão sido ordenadas por questões pessoais sem que, portanto, resultassem de um plano previamente elaborado pelos «comandos» terroristas. Neste caso se situam algumas das ordens dadas pelo industrial Abílio de Oliveira aos seus mandados. A propósito, soubemos que chegaram a esboçar-se recusas por parte dos executantes por tais ordens não terem a chancela **competente** (ELP/MDLP).

Quanto ao ambiente de segurança e confiança que reinava entre os terroristas, sabemos que a euforia era grande, nomeadamente antes das eleições para a Assembleia da República. Pormenor curioso para ilustrar esta euforia: pouco tempo após a prisão dos assaltantes da «Standard Eléctrica» — um dos braços da rede terrorista — Gonçalo Gonçalves Martins, actualmente em Caias, «prometeu» a um dos assaltantes (o José Luis, que foi da F.N.L.A.) que daí a um mês iriam jantar juntos... Estávamos em Março.

Recorde-se que José Cruz Oliveira da Silva (José Luís como é conhecido) detido em Fevereiro na Póvoa do Varzim, é apontado como o intermediário de um negócio de armas, que não se terá chegado a fazer, entre Gonçalo G.Martins (indigitado pelo C.D.S. para concorrer à presidência da Câmara de Ponte de Lima) e um engenheiro hospedado no Hotel Penta em Lisboa.

A EXPLOSÃO DE MONSANTO

Entretanto, a notícia que publicámos na nossa edição de ontem, relacionada com o possível desaparecimento do processo dos bombistas que morreram na Serra de Monsanto, suscitou controvérsia em certos meios.

Novos contactos estabelecidos pelo «DL» com uma fonte de informação responsável, levam a concluir que, ligado à explosão de Monsanto, está ainda um indivíduo de Trancoso, «acima de toda a suspeita» e que na altura (26 de Setembro de 1975) se refugiou em Espanha.

Entretanto, o «ambiente» parece-lhe agora favorável, e o indivíduo em questão tem sido visto ultimamente, com certa frequência, em Trancoso.

Impasse na África Austral

Continuação da pág. 1

mesmo objectivo («mão de ouro»), o primeiro-ministro britânico, James Callaghan.

O secretário de Estado norte-americano tenciona regressar esta noite a Washington — e se os presidentes dos cinco países da Cimeira de Dar es-Salam concordarem, irá à África na próxima semana para dar início a uma campanha diplomática entre a África do Sul e os países vizinhos.

PROSSEGUE A CIMEIRA DE DAR-ES-SALAM

Contrastando com toda esta actividade de Henry Kissinger, cinco presidentes africanos continuavam ainda hoje reunidos em Dar-es-Salam, «tentando estabelecer a paz entre os nacionalistas negros desavindos da Rodésia e aguardando um emissário do secretário norte-americano de Estado.

Os cinco chefes de Estado que participam na Cimeira São Julius Nyerere (Tanzânia), KennethKaunda(Zâmbia),Seretse Khama (Botswana), Samora Machel (Moçambique) e Agostinho Neto (Angola).

Vorster e Kissinger terminam o encontro de Zurique. «Questões complicadas, mas alguns resultados frutíferos» — declararam ambos os estadistas aos jornalistas. Entretanto, prossegue a Cimeira de Dar-Es-Salam, com a aval da O.U.A., de cujas conclusões depende aida de Kissinger à África Austral

A Organização da Unidade Africana (O.U.A.) atribuíu aos cinco presidentes responsabilidade especial para tratarem da questão da Rodésia — a colónia dissidente britânica governada por uma minoria branca (Ian Smith).

Contudo, os interlocutores têm também debatido o futuro da Namíbia (Sudoeste Africano), que a África do Sul tem continuado a administrar, desafiando as Nações Unidas.

Três grupos rodesianos estão também representados na Cimeira: a facção interna, com sede em Salisbúria, do Conselho Nacional Africano (C.N.A.), dirigida por Joshua Nkomo; uma outra facção interna do C.N.A. chefiada pelo reverendo Sithols e o bispo Abel Muzorewa; e o Alto Comando dos guerreilheiros nacionalistas em luta dentro da Rodésia, designado, por vezes, por «Terceira Força».

A certa altura, às primeiras horas da manhã de hoje, os presidentes deixaram a sós todos os grupos rodesianos, aparentemente numa tentativa para resolução dos seus diferendos. A.S.W.A.P.O.(Namíbia) encontra-se igualmente presente, na pessoa dos respectivo presidente, Sam Nujoma.

Tratamento de lixo

. PORTO, 7 — Está em estudo a criação de uma nova central de tratamento de lixos ao sul do Douro para servir o Porto, prevendo-se ainda a ampliação da existente em Ermezinde (Fertor) cuja capacidade de trabalho já não abarca as necessidades actuais. Este problema foi tratado ontem durante uma reunião que os técnicos da Comissão Nacional de Ambiente tiveram com a Comissão Instaladora da Empresa Pública de Saneamento Básico, reunião que teve por objectivo acertar medidas de apoio àquela empresa pública nos domínios de abastecimento de água e ainda de esgotos e lixos.

Nota tome

ENTREVISTA

O coronel Lino Miguel, ontem empossado como ministro da República da Madeira, concedeu uma entrevista ao jornal «O Dia», que a publicou na sua edição do dia 6. Entrevistador: António Ramos, ex-ajudante-de-campo de António Spínola, ex-preso por alegadas implicações no «11 de Março».

Na biografia, que o entrevistador publica sobre o coronel Lino Miguel, dá-se a conhecer que «no difícil período da descolonização, foi nomeado promotor de Justiça do Tribunal especial do 11 de Março», e que «devido em grande parte à sua acção esclarecida e à sua perseverança, este tribunal acabou por ser extinto, uma vez demonstrada a sua ilegalidade».

OUTRO SANEAMENTO?

Corre com insistência nos serviços ligados à Direcção-Geral de Investigação e Protecção dos Recursos Aquáticos que o respectivo director Mário Ruivo, seria em breve afastado. (Saneamento? despedimento? rescisão do contrato? substituição?) Isto acontece precisamente quando Mário Ruivo se encontra ausente. Esta em Nova Iorque, na Conferência do Mar. É também nesta altura que aparece publicada no jornal «A Luta» uma extensa entrevista com o subdirector daqueles serviços, Rui Monteiro.

Será que o Governo (da «competência») ira prescindir dos serviços de um especialista internacionalmente conhecido e respeitado?

. Será algum favor que o Governo estará a fazer a organismos internacionais, como por exemplo a FAO, onde Mário Ruivo já trabalhou e onde, eventualmente, poderia arranjar novo emprego?

Vice-governador pede demissão

. O vice-governador civil de Lisboa, Maria Luísa Salinas pediu a demissão do seu cargo por considerar que «a orientação política definida pelo Governo quanto ao preenchimento de lugares de governadores civis não lhe permite continuar com a honestidade a desempenhar as suas funções».

Maria Luísa Salinas é, membro do PPD, e teria segundo a Anop, posto já o seu lugar à disposição do tenente-coronel Costa Brás, ministro da Administração Interna.

Carlos Azeredo

. Ao contrário da notícia publicada por um matutino do Porto, o tenente-coronel Carlos Azeredo não foi nomeado comandante do Regimento de Cavalaria do Porto.

O ex-comandante militar da Madeira apresentou-se ontem no Estado-Maior, encontrando-se o seu processo em despacho, o que poderá demorar ainda uns dias.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.